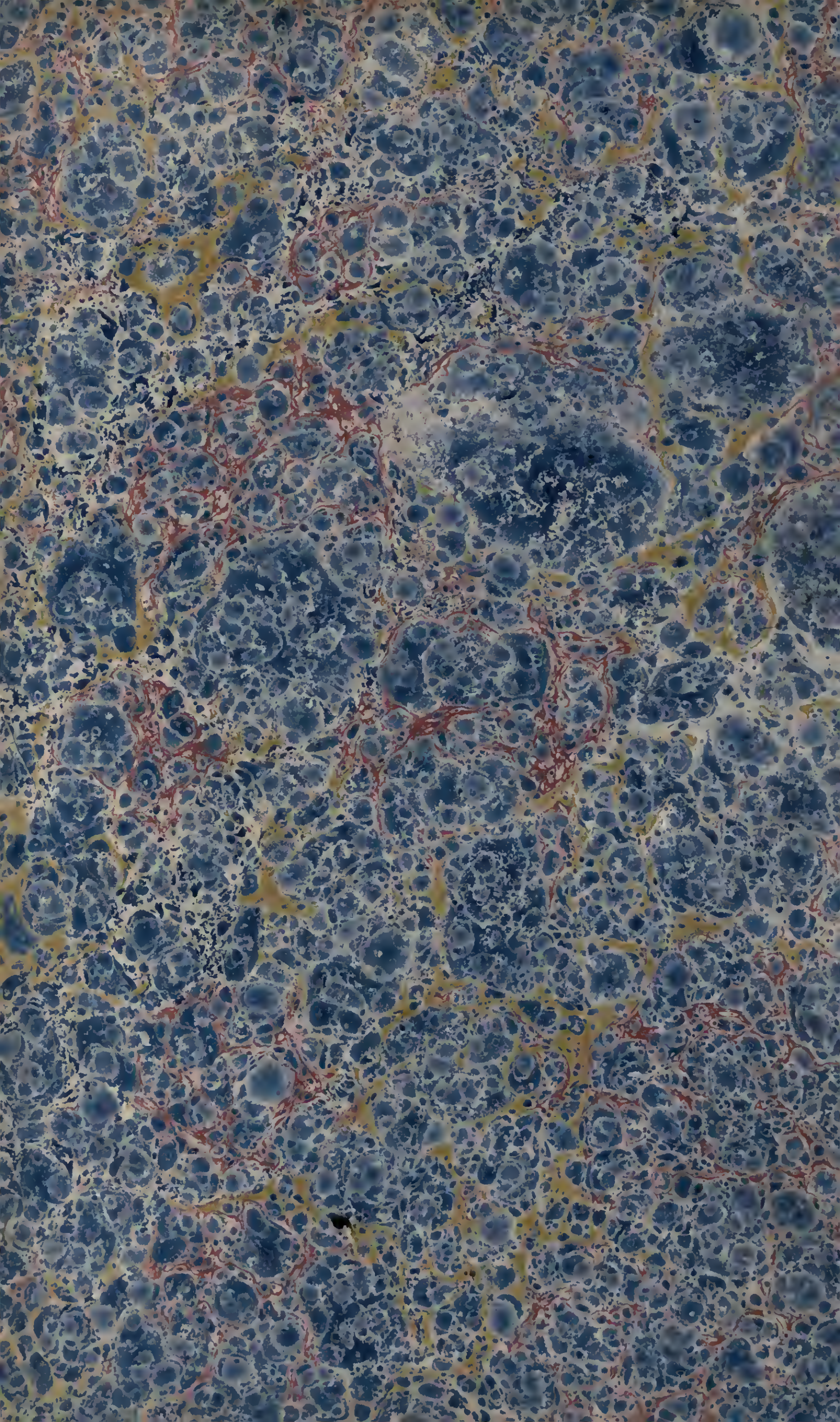
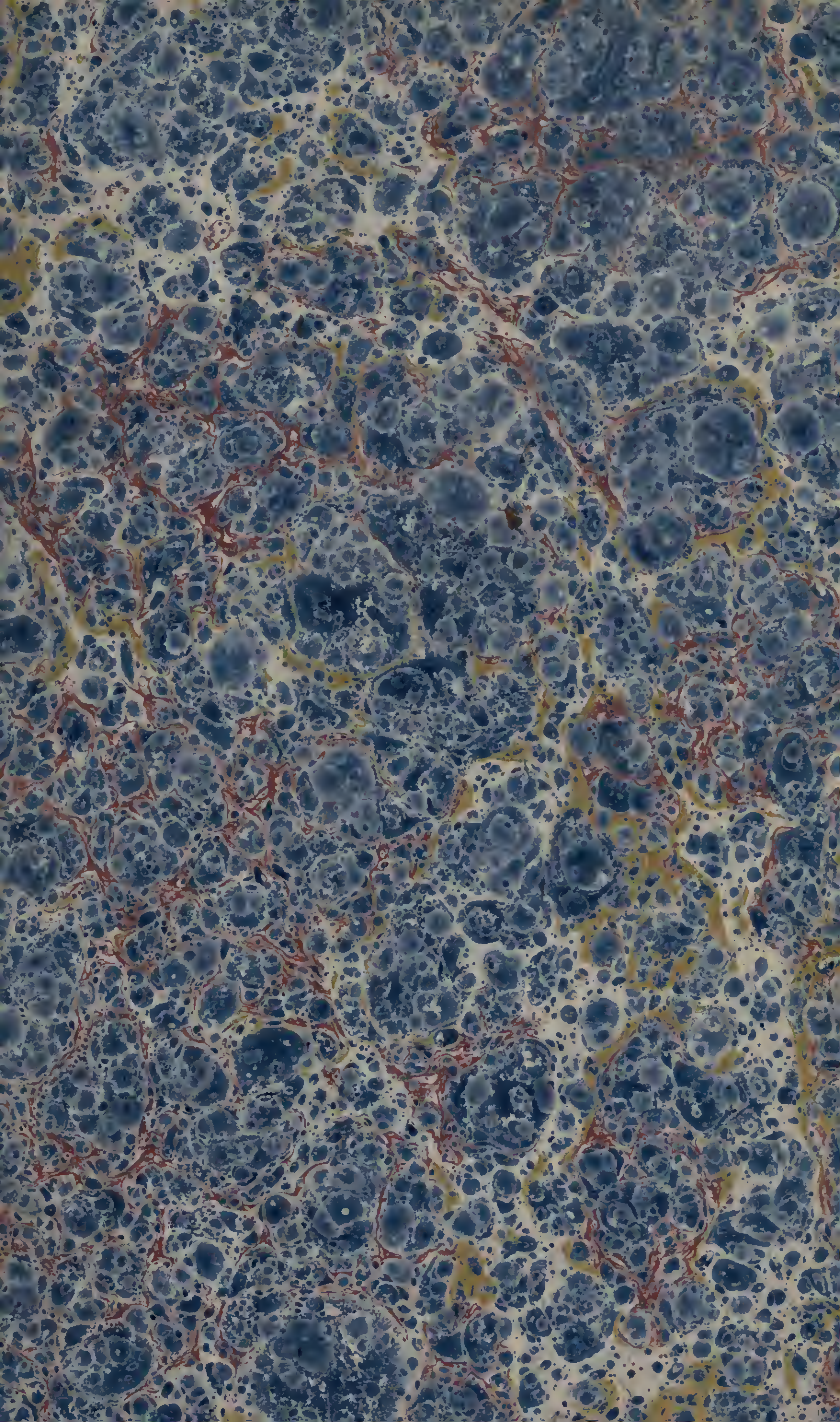






Ao seu Ex.mo Amigo José Luiz Estrela of.e com muito prazer o P.e M. L. Fragoso

Viana, 17-VIII-928

Livro N: 44

OBRAS POETICAS

DO

REV.DO ANTONIO PEREIRA DE SOUZA CALDAS.

TOMO SEGUNDO.

M. Fragoso

[illegible]

POESIAS
SACRAS E PROFANAS

DO

REV.DO ANT.° PEREIRA DE SOUZA CALDAS,

COM

AS NOTAS E ADDITAMENTOS

DE SEO AMIGO

M. Fragoso

O TENENTE-GENERAL

FRAN.CO DE BORJA GARÇÃO-STOCKLER,

DADAS A' LUZ

PELO SOBRINHO DO DEFUNTO POETA,

ANTONIO DE SOUZA DIAS,

Fidalgo da Casa Real, Cavalleiro professo na Ordem de Christo, Consul Geral de Sua Magestade Fidelissima na Cidade do Havre de Graça, etc.

PARIZ,

Na Officina de P. N. ROUGERON, rua de l'Hirondelle, N.° 22.

1821.

LIBRARY
JUN 6 1968
UNIVERSITY OF TORONTO

PQ
2019
P38A17
1821
v.2

POESIAS
SACRAS.

ODE I.ª

SOBRE A EXISTENCIA DE DEUS.

Strophe 1.ª

A LUZ se faça ; e subito creada
A luz , resplandecendo
A voz ouvia que aviventa o nada ;
D'entre as trévas se foi desinvolvendo
O cháos, que estendendo
A horrenda face , tudo confundia,
A terra, e o mar, e os ceos, e a noite, e o dia.

Antistrophe 1.ª

Mas tu quem es, ó cháos tenebroso ?
De quem o ser houveste ? (1)
De algum Deus per ventura poderoso,
A cujo aceno tu tambem cedeste ?
Ou acaso nasceste
De ti mesmo ante o tempo , e a tua edade
Tem ,por termoe principio , a Eternidade ?

Epode 1.º

Resoa altiva lyra
De novo, entre os meos dedos vencedores,
Dos soberbos altisonos cantares,
Que em seos muros ouviram
A Grecia fertil em saber profundo,
E a bellicosa Capital do mundo.

Strophe 2.ª

O' necessaria e immortal verdade
Dos seres creadora,
Hé possivel que, involta em' scuridade,
A par de ti, a vil destruidora
Da ordem da beldade,
A negra confusão, a frente alçasse,
E comtigo, ante o tempo, se avistasse!

Antistrophe 2.ª

Que mortal, da razão as leis pizando,
Igual a natureza
Da ordem, da desordem reputando,
Da fealdade, e divinal belleza,
Da força, e da fraqueza,
Chamou o inerte cháos *existente*
Necessario, qual hé o Omnipotente?

Epode 2.º

O peito se embravece:
Voraz zelo as entranhas me consome.
Ah! foge, erro feroz, respeita o nome
Daquelle a quem conhece
Por SENHOR o Universo; e em vão gemendo
No abismo, esconde teo furor horrendo.

Strophe 3.ª

Faze, ó razão, soar a voz augusta
Que as róchas desaferra,
E que as forças do Averno abala, assusta:
Escutai, altos Ceos: ergue-te ó Terra,
A fronte desencerra;
Attenta de meos versos a armonia:
De novos pensamentos a ousadia.

Antistrophe 3.ª

Inda o sceptro quimerico empunhava
O Nada, avassalando
Informe reino, e vão, que dominava
A seo lado o silencio venerando;
E tudo, repousando
No seio incerto e immenso do possivel,
De existir era apenas susceptivel.

Epode 3.º

Sómente a Eternidade
Concentrada em si mesma, em si contida,
Em si gozando interminavel vida,
Perenne mocidade,
Com infinitas perfeições brilhando,
Sotopunha os futuros a seo mando.

Strophe 4.ª

Ao som de sua voz omnipotente
O possivel se aterra;
O nada se fecunda; e de repente
Atonitos produzem ceos, e terra,
E o espaço que os encerra:
Começa então o tempo pressuroso
A curva foice a manejar iroso.

Antistrophe 4.ª

As agitadas ondas se separam
Da terra que cobriam,
E no vasto Oceano se abrigáram:
As fructiferas arvores nasciam:
De pennas se vestiam
As animadas aves; e de vida
Animaes de grandeza desmedida.

Epode 4.º

O homem aparece,
Alçado o nobre collo, e vendo ao lado
Da molher o semblante lindo e amado,
Por quem morrer parece:
De raios e de luz se rodeava
Phebo, que almo calor a tudo dava.

Strophe 5.ª

Sem Ti, Eterno Ser, ninguem podéra
O véo misterioso
Que encobre a creação, com mão sincera
Rasgar; e descobrir maravilhoso
Principio luminoso,
Que a origem fecunda da existencia
Do Orbe faça ver, com evidencia.

Antistrophe 5.ª

Tece embora, escriptor endurecido,
Philosopho arrogante,
Extenso fio nunca interrompido
De seres que perecem: se hum instante
Vacillas inconstante,
Sem novo anel prenderes á cadêa,
Do teo mundo desfaz-se até a idéa.

Epode 5.º

Abre os olhos, e estende
Do frio norte ao sul tempestuoso,
Ou antes ao lugar onde formoso
O louro sol descende,
Com passo agigantado mede a terra,
E com raios a noite escura aterra.

Strophe 6.ª

Um pouco te levanta ao firmamento,
Nos astros que o povoam,
Prende o teo vagabundo pensamento:
Conta-os, se a tanto os teos desejos voam:
Ah vê como pregoam (2)
Em vóz sonora o nome triunfante
Daquelle que os sujeita a lei constante.

Antistrophe 6.ª

O verme que no campo resvalando,
Ergue a movel cabeça;
A aguia sóbre as nuvens remontando,
E do ar retalhando a massa espêssa;
A garganta travêssa
Do leve rouxinol, e o peito forte
Do leão, que esbraveja, e insulta á morte:

Epode 6.º

O mar embravecido,
A terra de mil fructos, que a guarnecem
Toldada, com que as forças reverdecem
Do homem atrevido:
Tudo aponta a suprema Intelligencia,
Adoravel autora da existencia.

Strophe 7.ª

Qual o dourado habitador de Quito,
(Morada da crueza,
Onde em ferreo grilhão suspira afflicto
O docil Indio, desgraçada preza
Da Europea avareza)
Se vê tremer a terra e abrir-se, corre
Fugindo em vão, que entre as ruinas morre:

Antistrophe 7.ª

Assim vaidoso atheo, que maneatando
A razão, se adormenta;
Se medonho trovão ouve troando,
E irada a natureza um poco attenta,
Espavorido intenta
Fugir em vão á luz, que um Deus potente
Per toda parte lhe faz ver presente.

Epode 7.°

Furioso procura
Embrenhar-se em veredas não trilhadas:
Ali de novo afia armas usadas
Com que a razão escura
Abate quasi; até que em fim na morte,
Do Deus, que nega, encontra o braço forte.

Strophe 8.ª

O' tu, reconcentrado immenso Oceano
De desejos ferventes,
Insaciavel coração humano,
Que debalde com ancias sempre ardentes
Forcejas por contentes
Passar da vida fugitiva e escassa
Os momentos, que a Parca ao longe ameaça

Antistrophe 8.ª

Se o cego Pluto todo o seo thesoiro
Desfechasse brioso
E te assentasse sobre a prata, e oiro,
Que nelle encerra; se mavorte iroso (3),
Guerreiro mentiroso,
De loiro em mil conquistas te c'roasse,
E a teos pés o orbe inteiro ajoelhasse:

Epode 8.º

Se a perfida Belleza (4)
De graças e de risos brincadores
Rodeada, e de fervidos amores,
Por toda a redondeza
Te idolatrasse só: tu gemerias
Ainda, ó coração, suspirarias.

Strophe 9.ª

Mais alto hé teo magnifico destino. (5)
Mas onde achaste, ó lyra,
Este som que hoje soltas, som divino?
Novo abrazado espirito me inspira (6),
Sublime fogo gira
Vivido em minhas veas; escutai-me,
O' mortaes, e de c'roas adornai-me,

Antistrophe 9.ª

A ave pelos ares pressurosa
Contente se abalança:
Disprende em paz a voz armoniosa,
Sem temor, sem sentir outra esperança:
Se ingrata fome a cança,
Aquí, alí pousando o bico agudo,
Satisfeita vegeta, e esquece tudo.

Epode 9.º

Rumina o boi pesado
Na estreita manjadoura a leve palha,
E o seo carnoso coração encalha
No circulo acanhado,
Que a fome lhe traçou; tal he a sorte
Do animal, seja fraço, ou seja forte.

Strophe 10.ª

O Infinito, ó idea soberana!
Eis o termo anhelado,
Que só póde fartar a mente humana.
O' Deus! ó Providencia! assim gravado
Teo nome sublimado
Em letra mais que o bronze duradora,
No intimo de nós altivo mora.

Antistrophe 10.ª

O' ceos, de um Deus morada, onde se ostenta
A inexausta riqueza,
O eterno prazer, com que alimenta
Os varões, que com solida grandeza
A bruta natureza
Fortes domando, a Deus so aspiraram;
E á virtude só votos consagraram.

Epode 10.°

Dia grande, e formoso
Aquelle, que findando o tempo, e a porta
Da eternidade abrindo, deixa absorta
Em pasmo delicioso
A alma nobre do justo, que abismada
Vê raiar do seo Deus a face amada.

Strophe 11.ª

Onde, ó homem, ser fraco, onde encontraste
A imagem do infinito?
Ou donde ao coração a transplantaste,
Para deixa-lo a suspirar afflicto?
Se o mundo, circunscrito
Em limitado espaço, te estreitava,
E teos vastos desejos encurtava?

Antistrophe 11.ª

Ergue as mãos, de amargura penetrado,
E com fervente pranto
Os teos olhos no chão fita humilhado.
Entoa magoado triste canto,
Ao veres com espanto
Como, ingrato, te esquece o premio eterno
Com que te acena o alto Ser superno.

Epode 11.º

Os ceos, a terra, os mares,
Do Creador á lei obedecendo,
Se estám nos seos limites revolvendo
Per modos regulares:
O homem só, rebelde as leis despreza
Do supremo Senhor da natureza.

OBSERVAÇÕES, E NOTAS.

(1) Ainda que, cedendo á vontade de meo defuncto amigo, me resolvi a fazer algunas pequenas correções nas suas obras; não hé justo, que o publico deixe de ser informado das principaes alterações, que pratiquei, e das razões em que me fundei: afim de que, se com alguma das emendas a que me resolvi, deteriorei as composições de um poeta, e escriptor tam distincto pelo seo saber e gosto, os meos defeitos lhe não sejam atribuidos, antes sim se considerem meos, como na realidade são, e possam merecer a indulgencia a que lhes dá direito a escassez de meos talentos, e a pureza dos sentimentos, que os dictaram.

Este verso estava no original da maneira seguinte:

D'onde o sér recebeste

Não tendo eu porém já mais encontrado o adverbio de logar — *onde* — figurando no discurso, como um relativo pessoal, entendi ter havido inadvertencia da

parte do autor, e por isso lhe fiz a pequena mudança com que vai no corpo da obra.

(2) Tambem este verso foi por mim alterado. No original lê-se

Ah vê como resoam:

regeitei esta lição por não ter jamais encontrado em classico algum nacional o verbo — *resoar* — em significação activa.

(3) Pela mesma razão substitui tambem neste verso o verbo — *encerrar* — ao verbo — *engolfar*, que se lia no original.

(4) Junto do original em um papel da letra de outro amigo do autor achei este epode escrito da maniera seguinte:

Se a perfida Belleza
Risonha em graças, mimos e favores
Te prometesse, e fervidos amores;
Se em toda a redondeza
Te idolatrasse so, tu gemerias etc.

Sendo possivel que o autor conservasse esta variante alhea ou propria, reservando decidir-se na escolha da lição que adoptaria, quando tirasse finalmente a limpo esta composição, julgei a proposito conserva-la para que o leitor prefira a que melhor lhe parecer.

(5) Maior he teo magnifico destino

he a maneira porque este verso se achava no original, tendo ao lado a indicação de huma emenda ainda não preferida, que substituia *mais grande* a maior. Inferindo d'aqui que o autor não estava contente deste verso, o emendei como se acha no corpo da ode. As

razões, que me movem a supôlo melhor que o acima escrito, são assaz palpaveis para dispensar-me afoitamente de expôlas n'este logar.

(6) No original lia-se

Hum novo esp'rito me arrebata e inspira

a manifesta dureza d'este verso me determinou a altera-lo.

CANTATA I.ª

A CREAÇÃO.

Recitativo 1.º

JA do tempo voraz se divisava
A ferrea curva foice reluzindo;
Despiedado, umas vezes meneava,
Outras vezes ao longe desferindo,
Em torno de si mesmo a agitava:
Quando o Nume potente
A cujo aceno o tempo audaz nascera,
Fez retumbar a voz, que tudo impera;
Os abismos do nada estremeceram
E ao Deus grande, e clemente
Os possiveis tremendo obedeceram:
Atonito levanta a escura frente
O cháos rodeado
De confusão e horror: inda a Belleza
Com pincel variado
Não ornava a recente natureza.

Aria 1.ª

Tranquilas jazendo,
As ondas dormiam
Que a face cobriam
Do cháos horrendo.

Ao leve soprar
De um zefiro brando,
Vida vai cobrando
O languido mar,
Do vasto Oceano
No seio se encerra;
E a madida terra
Deixa respirar.

Recitativo 2.°

A luz resplandeceu, e o firmamento
Que em denigridas sombras se involvia,
Mostrou formoso o seo soberbo assento:
De graças, e esplendor se revestia
O magestoso dia;
Quando, cheo de pompa e luzimento,
O sol rompeu nos ares, dardejando
De animante calor celestes raios.
Enternecido, triste sentimento
Magôa o rosto lindo
Da noite descontente,
Que a ausencia de Phebo luminoso
Assim terna annuncia:
Emtanto desferindo
Escassa luz em throno tenebroso,
Sobre nuvens o sceptro reclinando,
A lua os ceos, e terras alumia.

Aria 2.ª

Fulgentes estrelas
Nos Ceos resplandecem:
Na Terra verdecem
Mil arvores bellas.

Os montes erguidos,
Os vales retumbam.
Ao som dos rugidos,
Dos feros leões.

Nas azas sustidas,
As aves revoam:
Nos ares entoam
Sonoras canções.

Recitativo 3.º

O' Terra! ó Ceos! ó muda natureza!
Trasbordai de alegria: triumfante
Das entranhas do nada surge o homem:
Eis aparece; e a candida Belleza
O sisudo semblante lhe ennobrece.
Seo magestoso porte
Soberano do mundo o patentea.
Gravada mostra n'alma a augusta imagem
Do Senhor adoravel
Que o immenso universo senhorea:
De sua pura carne se teceram
As meigas graças, que no rosto amavel

Da Mulher carinhosa,
Com suave doçura resplandecem.
Apenas a diviza transportado,
Tu es o meo prazer, que novo encanto
Eu vejo! lhe dizia; e arrebatado
Em delirio amoroso,
Mil vezes em seos braços a apertava,
E todo o extenso mundo,
Por ella so, deixar pouco julgava.

Aria 3.ª

Qual rosa engraçada
Que Zefiro adora,
Terna e delicada;
Enredo de Flora:

Assim he mimosa
E linda a Mulher
E o homem se goza
Em se lhe render.

Qual grita entre as feras
Leão rugidor,
Derramando em torno
Gelido terror:

Tal se mostra o homem
Sobre toda a terra;
Tudo rende e aterra
Em arte e valor.

Recitativo 4.º

O mundo era creado, e trasluzia
Em toda parte o braço omnipotente,
Que fizera raiar a noite, e o dia.
Da frigida semente
Outra vez novo ser se produzia;
Animada ao calor do sol ardente:
Tudo em vida fervendo parecia.
Fecundo recebera
Virtude de crescer, multiplicar-se,
O animal que á fera
Impia morte soubera sugeitar–se.
Então o Creador arrebatado
Em divino prazer, almo, infinito,
Olhou dos Ceos o livro sublimado
Que com as suas mãos havia escrito,
E assim falou: Ouvi cheos-de susto,
Mortaes, a voz do Deus immenso, e justo.

Aria 4.ª

Os Ceos entoam
Minha grandeza,
Os seres todos
Juntos pregoam,
Per varios modos,
Do eterno ser

O incomparavel,
Grande, inefavel,
Alto poder.

A minha gloria,
Homem, respeita;
Rendido, aceita
Meo mandamento.
Traze á memoria,
Que o Firmamento
Por ti criei:
Que o Mar e a Terra
E o que ella encerra
Tudo te dei.

Se me adorares
Com vivo amor,
E me ofertares
Santo temor;
Per mim o juro,
Minha presença
Ao peito puro
Eu mostrarei,
E recompensa
Tua serei.

Mas se quebrares
O meo preceito,
E sem respeito
O profanares

Da morte fera
A mão severa
Tu sentirás:
E emvão gemendo,
No averno horrendo,
Me chamarás.

OBSERVAÇÕES.

Esta cantata, e a ode que a precede, estám cheas de imagens atrevidas, e novas na poesia portugueza. He verdade que ellas não podem sustentar uma rigorosa analyse philosophica: mas nas composições desta natureza não ha ja mais audacia excessiva de imaginação. Não será dificil mostrar, em Milton e Klopstock, iguaes atrevimentos poeticos: apezar de que na poesia epica elles tenham menos logar, de que na lyrica. Gray, e Young abundam em imagens igualmente atrevidas, e alheas dos principios, e exactidão philosophica: e nem por isso deixam de merecer a estimação, e apreço dos seos compatriotas; e mesmo dos estranhos que as tem trasladado do idioma Inglez para o seo. Terá per ventura a poesia dos povos septentrionaes algum privilegio exclusivo de que não goze a poesia dos meridionaes? . . . Qualquer que seja o juizo que os literatos portuguezes actuaes formem deste novo modo de poetizar: eu me persuado que assumptos tam aridos, e ao mesmo tempo tam su-

blimes e transcendentes não poderão d'outra sorte ser tratados poeticamente com a dignidade, que lhes convem : e que a posteridade será reconhecida ao meo defuncto amigo, por haver introduzido esta nova maneira e gosto na nossa poesia nacional.

ODE II.ª

A' IMMORTALIDADE DA ALMA.

Strophe 1.ª

SONORA, e immortal lyra
Que o Thebano cantor não desdenhava
Sustentar em seos braços;
Quando, inflamado de celeste fogo,
Os heroes celebrava,
Que na carreira olimpica a seo carro
A victoria prendiam venturosos.

Antistrophe 2.ª

Tu, que suberba ousaste
Annosos troncos arrancar, e a furia
Do mar embravecido
Tornaste branda mais que o brando Zefiro,
Dos ingremes rochedos
Mil vezes viste o escarpado cume (1)
Pendente para ouvir teo som divino.

Epode 1.º

Conhece a destra mão, que a natureza
De armonia cercou, e n'outro tempo
As tuas aureas cordas
Corria soberana
Da indocil Lysia nos dormentes campos.

Strophe 2.ª

Olha como ligeiro
A fervida carreira o tempo volve,
E fugitivo acena
O momento fatal, emque inhumana
Vai o punhal buido
No coração cravar-me a Morte crua (2)
E entre sombras cerrar meos frouxos olhos.

Antistrophe 2.ª

De balde te alvoroças,
O' morte deshumana; se pretendes,
Com frivola ousadia,
A frias cinzas reduzir-me inteiro:
Teo braço furibundo
Meo corpo desfará: mas de teos golpes
Illesa zombará minha alma intacta.

Epode 2.°

Qual ao nauta se pinta o manso porto,
Quando, bramindo o vento, o mar lhe agoira
Imminente naufragio:
Tal da immortalidade
Me transporta o sublime pensamento.

Strophe 3.ª

Abala destemido,
O' invicto Sansom, lança per terra
As lugubres columnas
Que em sepulchro commum ham de encerrar-te
Com teos crueis imigos:
Não recees ficar todo jazendo
Nos fracos muros da traidora Gaza.

Antistrophe 3.ª

Da mão omnipotente
Abrázado desceu o nobre esprito
Que o homem engrandece
Sobre a inerte, pesada e vil materia;
E, em rapido momento,
O passado e presente retratando,
Sobre o mesmo futuro estende a vista.

Epode 3.º

Mais veloz do que a setta fende os ares,
Em um ponto indiviso se afigura
Mil diversas imagens,
Que soberano arrosta,
Separa, ajunta, considera, e julga:

Strophe 4.ª

O tempo em vão reforça
O musculoso braço, e fero intenta
Em partes retalha-lo:
A cortadoura foice so encontra
No humano entendimento
A essencia simples, que combina altiva
De um golpe ideas entre si distinctas.

Antistrophe 4.ª

O' virtude adoravel!
O' tu das grandes almas nobre encanto,
Do homem nas entranhas
Teo nome está impresso: embora o vicio
O coração lhe embote:
Se vê luzir na terra a tua imagem,
Enternecido para, e te contempla

Epode 4.°

Em seos gestos trasluz a liberdade :
Livre, escolhe seguir as solitarias
Veredas da justiça;
Ou se entranha, imprudente,
Do vicio no enredado labyrinto.

Strophe 5.ª

Mas que horror repentino
Do sangue o curso em minhas veas prende (4) !
Da morte o horrido livro
Eu vejo abrir-se ! A despiedada penna
Que o traçou, ensopada
Foi em sanguinea tinta : só cruentos,
Lugubres caracteres la divizo.

Antistrophe 5.ª

Ja mal se avista a historia
Da primitiva edade do Universo;
Nos alagados braços
A vida inda recente lhe suffoca
Deluvio deshumano ;
De novo surge : mas de novos homens
Nações inteiras aqui vejo escritas.

Epode 5.°

Ah! he certo, Deus grande, sim da morte (5)
A inexoravel, tragadoura foice
Talha, destrue, consome
Quanto encerra o universo;
Nem lhe resiste o bronze endurecido.

Strophe 6.ª

So firme, e perduravel (6)
O espirito do homem a despreza,
Seo golpe afronta intrepido.
Não vacila um instante, ao ver que tudo
Quanto existe annuncia,
No Creador supremo, eterno Nume,
O amor da justiça, e da virtude.

Antistrophe 6.ª

O vicio triumfante
Vê na terra empunhar suberbo sceptro:
De mal cortado louro
Cingindo a refolhada, astuta frente:
Em quanto algoz infame
Com afiado alfange la destronca
A cabeça do justo desgraçado.

Epode 6.º

Do infinito Ser a idea augusta
Em tanto se lhe aviva : e imperioso
Magnifico desejo
O' coração lhe exalta ,
E para o summo bem ancioso o leva.

Strophe 7.ª

Então arrebatado
De insolito prazer exclama : ó grande,
O summa potestade
Que em meo peito gravaste o amor da ordem,
E de gozar-te um dia
Fervorosa apetencia me inspiraste !
Seria em vão que tudo assim fizeste ?

Antistrophe 7.ª

Deste-me o sentimento
Sublime d'ordem , so para tornar-me
Espectador afflicto
Da desordem que em todo o vasto mundo
Sacode ardentes fachos ?
Já mais o vicio gemerá punido ?
E a virtude infeliz será sem premio ?

Epode 7.º

Suspirarei em vão por adorar-te,
Face a face, em dilicias inefaveis?
Desejo interminavel
Devorará minha alma
Que contemplar-te de continuo anhela?

Strophe 8.ª

Eu não te temo, ó morte,
Em vão me encaras com suberbo aspecto:
Erguendo a immortal frente,
No seio immenso do supremo Nume
Abrigado, a victoria
Heide arrancar-te n'esse mesmo instante,
Emque cruel aniquilar-me intentas.

Antistrophe 8.ª

Vem, ó minha esperança,
O' immortalidade, vem cercar-me:
Teo nome só estreita
O peito do malvado, que despreza
A placida virtude,
E com tremula boca o Nada invoca,
Para esquivar-se á merecida pena.

Epode 8.º

Troe embora do Averno a voz medonha,
Que temeraria intenta combater-te:
Tortuosos sophismas
Deslumbram, mas não podem
Da verdade extinguir a luz brilhante.

OBSERVAÇÕES, E NOTAS.

(1) Esta ode; bem como quasi todas as outras, existem nos originaes do autor escritas mais de uma vez. Nas copias mais correctas se acham estes dous versos da primeira antistrophe da maneira seguinte.

Pendente viste o escarpado cume,
Mil vezes, para ouvir teo som divino.

Como porém em alguma d'ellas achasse signal de que o autor não estava plenamente satisfeito com os ditos versos, e elles me parecessem menos perfeitos do que convinha á belleza deste poema, me determinei a fazer-lhe a pequena alteração comque vão escriptos; com a qual, a meo ver, fica mais perfeitamente o sentido dos mesmos versos destruindo toda a aparencia de amphibologia.

(2) Estes dois versos liam-se no original assim

E seo punhal brandindo,
Morte horrenda vai cravar-me o golpe.

(3) No original lia-se.

Teo braço descarnado
Pode o corpo ferir, mas permanente
De mim fica a porçao mais nobre e bella.

(4) Esta strophe acha-se assim escripta no original.

Mas que horror repentivo
As veas me circula espavoridas?
Da morte o immenso livro
Eu vejo abrir-se. Em sangue sé ensopava
Apenna que o traçára,
E as mal abertas letras só parecem
De atro sangue um tessido triste, e horrendo.

Que um horror repentino prenda, e como que gele o sangue nas veas, nada ha mais natural. Virgilio para exprimir o horror que causára a Eneas o sangue de Polydoro, gotejando das raizes do arbusto, que havia nascido em cima da sepultura d'aquelle desgraçado principe, põe na boca do seo Heroe estas palavras.

. . . . mihi frigidus horror
Membra quatit, gelidus que coit formidine sanguis.

Eneas estremeceu, e gelou-se-lhe o sangue; este he o effeito natural de um grande, e subito horror: mas um horror repentino circulando pelas veas, e estas sentindo-se espavoridas, são imagens senão improprias, pelo menos summamente atrevidas. Com tudo, como a liberdade que me foi concedida pelo autor, ou antes o preceito que per elle me foi imposto, em o leito da morte, de rever, e corrigir suas obras, me

me não autorise para antepôr absolutamente o meo juizo ao seo, principalmente em materias de gosto em poesia, para as quaes o meo espirito he tam acanhado, quanto o seo era extenso: por isso deixo sempre aos leitores todos os meios de poderem constituir-se juizes nos pontos em que as nossas opiniões são discordes. No resto da strophe pratiquei as alterações que o leitor facilmente notará, tendo em vista evitar a repetição da palavra *sangue*, e augmentar a idea do horror que o livro da morte, subitamente aberto ante os olhos do autor, devia inspirar-lhe.

(5) He pois certo, Deus grande, que da morte
O inexoravel, afiado alfange
Talha, espedaça, mata
Quanto encerra o universo,
E nem perdoa ao bronze endurecido?

Assim he que este epode se acha no original.

(6) Esta strophe tambem foi alterada. No original lia-se:

Mais duravel que o bronze,
O espirito do homem a despreza
E o golpe apara intrepido:
Não vacila um instante, ao ver que tudo
Em alta voz pregoa
No Nume Creador, immenso e eterno
O amor da justiça, e da virtude.

No terceiro verso desagradou-me o som que resulta da contracção da ultima vogal da palavra *golpe* seguida da palavra *apara*. Mas sobre tudo determinou-me a alterar esta strophe a consideração de maior nobreza e valentia que há, em afrontar um golpe mortal, do

que em aparal-o. Estas observações parecerão talvez miudas : mas julgo-as de alguma conveniencia, não só porque serviram de fundamento as alterações que fiz nas excelentes composições do meo amigo : mas por que entendo que em um tempo em que frequentemente se publiçam obras poeticas cheas de incorrecções , e gravissimos defeitos de lingoagem , he de não pequena utilidade fazer sentir aos poetas moços a severidade com que devem castigar suas poesias. Nas odes que hoje publico podia mui bem ter logar a indulgencia de Horacio : *Non ego paucis offendar maculis, ubi plura nitent in carmine.* Porém não estam no mesmo caso a maior parte das composições poeticas de nossos vesificadores nacionaes , que de certa epoca em diante se tem dado á luz publica.

CANTATA II.ª

A' IMMORTALIDADE DA ALMA.

Recitativo 1.°

PORQUE choras, Fileno? Euxuga o pranto
Que rega o teo semblante, onde a amisade
De seos dedos gravou o terno toque.
Ah! não queiras cortar minha esperança,
E de dor embeber minha alegria.
Tu cuidas que a mão fria
Da morte, congelando os froxos membros,
Nos abismos do nada inexcrutaveis
Vai de todo afogar minha existencia?
He outro o meo destino: outra a promessa
Do espirito que em mim vive e me anima.
A horrenda sepultura
Conter não pode a luz brilhante e pura,
Que soberana rege o corpo inerte. . . . .
Não descobres em ti um sentimento
Sublime e grandioso, que parece
Tua vida estender alem da morte?
Attenta..... escuta bem..... Olha..... examina.....

Em ti deve existir : eu não te engano.....
Tu me dizes que existe..... Ah ! meo Fileno ,
Como he doce a lembrança
D'essa vida immortal em que , banhado
De inefavel prazer , o justo goza
Do seo Deus a presença magestosa.

Aria 1.ª

Desperta , ó morte :
Que te detem ?
Teo cruel braço
Esforça , e vem.
Vem, por piedade ,
Já traspassar-me ,
E avisinhar-me
Do summo Bem.

Recitativo 2.°

E queres que eu prefira
Humanos passatempos ao momento ,
Emque raia a feliz eternidade ?
Um Deus de amor m'inflamma :
E já no peito meo mal cabe a chamma
Que docemente o coração me abraza.
Eu vôo por elle : elle só pode
Minha alma , sequiosa do infinito ,
De todo saciar : este desejo
Me torna saboroso

O calix que tu julgas amargoso.
Fileno, doce amigo, a mão estende,
A minha aperta: não te assuste o vêl-a
De mortal frio já passada e languida.
Mais duravel que a vida,
He da amisade a tea delicada,
Se a virtude a teceu..... Em fim, ó morte,
Tu me mostras a foice inexoravel.
Amarga este momento: eu não t'o nego,
Meo amante Fileno; a voz já prêsa
Sinto faltar-me, o sangue
Nas veas congelar-se: pelo rosto
Me cai frio suor: a luz mal posso
Das trevas distinguir, e sufocado
O coração desmaia.
Vem immortalidade, vem, ó grande,
Sublime pensamento,
Adoçar o meo ultimo momento.

Aria 2.ª

O' Nume infinito,
Que aspiro a gozar,
O meo peito afflito
Enche de valor.

Suave esperança
De sorte melhor,
Quanto d'este instante
Adoças o horror!

ODE III.ª

SOBRE A NECESSIDADE DA REVELAÇÃO.

Strophe 1.ª

Sim, Platão, he verdade, e a tua mente
Sublime adivinhava
Os segredos de um Deus justo e clemente.
Do homem a razão minguada, e escrava
Não pode descubrir um culto dino
D'aquelle que o creou, Ente divino.

Antistrophe 1.ª

Com tresdobrada venda lhe rodea
Suberba mentirosa
O espirito abatido; e em vil cadea
O maniata a carne revoltosa:
Precipitado sobre a terra corre,
E incerto de seo fim, respira e morre.

Epode 1.º

De sua origem nobre
Lembrado, as vezes quer em vão soltar-se.
Pesada nuvem tenebrosa o cobre;
Sente desanimar-se
E o pesado grilhão mais apertar-se.

Strophe 2.ª

Desce do Olimpo, ó Musa luminosa,
Que das acções humanas
Conservas a memoria fastuosa:
Aparecei, ó folhas deshumanas
Do livro antigo, que o medonho crime
Per toda parte com seo sello imprime.

Antistrophe 2.ª

Do horror a ferrea fria mão me abate,
E o sangue represado
Nas assustadas veas mal me bate:
O' homem! pega, e lê sobresaltado
As criminosas provas da baxeza
De tua envilecida natureza.

Epode 2.º

De mil feitos atrozes
As cidades cingidas se levantam:
Com ellas surgem barbaros, ferozes,
Altos genios, que espantam,
E o sanguinario despotismo plantam.

Strophe 3.ª

Aqui reluz alfange fratricida,
Ali o escuro engano
Na honra crava asperrima ferida:
Ora a baxa ambição cinge inhumano,
Cruento diadema; ora a avareza
Empunha o sceptro, em toda a Redondeza.

Antistrophe 3.ª

O' Mexico! ó cidades desgraçadas
Do novo afflicto mundo!
Parece-me que vejo inda ensopadas
Em sangue as vossas casas; furibundo
Voraz fogo nos ares estalando,
Os vossos debeis muros arrazando.

Epode 3.º

Embora cante a fama
A constante invencivel fortaleza
De Colombo immortal, do invicto Gama:
A Europea crueza
Manchou depois a sua nobre empreza.

Strophe 4.ª

Qual a febre abrazada, se raivoza (1)
Com a mão pestilente
As veas toca, chamma furioza
N'ellas accende, e o calor ardente,
Que da vida era d'antes alimento,
Torna da morte barbaro instrumento.

Antistrophe 4.ª

Tal o homem mil vezes impelido,
Da paxão que o devora,
A crimes faz servir enfurecido
Os inventos de uma alma creadora,
Que á natureza, com constancia rara,
Para honrosas façanhas arrancara.

Epode 4.°

Vergonhosa ignorancia
Com elle nasce, e lhe acompanha os passos:
O erro estende, cheo de arrogancia,
Os alongados braços,
E lhe tece bramindo astutos laços.

Strophe 5.ª

Na Grecia, das sciencias mae fecunda,
Ousou erguer altivo
O throno, e fez soar a voz immunda.
Tu o sentiste, ó Socrates! e activo
Tentaste em vão rasgar o veo sagrado,
Que da verdade cobre o rosto amado.

Antistrophe 5.ª

O homem vias de maldades reo,
E incerto meditavas
Propicio modo de aplacar o Ceo:
Em duvidas fervendo te agitavas:
Provaste em fim que só celeste guia
Este segredo revelar podia.

Epode 5.°

Gemendo ao ver o crime
Confundir sua face horrenda, e brava
Com a virtude candida e sublime,
Athenas condemnava
O que Lacedemonia premiava.

Strophe 6.ª

O' tu, lasciva mais do que formosa,
De Chypre, infame Dea;
O' cego Deus! ó Juno ambiciosa!
Tu Jupiter suberbo, que á cadea
Dos fabulosos Numes presidias,
E a filha de Agenor baxo servias.

Antistrophe 6.ª

Ridiculo esquadrão, que meneaste
O sceptro sobre a terra,
E o mal votado incenso profanaste,
Devido só áquelle em quem se encerra
O poder, a justiça, a providencia,
A bondade, e a suprema inteligencia.

Epode 6.º

O vosso duro imperio,
Estribado em chimerica grandeza,
Longo tempo occupou todo o hemispherio:
Da humana natureza
Assaz provou a misera fraqueza.

Strophe 7.ª

Em que clima, á tam grande desventura
Nasce o remedio certo?
Onde habita a razão suave e pura,
Que possa alumiar meo peito incerto?
De valor revesti-lo, com que afronte
Intrepido do crime a enorme fronte.

Antistrophe 7.ª

He possivel, Bondade incomparavel,
Que a tua mão divina..... (2)
Formasse a mente humana miseravel!
Que a trevas e fraqueza vil e indina
A condemnasse! e o homem arrastrado
Do vicio siga o detestavel brado!

Epode 7.º

Com pincel enganoso
De falsas sombras o prazer cercando,
Quantas vezes correr precipitoso
Me viu executando
O que eu dizia ser torpe, e execrando?

Strophe 8.ª

Existe per ventura um ser perverso,
Que poderoso impera,
Como Tu, no vastissimo universo?
Que movendo a cabeça horrenda e fera,
Transtorna quanto pensas, e envenena
O que crear a tua mão acena?

Antistrophe 8.ª

Se o sceptro universal he teo somente,
O' Nume sublimado,
Que incenso queimarei? Que voto ardente
Poderei no meo peito, sossobrado
Das paxões, conceber, que aplaque a ira
Que a minha vida criminosa inspira?

Epode 8.º

Farei subir aos ares
Em denso crespo fumo revoando
De victimas o sangue? e em teos altares
Mil dons apresentando,
Acaso o teo furor verei mais brando?

Strophe 9.ª

Qual inquieto volve os vagos olhos
Perdido navegante,
Que em toda parte miseros escolhos
Teme encontrar: tal cego e vacilante
Eu erro a um lado, e outro; nada aprendo
Em um golfo de duvidas gemendo.

Antistrophe 9.ª

Ah! desce á terra, messageiro augusto,
Que haveis de illuminar-nos;
Orvalhai, puros Ceos, chovei o justo.
Tu não podes, Deus bom, abandonar-nos;
Pois somos obras tuas; e a cegueira
Escurece do mundo a face inteira.

Epode 9.º

Sobre o po derrubada,
Sua orgulhosa frente a idolatria
Arrastre, e nos abismos sepultada,
Não torne a luz do dia
A turbar com horrivel ousadia.

OBSERVAÇÕES, E NOTAS.

(1) Pouco satisfeito d'esta strophe, eu a tinha mudado assim:

Strophe.

Qual devorante febre, quando irosa
Com ignea mão tocando
As entranhas, e n'ellas furiosa
O seo lethal veneno derramando,
O calor, que da vida era alimento,
Torna da morte barbaro instrumento.

Porém a consideração de que esta ode mereceu ser coroada pela Academia Real das sciencias de Lisboa, em um dos concursos mais numerosos aos prèmios de poesia, me determinou a reprimir a minha primeira intenção.

(2) Esta anti-strophe achava-se em uma das copias autografas, da maneira seguinte:

He possivel, Bondade incomparavel,
Da tua mão divina
Descesse a mente humana miseravel,
Em trevas e fraqueza vil e indina
Embebida, e que o homem arrastrado
Do vicio siga o detestavel brado?

Certo porém de que o autor tentava corrigi-la, me animei a substituir-lhe a que vai no corpo da ode.

ODE IV.ª

SOBRE A EXISTENCIA DO PECCADO ORIGINAL.

Olha como orgulhosa, caro Stockler,
O atrevido rosto
A ignorancia levanta, e o erro a segue
Com mentirosa mascara,
Cobrindo a fementida horrenda face.
Em vão blasona ufano
O homem de systemas vãos e incertos:
Com deslumbrados olhos,
Admirando o clarão mal luminoso,
Em vão pretende um dia
Ver a razão baxar dos Ceos á Terra,
Pela mão conduzida
De profundas sciencias, e de nobre
Educação prudente.
Antigo vicio lhe envenena o peito,
E de paxões rebeldes
O compelle a arrastrar a vil cadea,
Com que apertado geme.
Eu vejo a Grecia, e Roma, e o mundo inteiro,
Desde que o tempo volve

A fatal roda, em fundos precipicios
Cair desassisados :
Na vaga fantasia revoando
Dos miseros humanos
Mil brilhantes projectos caprichosos
As Filhas da Memoria
Fieis me mostram; mas o crime insano,
Leis mil inconsequentes,
Despotica ambição, torpes costumes,
Imprevistos successos
Sobre a terra derrubam, desfiguram,
Sufocam grandes planos.
Sempre revive o desgraçado imperio
Dos vergonhosos vicios,
E o mundo endurecido as costas verga
Ao golpe desabrido
Do triplicado açoite com que o crime
Tudo doma, e sujeita.
Que lugubres ideas! O meo peito
Sobresaltado treme.
Cheo de horror, e assombro, mas sincero,
A' corrupção eu digo :
Tu es a minha herança, da virtude
Só pode raro esforço
A' vereda guiar-me não trilhada :
Meo coração fraquea,
Mal ouve a voz do vicio lisongeira,
E submetido a segue;

A razão o condemna, voluntario
    Resvala, precipita-se.
Grande Deus, se contemplo como seco
    O teo nome repito;
Como curvado sob os bens immensos,
    Que a tua mão esparge,
Ingrato, nem ao menos um instante
    De amor sinto abrazar-me,
Por este nome santo: então me humilho;
    E confessar não temo,
Que cego, duro coração me anima:
    Que vicio antigo e feo,
Sem duvida, alterou o nobre peito
    Que das mãos recebera
Do Creador o homem innocente.
    Bem summo, amor eterno,
Das tuas mãos não sai alma insensivel,
    Ingrata, irracionavel.

CANTATA III[a].

CANTATA III.ª

SOBRE A NECESSIDADE DA REVELAÇÃO.

Recitativo.

Do trono soberano, que elevado
Sobre os astros se estriba magestoso,
E de fulgentes pedras recamado
Do sol ofusca o rosto luminoso,
Onde em silencio fervoroso canto
De celeste belleza
Resoa de continuo o nome santo
Do immenso Ser autor da natureza;
Sobre a jacente terra,
Baxou os olhos este Deus potente,
Todo o Olympo se abala, e em chamma ardente,
No fundo Averno, pavido se encerra
O chefe horrendo da infernal cohorte.
Entre as sombras da morte,
O humano coração viu sepultado,
E o temerario crime em toda parte
Estendendo o seo braço ensanguentado;
Com impia fatal arte

Mil cores, mil aspectos simulando
O erro viu girar todo o universo;
E o seo nome divino profanando
Com culto vil perverso,
Em vaidosas cadeiras reclinados
Falsos sabios com mão tremula, escura,
Manchavam da verdade a formosura,
Em suas proprias forças confiados.
Então o justo Creador se altera,
De compaixão movido;
E o ceo enternecido
A bondade adorou que tudo impera.
Estas vozes em tanto se escutaram
Que o Nume soberano proferia,
E ao som divino cheas de harmonia
As celestes abobedas soaram,
E por mui largo tempo retumbaram.

Aria.

O' terra ingrata!
Do Creador,
Que o teo furor
Fere e maltrata,
Conhece a voz.

Homem feroz,
Tua maldade
Brada vingança:
Minha bondade,

Por te salvar,
Nova esperança
Vem-te inspirar.

Louco, e sem tino,
Com peito impuro,
Meo rosto puro,
Rosto divino
Em vão pretendes
Descortinar.
Tudo que emprendes
O erro audaz
Vem perturbar;
Tece-te laço,
A cada passo
Que intentas dar.

Um salvador
Quero enviar-te,
Para mostrar-te
Meo terno amor.
Fiel pintura
De minha essencia;
Igual em pura,
Doce clemencia,
Por ti morrendo
Quer-me aplacar:
E o teo horrendo
Crime espiar.

Tua razão
Ennevoada,
E avassalada
Pela paxão,
Elle abrirá:
Teo coração
Sujeito ao crime
Libertará.
Em voz sublime
A minha lei,
Que em ti gravei,
Te lembrará.

ODE V.ª

SOBRE A VIRTUDE DA RELIGIÃO CHRISTÃA.

Strophe 1.ª

Desembainha, Mahomet, a espada,
Vem ferir-me, e provar-me
Que he santa a tua lei ensanguentada.
Mas onde está a voz nobre e sagrada
Que o ceo, para avisar-me
De tua vinda, despediu á Terra,
Que impio devastas com tirana guerra (1).

Antistrophe 1.ª

Que inflamado profeta, do futuro
O veo descortinando,
Fez raiar a meos olhos teo perjuro,
Cruento nome? Dize, ó homem duro!
Em que dia, soando
A tua voz, cedeu a natureza,
Para mostrar divina a tua empreza?

Epode 1.º

Não queiras, aurea lyra,
Manchar as tuas cordas sonorosas,
Tu quem so virtude afina, e inspira (2)
Com gesto, e mãos mimosas:
Não resoes o nome, e a fama indina (3)
Do monarca impostor da vil Medina.

Strophe 2.ª

Vem a meos braços, Livro venerando,
Que ao berço inda recente
Do universo me guias, retratando
A creadora voz a cujo mando
O sol resplandescente,
A terra, e o mar, e os ceos surgem do nada,
E do homem brilha a face sublimada.

Antistrophe 2.ª

Encerras, per ventura, o que mendiga
Minha alma sequiosa,
E o que espera da mão fiel e amiga
Do Ser immenso, que a fraqueza antiga
Do homem afrontosa
Conhecendo, lhe aponta o logar onde
A paz habita, e o grande Deus se esconde?

Epode 2.º

A meiga ingenuidade
Sustinha a penna do escritor sublime
Que os teos altos conceitos tece e exprime:
Encanecida idade
As tuas folhas orna, e te levanta
Sobre tudo que Roma e Grecia canta.

Strophe 3.ª

Justa, dizes, creou-se a mente humana.
O' historia sublime!
O' dia venturoso! ó luz sob'rana
Que alumiava a natureza ufana!
Que horrendo estranho crime
Te fez ennevoar, e a noite escura
As trevas espalhou com boca impura?

Antistrophe 3.ª

Ao lume da razão imperioso
Das paxões a ousadia
O collo sotopunha tortuoso;
E a terra ao aceno glorioso
Do homem se rendia,
Que de seo Deus a imagem retratava,
E de terna innocencia se adornava.

Epode 3.°

Em delicias banhado
Não temia que a dor austera alçasse
O encolhido braço, e o detestado
Ferreo punhal cravasse
No seo varonil peito, inda assaz forte
Para vencer o mesmo horror da morte.

Strophe 4.ª

Sim, eu te reconheço, ó inefavel!
O' Ser omnipotente!
So a bondade, so virtude amavel
De teo pode sair seio adoravel:
Mas como ousa insolente
O primeiro mortal, com impio peito,
Quebrantar, justo Deus, o teo preceito?

Antistrophe 4.ª

A morte a curva foice logo afia:
O Averno emtorno soa:
E o universo, com fatal porfia,
Intenta castigar tanta ousadia:
Corrupto sangue côa
Desde então pelas veas alteradas
De podre, antigo tronco derivadas.

Epode 4.º

Que nova luz me aclara !
Attenta, ó Manes ! eis o ser que luta
Co' o grande Ser, e cuja mão avara
Mancha feroz e enluta
As suas obras : foi o vil peccado
Que do homem abateu o nobre estado.

Strophe 5.ª

O' Socrates ! ó Grecia ! ouve, e modera
Teo animo ancioso ;
Retumba em fim a voz doce e sincera
Da candida verdade, que severa
Seo rosto melindroso
Escondeu tantas vezes ao valente
Altivo esforço de teo genio ardente.

Antistrophe 5.ª

Tu es, Revelação santa e divina,
Antiga como o mundo :
E qual risonha aurora matutina,
Tal me desperta a tua luz benina
Do somno meo profundo :
Assim, ó summo Bem ! tua bondade
Comunicas piedoso em toda a idade (4).

Epode 5.°

Um messageiro augusto
Me promete o Immortal, quando anuncia
A morte ao homem, e o gelado susto
O sangue entorpecia
Do misero culpado, que a belleza
Perdera da innocente natureza.

Strophe 6.ª

Com juramento eterno solemniza
A piedosa promessa
O Deus d'Abram: Jacob o profetiza:
De varões alta serie se diviza,
Que de pintar não cessa
Um Redemptor, um Deus dos ceos baxado,
Para valer ao homem desgraçado.

Antistrophe 6.ª

O' Juda! Israel em vão se empenha
Com mão feroz, e ousada
Por arrancar-te o sceptro, até que venha
O guia que as nações mova e contenha.
Estrela sublimada
De ti hade nascer, que a escuridade
Fulmine com os raios da verdade.

Epode 6.º

Bethlem mal conhecida
Entre as cidades de Israel, a frente
Levanta altiva : patria esclarecida
Serás do Deus potente,
Que á idolatria o denegrido collo
Cortará, desde um té outro polo.

Strophe 7.ª

Teo ferreo coração será mudado,
O' povo criminoso,
Será de graça e de valor cercado:
Attende, ó Daniel : ja debruçado,
O tempo pressuroso
A semana da grande vinda aponta,
Em que do mundo a salvação desponta.

Antistrophe 7.ª

Jerusalem levanta-te, e o teo rosto
Circunda de alegria;
Inunda o peito teo de terno gosto;
Ergue os olhos, Sion, a ti exposto
Está o que annuncia
Teo Redemptor, a voz que vem bradando,
Os seos santos caminhos preparando.

Epode 7.º

Fecundo, altivo monte
Sobre o cume dos montes vai alçar-se;
D'elle mana sonora clara fonte,
Onde desafrontar-se
Virá da sede ardente quanto habita
Sobre a terra de males mil afflita.

Strophe 8.ª

Eis aparece o Deus de fortaleza:
Quem poderá expor-te,
O' Israel, da sua natureza
A geração sublime, a grande alteza?
Seo braço nobre e forte
Emparelha co' a mesma eternidade,
Com ella mede sua immensa idade.

Antistrophe 8.ª

Inclinai-vos, nações, e reverentes
Adorai o seo nome:
Os seos olhos afaveis e clementes
Illustram do Universo as varias gentes:
E ja fogo consome
Os mudos Deuses, que ellas adoraram,
E com roubado incenso perfumaram.

Epode 8.º

Suberbos dons votados
Com respeito Sabá, Tharsis lhe off'rece:
E quaes de mel os favos delicados,
Taes sua lingua tece
Discursos de justiça e de bondade
Que, em parabolas, prestam a verdade.

Strophe 9.ª

Chora, ó Rachel, o sangue derramado
Dos filhos teos mimosos
Pelas mãos de um tirano abominado:
Ao Egypto corre entanto o desejado
Dos povos mal ditosos:
Do Egypto chamarei meo filho amavel
Diz de Oseas o Deus santo, inefavel.

Antistrophe 9.ª

O teo rei, ó Sião! não vem de guerra
E furia revestido,
Como conquistador, que tudo aterra,
E bravo a espavorida paz desterra:
De doçura cingido
Sobre pobre jumento as ruas piza,
E á terra com os ceos paz profetiza.

Epode 9.°

Quem he este formoso
Que vem de Edom com rubro vestimento? (5)
O' ceos! ó terra! ó dia lacrimoso!
A dor o seo assento
No ungido do Senhor fixou, e o peito
Lhe rasga com ferino duro aspeito.

Strophe 10.ª

Semblante ja não tem, e ser parece
Um homem de amargura:
Como ovelha pacifica emmudece;
E abatido entre penas desfalece:
A alhea desventura
Em si tomou movido de piedade,
E expia assim a nossa iniquidade.

Antistrophe 10.ª

Um traidor infeliz, que se assentava
A' sua mesa santa,
E o punhal da avareza em si cravava,
Por um preço funesto o atraiçoava.
A horrida garganta
Abra o Averno em fim para tragar-te,
O' traidor, e entre chammas abrazar-te.

Epode 10.°

Com fel impios algozes
Accendem do cordeiro a ardente sede :
Com riso horrivel, barbaros, ferozes,
Que alta vingança pede,
O encaram, as vestes sorteando,
E os pés com ferro agudo traspassando.

Strophe 11.ª

Esconde-te, ó infame prostituta !
Jerusalem cruenta,
O som da tua voz sombrio enluta
Os sagrados altares, nem te escuta
Com face meiga atenta
O nume soberano, que do Egypto
Salvou o povo teo cansado, e afflito.

Antistrophe 11.ª

Vagarás, como esposa abandonada,
Sem templo, sem altares:
Debalde invocarás a mão sagrada
Do Deus d'Abram e Isaac, que outra morada
Em apartados mares,
Em terras alongadas escolhendo,
Te solta justo ao teo destino horrendo.

Epode 11.º

Assim per mil maneiras,
De inflamados prophetas me annuncia
Canora turba o venturoso dia
Que a mil nações inteiras
Havia fazer ver o desejado,
Per differentes modos figurado.

OBSERVAÇÕES, E NOTAS.

Esta ode, uma das mais bellas compozições poeticas, que honram a poesia Portugueza, merecia um commentario digno da grandeza do seo objecto, da regularidade do seo desenho, e da belleza da sua execução. Porém nem as minhas actuaes circunstancias, nem a brevidade com que desejo dar ao publico estas preciosas producções de um genio verdadeiramente original e sublime, e de um espirito profundamente penetrado das verdades transcendentes, que se arrojou a expôr em linguagem poetica, me permitem o vagar necessario para o desempenho d'este pensamento; e por isso me limitarei a indicar as poucas variantes que nella encontrei, e apenas aventurarei alguma reflexão grammatical assaz obvia que possa servir-lhe de illustração, e de motivar as pequenas alterações, que ousei fazerlhe.

(1) Que alagas impio com tirana guerra.

(2)

(2) No original estava.

> Tu que a simples virtude afina e inspira
> Com suas mãos mimosas.

Pareceu-me que o relativo *que,* sem proposição que designasse perfeitamente a construcção gramatical do discurso, desfeava este epode; tanto mais, quanto a transposição dos verbos *afina, e inspira* fazendo que a este ficasse immediata a clausula *com suas mãos mimosas,* aqual só diz respeito ao primeiro, augmentava a confusão da ordem gramatical, e ja fazia o mesmo epode menos perfeito, e menos digno de constituir parte de uma composição tam bella, e tam elegante.

(3) Ja em outro lugar notei que o verbo *resoar* he neutro; e por isso eu antes preferiria a este verso qualquer dos seguintes:

> Não celebres o nome e a fama indigna

ou

> Não pregoes o nome, e a fama indigna

Porém persuadido de que neste passo o autor quiz muito de proposito empregar aquelle verbo em significação activa, julguei que devia deixar subsistir esta novidade, e aos escriptores que se seguirem, a liberdade de adopta-la, ou rejeita-la segundo melhor entenderem, e julgarem conveniente para o aperfeiçoamento da lingua portugueza.

(4) No original estava

> He esta, Summo Bem, tua bondade;
> Comunicaste sempre e em toda a idade.

(5) *Vestimento* he vocabulo, que não tenho lembrança de haver ja mais encontrado em classico algum nacional. Entretanto a palavra *vestimenta* parece, e he geralmente considerada como privativa de certas vestes sagradas, e seria impropria d'este lugar: a desinencia em *ento*, e por tanto a liberdade que o Autor tomou de enriquecer a nossa poesia com mais um vocabulo, que lhe facilite exprimir-se com propriedade, sem sacrificar á rima os pensamentos, me parece assaz fundada para que deva subsistir.

ODE VI.ª

SOBRE O MESMO ASSUMPTO.*

Strophe 1.ª

O' Sinai! ó montanha assignalada
Dos pés do Omnipotente!
Eu sinto inda soar a voz sagrada,
Que entre raios promulga a ley gravada (1)
No espirito innocente
Do homem justo. O' livro grande e santo!
Tu me enches de assombro, horror, e espanto!

Antistrophe 1.ª

Um povo antigo atesta a integridade (2)
De tudo que em ti leio;
Com vivo fogo, augusta magestade
Me retratas do Eterno a potestade:
Do mundo firme esteio,
Unico, providente, e bom o aclamas,
E em fervoroso amor minha alma inflamas.

Epode 1.º

Quem do commum naufragio (3),
Que o orbe inteiro em erros submergia,
Este povo salvou, e do contagio
Da cega idolatria?
Quem no meio de inhospito deserto
Do Immenso a mão lhe faz notar de perto?

Strophe 2.ª

E ainda temes, ó prezada lyra (4)!
Levantar ás estrelas
O sublime mortal, que Deus inspira,
Que de celeste força revestira,
E mil virtudes bellas?
O' Moyses! tua voz não me allucina:
A voz que soltas he a voz divina.

Antistrophe 2.ª

Fervendo em santa ira abrazadora (5)
Os crimes reprehende
Do Hebreo ingrato, cuja fé traidora
A luz quebranta, que tua alma adora:
Seguro a vara estende;
Eis vejo a natureza espavorida
A teos pés humilhar a frente erguida.

Epode 2.°

O povo, de que es guia,
Mil vezes entre as brenhas estremece:
Ao ver que a terra, o mar, a noite, o dia,
Que tudo te obedece;
Messageiro fiel da Divindade
Te reconhece, e afirma em toda a idade.

Strophe 3.ª

Serás tu, per ventura o prometido
Medianeiro amavel?...
Ah! tu vens predize-lo, e em tom subido
Entoas de Jacob o recebido
Oraculo adoravel.
Quem he pois esse angusto messageiro,
Que o pranto hade enxugar ao mundo inteiro?

Antistrophe 3.ª

Já de Jacob o sceptro não impunha
Judá, e pressurosa
A semana correu que affoito expunha
O casto Daniel, quando compunha
De Gabriel formoso
Ao fatidico aceno: « Onde he que o Justo
« Para sempre assentou seo trono augusto? »

Epode 3.º

Qual bussola, agitada
De embravecido mar, oscila errante,
O Norte não atina; tal anciada
A minha alma inconstante
Crê, presume, vacila, incerta treme,
E em duvidas crueis afflicta geme.

Strophe 4.ª

Brioso Gedeão, Sansão robusto,
Cujo semblante duro
Ao longe difundia frio susto;
Guerreiro Josué, vos sois do justo,
Que ancioso procuro,
Escassa sombra, por mais alta empreza,
Que abone a vossa illustre fortaleza.

Antistrophe 4.ª

A brilhante fortuna, ajoelhando (6)
De Salomão potente
Junto ao trono la vejo, derramando
Com mão profusa, gesto ledo e brando,
De seos bens a torrente:
Mas ah! que elles não são mais que a pintura
Dos verdadeiros bens de eterna dura!

Epode 4.º

O' cantor portentoso
Das grandezas do Nume soberano!
Se aterraste o gigante pavoroso,
Se o destroncaste ufano,
Imagem es do vencedor da morte;
Mas não he, como o seo, teo braço forte.

Strophe 5.ª

Vem aclarar-me, terno Jeremias,
Que de suave pranto
Meo peito banhas: ó fervente Elias!
E tu, sublime energico Isaias:
Vinde apontar-me o Santo
Das nações, longo tempo suspirado,
Tantas vezes per vos profetisado.

Antistrophe 5.ª

Eu oiço suspirar com voz doente
Um varão abatido;
A virtude o rodea refulgente;
Descora ao vê-lo o vicio, e de repente
Se esconde espavorido.
Tudo quanto a vaidade humana preza
Placido e firme, impavido despreza.

Epode 5.º

Seos discursos respiram
A lingoagem singela da verdade,
O amor da justiça, a paz inspiram,
A ardente caridade.
Acaso, ó ceos! ó Golgotha tremendo!
He o homem Deus, que eu vejo em ti morrendo?

Strophe 6.ª

Em pobres palhas inda tenro infante
Envolto se recosta;
Tu o viste nascer, ó radiante
Venturosa Bethlem, e triunfante
A tua frente arrosta,
Qual os cedros do Libano copados,
Do voraz tempo os golpes redobrados.

Antistrophe 6.ª

De Tharsis e Sabá, dons preciosos,
O berço lhe adornaram;
E em seos muros os povos revoltosos
Do Nilo o viram, quando saudosos
Ternos ais retumbaram
Em Ramá, e Rachel triste chorava
Os Filhos, que mão impia lacerava.

Epode 6.°

Qual vencedor piedoso,
Da paz serena augusto messageiro,
Elle se mostra sem estrepitoso
Aparato guerreiro,
Em singelo triunfo meigo e brando,
Jerusalem afflicta consolando.

Strophe 7.ª

Ergue a face, ó Siom! sacode altiva
O pó do teo semblante:
Trasborda de alegria pura e viva:
Eis o teo Redemptor, que a foice esquiva
Do crime vem constante
Embotar: eis aquelle grande dia
Que Abraham, que Jacob te prometia.

Antistrophe 7.ª

Escuta a voz, que no deserto brada
Do precursor austero,
Que havia preparar-lhe a ardua estrada.
Vê como a natureza olha humilhada
O aceno severo
De teo Senhor, vê como lhe obedece,
Como por Creador o reconhece.

Epode 7.º

O mar encapelado,
O sostem sobre as ondas, que se espantam,
E adora humilde os pés do Ser amado
Que os ceos, e a terra cantam:
Judá retumba a voz sublime e forte
Que Lazaro arrancou das mãos da morte.

Strophe 8.ª

Mas que languor, ó Musa, se apodera
Da tua amortecida,
Chorosa voz? Já frouxa não se esmera
Em acordar-se aos sons da lyra austera
Que recusa sentida
Seguir a mão que, o plectro meneando,
Com ella aos astros se ia remontando.

Antistrophe 8.ª

O' natureza! cobre te de luto
E nunca o teo semblante
De terno pranto faças ver enxuto:
Não brotes mais, ó Terra, doce fructo!
Teo curso triunfante
Detem, ó Sol! e finde essa armonia,
Que os altos ceos entoão noite e dia!

Epode 8.º

De sangue está banhado
O justo, em afrontosa cruz pendente:
O Senhor do Universo transpassado
De dor acerba, ingente:
Tirano povo as vestes lhe sortea:
E traição o vendeu, horrenda e fea.

Strophe 9.ª

Os macerados olhos lhe circunda
Piedosa ternura,
No coração ajunta á dor profunda
Os doces sentimentos em que abunda,
E do Pai so procura
O perdão dos algozes, que o cravavam,
E no seo sangue as impias mãos banhavam.

Antistrophe 9.ª

O' Ser eterno! que impressão derrama
A tua horrivel morte
Dentro em minha alma! Que abrazada chamma
De terna gratidão meo peito inflama!
O' Deos, e desta sorte
Quizeste que o perdão fosse sellado
Aos criminosos do fatal peccado!

Epode 9.º

Ao clarão luminoso
De inspirados profetas, que cantaram
Os factos, que contemplo ferveroso,
As duvidas se aclaram.
Ah! rende, ó Musa, o teo inquieto sp'rito,
E de alegria banha o peito afflito.

OBSERVAÇÕES, E NOTAS.

Entre todas as composições do autor era esta ode aquella cuja correcção lhe mereceu menos desvelo, sendo talvez a que mais o merecia; e por isso foi tambem aquella em que pratiquei alterações mais notaveis, e em maior numero: apontarei aqui as principaes. Entretanto seja-me licito dizer que, entre todas as odes sacras de meo defunto amigo, nenhuma conheço, em que mais se manifeste o seo estro poetico, em que resplandeça maior erudição, melhor escolha de imagens, mais nobreza de dicção, nem mais força e deducção nos argumentos. Estes se dirigem umas vezes ao entendimento, outras ao coração, outras á imaginação, e d'este modo elle emprega habilmente todos os meios de persuasão (sem desmentir da dignidade propria do genero de poema que escolhera para expôr em toda a sua magnificencia as ideas sublimes e grandes, que se propoz in-

dicar aos homens) revestidos com os brilhantes atavios , e magestosos ornatos da mais elevada poesia lyrica. A' excepção da ode *ao homem natural*, que publicarei entre as suas poesias profanas , não conheço composição alguma poetica nas lingoas vulgares que exceda, nem talvez possa entrar em paralello com esta producção, verdadeiramente original , de um genio extraordinario , tanto na sua força, como na sua vastidão.

(1) No original mais correcto estavam estes trez versos da maneira seguinte :

Eu cuido ouvir soando a voz sagrada
Que entre raios lembrava a luz gravada
No peito inda innocente.

Parece que a imaginação do poeta se exalta de maneira, com a lição dos livros de Moyses , que se lhe figura ouvir ainda soar a voz do Omnipotente, quando do alto do Sinai dictava os preceitos da Decalogo ao povo Hebreo aterrado pela vista das nuvens inflamadas , pelo medonho estrondo dos trovões , e pelo terrivel som das celestes trombetas , que annunciavam a presença do SENHOR. Entretanto o verbo *eu cuido*, mostrando que a illusão do poeta não era perfeita , diminue a força da imagem : e a clausula *ouvir soando* parece involver uma redundancia ; pois nenhuma outra cousa se ouve se não sons ; e por tanto quem diz *en oiço uma voz*, diz tanto como quem diz *eu oiço uma voz soando*. *A lei gravada no peito* innocente seria clausula preferivel á de que usei , se a lei de que se fala fosse pura-

mente sentimental. Ella he porém em grande parte racional, ou verdadeiramente he toda racional. S. Paulo disse que sentia na sua carne uma lei contraria á do seo espirito. Qual he o homem que não experimenta sentimentos contrarios aos dictames da razão? Poderia dizer-se que esta contradição, entre a carne e o espirito, ou entre os sentimentos e a razão, he consequencia do peccado; e que antes d'elle, isto he, nos momentos em que nossos primeiros pais existiram innocentes em o Paraizo terreal, estes dois principios da actividade humana não eram descordes como agora. Assim será; mas que necessidade ha de falar nos homens na hypothesi de um estado de que elles não fazem idea? Pelo menos deve convir-se emque a lei de DEUS he sempre racionavel, qualquer que seja o estado em que o homem se considere. Eu não insistirei mais sobre a validade de minhas razões: emendando como entendi, cumpri com a recomendação de meo amigo: e offerecendo aos leitores a lição dos versos que existiam no original, deixo a cada um a liberdade de escolher o que melhor lhe parecer: certo aliás de que discussões d'esta natureza não serão inuteis para aperfeiçoar o gosto das pessoas dadas ao estudo da poesia.

(2) Os primeiros dois versos d'esta antistrophe estavam assim no original

Um povo antigo jura a integridade
De quanto em ti eu leio.

Não sei se alguns escriptores Rabinos asseveram tam positivamente a integridade do Pentateuco, que ten-

ha lugar o dizer-se que o povo Hebreo jura a integridade dos livros de Moyses. Sei que a historia n'elles contida he igualmente referida per Josepho, e geralmente acreditada pelos Rabinos. Entretanto he evidente que alguns capitulos do Deuteronomio, que tratam dos ultimos successos da vida de Moyses; da sua morte, e de alguns factos posteriores a ella, não foram, nem podiam ser escriptos pelo mesmo Moyses. O Pentateuco foi sem duvida alterado ou acrescentado per Esdras, quando se lhe encarregou a revisão e a compilação dos livros sagrados dos Judeos, depois da sua volta do cativeiro de Babylonia; ou por algum outro Rabino ou sabio Judeo que depois d'elle viveu. Se Esdras he, como alguns supoem, e eu tenho por provavel, o autor dos dois livros intitulados Paralipomenes, ou das coizas omitidas nos outros livros sagrados dos Judeos, o livro do Genesis foi sem duvida por elle acrescentado. No capitulo 36, os versiculos, que decorrem des de N.º 31 ate 40, contem o mesmo que os versiculos que no Capitulo 1.º do livro primeiro dos Paralipomenes decorrem desde N.º 43 ate N.º 50. Ora he claro que Esdras não escreveu estes versiculos nos Paralipomenes, ou livros das couzas omitidas; se não por que no seo tempo a materia que constitue o seo objecto se não achava em nenhum dos livros sagrados dos Judeos; e por tanto he per Esdras, ou depois do seo tempo, que elles foram acrescentados ao livro do Genesis: esta só prova parece-me bastante para uma nota; e por isso me dispenso de indicar as incoherencias geographicas, e

chronologicas, que igualmente autorisam a suspeita de que o Pentateuco se não acha na sua primitiva integridade: bem que aliás em tudo mereça o nosso mais serio e profundo respeito. Deixando porém discussões historicas e criticas, e limitando-nos ás puramente poeticas, devo dizer que eu bem quizera ter substituido a palavra *genuinidade* ao vocabulo integridade; porém não cabia no verso, e por tanto foi forçoso que permanecesse a voz integridade; aqual cumpre que se refira ás cousas contadas n'aquelle livro, e não ao livro mesmo, para salvar as difficuldades indicadas.

(3) Este epode acha-se no original da maneira seguinte:

Quem do comum naufragio,
Que o vasto mundo em erros submergia,
Este povo salvou; e do contagio
Da cega idolatria
O desempesta, intrepido pintando
Do grande Ser o nome venerando.

Não me agradou a idea de vastidão unida neste logar a idea de Mundo; pois parece mais relativa á sua extensão do que ao numero dos seos habitadores. Tambem me não agradou a pintura do nome de *grande Ser:* nem me parece que Moyses carecesse de intrepidez para referir as maravilhas do SENHOR na creação do mundo, e na salvação do povo Hebreo do cativeiro do Egipto. A maneira pela qual este extraordinario chefe do povo de DEUS o desempestou da idolatria do Bezerro de oiro não foi por certo escrevendo; foi punindo-o, e ameacando-o em nome do

do SENHOR, e isto de um modo tam violento e duro, que não acreditaria de sorte alguma a sua humanidade, nem mesmo o seo zelo da honra do Ser Supremo, se não tivessemos aliás a certeza deque elle obrou animado de inspiração divina. Vinte e trez mil homens foram nesta occasião passados á espada de ordem de Moyses; e para que o restante do povo ja aterrado de tam duro castigo, e horrivel carnagem se humilhasse diante de DEUS, e fizesse penitencia como convinha, elle lhe comunicou os terriveis ameaços que o Omnipotente lhe havia ordenado de annunciar-lhe por efeitos de sua misericordia.

(4) Esta strophe estava no original como segue:

E ainda temes, minha amada lyra,
Levar té as Estrelas,
O sublime mortal que um Deus inspira;
Que de divina força revistira,
E mil virtudes bellas!
O' Moyses! tua penna não engana,
E um Deus segura tua mão ufana.

O adjectivo numeral *um* unido á palavra DEUS, sempre superfluo quando se fala do unico verdadeiro DEUS, sabe a Gallicismo: e a repetição dentro de uma mesma strophe desfea algum tanto uma composição lyrica, aonde a riqueza deve igualar a pompa e a elegancia da dicção.

(5) Esta antistrophe acha-se no original da maneira seguinte:

Fervendo em zelo a voz ergue sonora,
Os crimes reprehende
Do Hebreo ingrato, cuja fé traidora

A lei quebranta que teo peito adora.
Altivo a vara estende,
O' homem immortal; e espavorida
A natureza abaxa a frente erguida.

(6) A antistrophe 4.ª que julguei dever emendar, principalmente pela especie de amfibologia que encerram os primeiros tres versos, me parece com tudo digna de transcrever-se.

Esta era como se segue:

Aos pés do throno vejo ajoelhando
De Salomão potente
A fortuna, e humilde debruçando
A face encantadora, que espalhando
Está de bens enchente:
Elles são d'outros bens so a piutura,
E mal retratam sua formosura.

(7) Na strophe 6.ª se liam os ultimos quatro versos da maneira que se segue:

Venturosa Bethlem, e triunfante,
O cume teo se encosta
Desde então entre os cedros elevados
Que o Libano admira em si plantados.

Julguei dever altera-los, por não me agradar eterno cume, aplicado a uma cidade; nem a admiração do monte Libano por ver cedros em si plantados: talvez porém que estas ideas agradem a imaginações mais poeticas do que a minha.

ODE VII.ª

SOBRE O MESMO ASSUMPTO.

Strophe 1.ª

Entre azuladas undulantes chammas (1),
Que em turbilhões de fumo envoltas ardem
No lago triste e horrendo,
Onde irosa se mostra a mão potente
Do Deus immenso e justo,
Teo tortuoso collo, ó vil peccado!
Em vão raivoso, sem cessar agitas.

Antistrophe 1.ª

Inimigo fatal do bem supremo,
Com atrevido braço te arremeçás
Para arrancar-lhe o sceptro,
Que sobre a eternidade se reclina:
Ululando te arrastras
Nas entranhas do abismo, e furioso,
A ti proprio lacéras e devoras.

Epode 1.°

Ao medonho rugido (2)
Do leão de Judá estremecendo,
Só infame baxeza,
O monstro patentea;
Em vão astuto, a piedade implora
Do Senhor irritado a quem detesta.

Strophe 2.ª

Eis, ó parto infeliz da iniquidade,
O teo retrato: nelle os olhos fita.
Tremes de horror?... Não deixes
Em teo peito extinguir doce esperança.
A bondade infinita,
O Christo do Deus vivo em si teos crimes
Gravou, e submergiu-os no seo sangue.

Antistrophe 2.ª

Baxai do ceo, virtudes soberanas,
De flores coroai a nivea frente,
Olhai-me enternecidas:
Eu já não sou o misero que a dura
Ingratidão mesquinha
Com seo sello marcára: mão divina
Apagou o signal, e renovou-me.

Epode 2.º

Sublimes sons e novos
Desfere, ó lyra, das sonoras cordas;
Prende, arrebata, encanta
Os ceos, a terra, as ondas;
Repassa meos armonicos ouvidos
De celeste suave melodia.

Strophe 3.ª

Espiritos ardentes e ditosos,
Que do grande Adonai o throno excelso
Rodeais reverentes,
Dizei-lhe que o seo filho, o seo amado,
A sua imagem bella,
Já com seo sangue borrifou a terra,
E consumou a sua nobre empreza.

Antistrophe 3.ª

Ao vero vivo amor que te consome (3)
O sangue que derramas carinhoso,
O' Christo do Deus vivo!
Reconheço o meo Deus, o Ser eterno
De inefavel bondade;
Que ás suas obras quer comunicar-se,
Mais e mais em si mesmo transforma-las.

Epode 3.º

Qual namorado Esposo (4)
Olha, contempla, e transportado admira
O rosto delicado
Da terna meiga Esposa,
Assim minha alma absorta, o Deus eterno
Abrazada de amor humile adora.

Strophe 4.ª

Revolve, ó mão perjura, que pretendes
Teo Redemptor ferir com dura guerra,
Os factos que, volvendo
O tempo a roda lubrica, deixara
Salvar do abismo escuro,
Onde tudo desfaz, tudo amortece,
E em eterno silencio ao mundo esconde.

Antistrophe 4.ª

A lucida evidencia do suberbo
E grandioso timbre, que lhe dera
A brilhante verdade,
Historia não gravou com força tanta,
Como aquella que narra
As maravilhas do Pastor divino,
Do Mestre de Israel, Senhor do mundo.

Epode 4.º

Onde vês levantando (5)
Seis constantes varões a nobre frente,
Jurar que fieis pintam
Factos per elles vistos;
E firmes no medonho cadafalso,
Com seo sangue sellar o juramento?

Strophe 5.ª

Pode o erro feroz espessa venda
Em cor negra tingir, e astucioso
Trez vezes envolvê-la
Em torno aos olhos de illudida gente:
Quando aerios systemas
Sublimes pontos explicar pretendem,
Que uma fraca razão mal descortina.

Antistrophe 5.ª

Mas não pode, por mais que a venda engrosse,
Retratar a meos olhos perspicazes
Emperrada doença
Cedendo, vezes mil á voz de um homem,
Encolhida fugir; e a morte fera
Os tumulos abrindo
As victimas soltar que devorara:
Não chega a tanto magico prestigio.

Epode 5.º

Tem martyres cruentos
De infames Seitas esteiado a gloria ;
Mas só tu , ó amavel
Religião divina ,
Contas altivos martyres que attestam
Ter visto o que rubricam com seo sangue.

Strophe 6.ª

O'. Tabor ! ó logar santo e invejavel ,
Onde Pedro em delicias embebido ,
Morada Sempiterna
Pretendia assentar : ó doce annuncio
Do celeste banquete !
Do ungido do Senhor entoa a gloria ,
E as maravilhas suas apregoa.

Antistrophe 6.ª

O' tu , entre os discipulos amados ,
Sublime Evangelista , por um pouco ,
Dos Ceos á Terra desce ;
Vem com divinas cores esbossar-me
O dia esperançoso ,
Em que da morte conquistou o imperio
O Leão de Judá com braço forte.

Epode 6.°

Já estala e se aparta
A lisa pedra que orgulhosa intenta
Encerrar o Deus vivo.
Atonitos, prostrados
Per terra jazem os crueis soldados
Que o sagrado deposito vigiam.

Strophe 7.ª

Não permitas, Senhor, que a immunda e torpe
Corrupção com seo bafo pestilente
Contamine o teo Santo.
Embraça prompto o diamantino escudo;
Com elle, firme o cobre:
Inunda-o de prazer: da mão te brota
Inexhaurivel fonte de delicias.

Antistrophe 7.ª

O' abrasado Pedro, ó fervorosa
Amante Magdalena, quem te prende
Os vagarosos passos?
Corre anciosa, vôa, vê, e adora
O teo divino Mestre,
Que triunfante surge, e valeroso
Da morte piza o indomavel collo.

Epode 7.º

Sim, Thomé, não hesites (7),
Examina as recentes cicatrizes
Das amorosas chagas
Que os homens resgataram
Do crime universal. He elle, he elle!
De jubilo exultai, ó Ceos, e Terra.

Strophe 8.ª

Vós o vistes, discipulos ditosos,
Glorioso esquadrão, que vos nutrieis
De amor puro, e divino:
Multidão venturosa que, agitada
De pasmo e de alegria,
Adorastes o Deus clemente e santo,
Já do seio da morte resurgido.

Antistrophe 8.ª

Este o facto inaudito que séllaram,
Com seo sangue, e no seio dos oprobrios,
Constantes repitiram:
Tanta firmeza, ó Erro, não inspiram
Teos miseros sophismas:
Impavido arrostrar morte afrontosa
Só he dado a varão piedoso e justo.

Epode 8.º

Qual rompe o Sol, e ardente
Dissipa a espessa denegrida nevoa,
Que tolda a escura terra;
Assim luzentes raios
Sobre o Espirito meo esta verdade
Derrama, e d'elle as nuvens afugenta.

Strophe 9.ª

O' Musa, que me inspiras animosa,
Novas cores ajunta ao nobre quadro
Que suberbo desenhas:
Ouve o guerreiro estrepito que atroa
Os deplorados muros
Da misera Siom: vê como a cinge
Romana bellicosa soldadesca.

Antistrophe 9.ª

Já batem os aríetes horrendos
Com medonho fragor as suas torres;
A descorada fome,
O odio, o horror, per toda parte a investem,
E o venenoso vulto
Ergue a peste lethal, medonha e fera,
Mortaes flechas em torno arremeçando.

Epode 9.º

Que scena, ó Ceos, avisto!
La rasga Mae cruel o tenro peito
Do misero filhinho!
Já sobre ardentes brasas
Lacerado o arroja, e deshumana
Ceva a fome na carne que gerara.

Strophe 10.ª

Jerusalem rebelde, vê alçando
O horrido semblante no teo seio
O crime furibundo:
Já freme a crepitante labareda
Em torno do teo templo:
Em vão procuras extingui-la: irado (8)
Divino sopro a voraz chamma atea.

Antistrophe 10.ª

Tuas culpadas ruas estremecem:
Per toda parte a morte te rodea:
Cahida em terra jazes,
De lividos cadaveres juncada:
Nunca mais o teo templo
Se erguerá; e o teo povo vagabundo
Será d'oprobrio e dor fatal objecto.

Epode 10.º

O' Messias divino, (9)
Tu assim fielmente o prediceste!
Cumpriu-se o vaticinio:
O cego errante povo,
Escarneo das nações, ao mundo rende
Da tua Divindade clara prova.

ORSERVAÇOÊS, E NOTAS.

(1) Esta ode, suposto que inferior ás antecedentes, he com tudo admiravel pela força dos argumentos; pela viveza das imagens; e pelas figuras da dicção mui habil e dignamente empregadas. A comparação das correcções que lhe fiz, com o original, bastara pela maior parte para fazer sensiveis as razões que me determinaram a preferir as alterações que pratiquei. A primeira foi nesta strophe, a qual quasi inteiramente mudei: ella estava no original da maneira seguinte:

Entre *ferventes* chammas abrazadas,
Que denso escuro fumo envolve, *esconde*
No lago triste e horrendo,
Que a colera creou de *um* Deus potente,
Teo enroscado collo
Eu te vejo agitar, ó vil Peccado;
E de bramidos atroar o Averno.

(2) Eis aqui como se achava no original este epode :

De terror abatido,
O monstro ás vezes abrandar forceja
O Deus que impio aborrece :
So misera baxeza
Descobre em si, e reo de culpa immensa
Sacrificio não tem, comque apaga-la.

A clausula *abrandar forceja*, considerada na ordem natural da gramatica, não he construcção Portugueza; e contemplada como modo de falar figurado, nem graça nem energia dá ao verso aonde está empregada. O artigo antes da palavra *DEUS* he ordinariamente tanto, ou ainda mais inadmissivel, do que o adjectivo numeral *um*, substituhi o verbo *patentea* á expressão *descobre em si*; por que *patentear* equivale a fazer visivel aos outros; e isto he sem duvida o que o poeta queria dizer; a pezar de que a clausula de que usou não o exprima claramente.

(3) A antistrophe 3.ª estava no original desta maneira :

Ao *soberano* Amor, *que te consome*,
Ao sangue que fumega, e que derramas,
O Christo de Deus vivo
Reconheço, o meo Deus, o *Bem supremo*
Que *embebido* em bondade, etc.

(4) O epode 3.º estava assim :

Qual namorado Esposo
Olha, contempla e trespassado. . . . .
O rosto delicado,
A que terno anhelava :
Assim *de um Deus de Amor* sinto ferida
Minha alma arrebatar-se, e contempla-lo.

(5) . . . . Onde vês levantando
Seis varões sua frente virtuosa,
    Jurar que fieis pintam
    Factos por elles vistos :
Depois sobre medonho cadafalso
De seo sangue tingir o juramento?

D'este modo he que se achava o Epode 4.º

(6) No original lia-se esta strophe do modo seguinte :

Não permitas eterno Ser que ouse
A fea corrupção com toque impuro
    Profanar o teo santo :
Embraça o diamantino escudo, e cobre
    O seo corpo adoravel,
Embebe-o de prazer; da mão te pende
Infinito deleite, goso immenso.

(7) O epode do mesmo ramo, e a strophe immediata eram como se segue :

Epode.

    Vem infiel Apostolo,
Apalpa as refulgentes cicatrizes
    Das amorosas chagas
    Que o teo crime resgatam :
He elle; não duvides : alegrai-vos,
De jubilo exultai, ó Ceos e Terra.

Strophe.

Vós o vistes, Discipulos ditosos,
Glorioso Esquadrão, que se nutria
    De amor casto e divino,
Mais de quinhentos humilhando o rosto
    Entre vivos transportes
Adoraram o Deus ressuscitado,
A Divindade amiga dos humanos.

(8) Estes dous versos estavam no original assim :

Em vão forcejas apagal-o ; irado
Um Deus a chamma abrasadora acende.

(9) O ultimo epode era do modo que passo a transcrever.

O Messias divino ,
Assim tu fielmente o predizias ,
E os meos olhos encontram
O vagabundo povo ,
Depois de tantos revolvidos seculos ,
Da tua divindade sendo a prova.

ODE VIII.ª

ODE VIII.ª

SOBRE O MESMO ASSUMPTO.

Strophe 1.ª

RETUMBA emfim de Paulo a voz divina,
Escuta homem culpado:
Embora o escarneo vil, com mão ferina,
A tua face torne impia e malina;
Verás ajoelhado
Todo o mundo adorar seo Mestre amado.

Antistrophe 1.ª

Vae, ó Musa, afinar outro instrumento;
Trase a lyra sonora
Do cisne de Israel: não visto intento,
Elevado inaudito pensamento
Me occupa e me namora,
Que requer voz sublime, e encantandora.

Epode 1.º

Do Libano se abalam
Os altos cedros já de ouvir-me anciosos:
E os ventos furiosos
O seo zunido calam;
De perturbar meo canto temorosos.

Strophe 2.ª

Não sordida Avareza, nem cruenta
Ambição deshumana,
Que de honras vans e sangue se alimenta,
A minha voz sincera move, e alenta:
Nem já paxão insana
O peito dos mortaes cativa e engana.

Antistrophe 2.ª

Em longa assidua guerra combater-te
E depois de cortado
O merecido loiro, refazer-te,
Para de novo mais e mais vencer-te,
Ate ver suffocado
O leão que em ti ruge concentrado.

Epode 2.º

Esgotar valoroso
Amargo Calix; d'elle imbriagar-te,
E como Reo portar-te
Ante o Deus justiçoso:
Eis o que venho, ó Homem nunciar-te.

Strophe 3.ª

Do mundo a pompa e o frivolo conceito,
Armado de humildade,
Desprezar com sereno, ledo aspeito:
E ao esplendor, que exige vão respeito,
Frugal simplicidade
E a pobreza antepôr, e a caridade.

Antistrophe 3.ª

Eis a lei que promulga o Deus que desce
Dos Ceos á terra ingrata.
Que n'uma Cruz pendente se offerece,
Entre dores expira, e desfalece,
Entregando-se á morte
Para dos homens melhorar a sorte.

Epode 3.º

Do tumulo horroroso,
Com magestade nova, eis ergue a frente:
E agora refulgente,
Mais que o Sol luminoso
Nos Ceos, inspira e brilha astro luzente.

Strophe 4.ª

Assim Paulo falava, e sem abrigo,
Sem protector mundano,
Regenerar intenta o orbe antigo:
Com desprezo cruel, rosto inimigo,
O mede soberano,
Do mundo o sabio lisongeiro e ufano.

Antistrophe 4.ª

Armai-vos, ó terrenas Potestades,
Vibrai a ferrea espada
Do Senhor contra o Christo, atrocidades
Praticai, e mil novas crueldades;
Da vossa mão armada
Se rî a mão que faz viver o nada.

Epode 4.º

Eis rompe de Judea
Esquadrão abrazado em fogo ardente,
De um Deus justo e clemente
A sublimada idea
Derramando, entre a cega humana gente.

Strophe 5.ª

Quam bellos são os pés dos que annunciam
A candida verdade!
Os ternos olhos la dos Ceos desciam
Os celestes Espiritos, que os viam,
E da sua beldade
Se enamorava a mesma Divindade.

Antistrophe 5.ª

Quem, ó cobarde Pedro te reveste,
De peito diamantino?
Tu já não es o fraco que temeste
Confessar o teo Mestre, que offendeste:
Firme e de pasmo dino
Da morte arrostras o punhal ferino.

Epode 5.º

Pelo pó desolada,
Se revolve a confusa Idolatria,
E furiosa bramia
Vendo luzir alçada
A Cruz que o sangue do homem Deus tingia.

Strophe 6.ª

Aparecei, ó Martyres altivos:
A veneranda frente
Dos sepulchros erguei, fazei aos vivos
Ver quanto algozes feros vingativos
Trabalham com ingente
Furia, por destruir a Fé nascente.

Antistrophe 6.ª

Aqui em borbotões vejo fervendo,
Caldeiras abrazadas,
E nellas mão tirana revolvendo
Os servos do Senhor, justo, e tremendo:
Navalhas afiadas
Ali giram em roda acceleradas.

Epode 6.º

Duro ferro buido
As carnes talha á timida donzela,
Que delicada e bella,
Com peito revestido
De divino vigor, os Ceos anhela.

Strophe 7.ª

Chammas, alfanges, cavalletes duros,
O oleo, o pêz fervente,
Grilhões, carceres fetidos, e impuros,
Não fazem vacilar os genios puros
Que inflama amor ardente,
Acceso pela mão do Omnipotente.

Antistrophe 7.ª

Ao Christo do Senhor já mil altares
Votados apparecem,
Cheiroso incenso tolda os mansos ares,
Seo nome já povôa a terra e os mares,
Já os braços desfalecem
Dosque contra os seos servos se embravecem.

Epode 7.º

O' homem atrevido,
A mão omnipotente e vencedora
Respeita, e humilde adora,
Que o mundo enfurecido
Domou, e nelle a cruz triunfante arvora.

ODE IX.ª

SOBRE O MESMO ASSUMPTO.

QUE sopro agita a mente fervorosa,
Que em vós chameja, Apostolos sagrados?
Acaso do Interesse a mão impura
A move e desatina?

Ou antes de vangloria subtil fumo
A deslumbra, e em delirios exaltada
Vos impelle a correr precipitados
Per entre mil perigos?

Deixastes tudo, Esposa, amigos, Patria,
Um homem de amargura annunciando
Como supremo Nume, que se assenta
Sobre os fulgentes Astros.

O braço levantais; eisque aterrada
Estremece ante vós a Idolatria:
E querereis acaso que de novo
Seo bafo respiremos?

Não, homens immortaes, de vossos labios
Só pende a terna, candida verdade,
Ella a penna moveu com que traçastes
As regras da Justiça.

Honras, riquezas, sempre aos pés calcastes:
Amargo oprobrio foi a vossa herança:
Sem fausto e pompa, so de Deus o nome
Exaltar anhelastes.

Banhada do innocente puro sangue
De vossos corações, ainda fumega
A terra, que das garras arrancastes
Aos falsos mudos Deuses.

Cruento testemunho os factos sella,
Que retratastes com lingoagem limpa
Das falsas tintas que maneja astuta,
Afectação proterva.

Nunca igual singeleza da Impostura
Seguiu os passos tremulos e incertos.
Nunca a doce risonha Ingenuidade
Se mostrou tam visivel.

Do seio escuro da sombria Morte,
Glorioso surgir vistes o Filho
Do Eterno Padre, vistes vosso Mestre
Que humildes adorastes.

Quantas vezes, à sua voz potente
As ondas socegou: quantas da Morte
Quebrou a dura foice: e do sepulchro
Soltou as tristes victimas!

Vós o jurastes com constancia invicta,
E o mundo convencido adora o grande
Piedoso Deus, que a Fé no peito duro
Lhe gravou compassivo.

OBSERVAÇÕES, E NOTAS.

Estas duas ultimas odes pelo estado imperfeito em que se achavam, e que mal pude disfarçar com minhas debeis correcções, devem ser olhadas mais como esbossos dos quadros que representam, do que como pinturas acabadas. Hesitei se as daria ao publico, mas como uma e outra, respirando a piedade que abrazava o espirito do autor, servem ao menos para da-lo a conhecer, julguei que devia assim mesmo publica-las, aplicando-lhes algumas emendas que não aponto por isso que da conservação dos logares originaes, que aliás seria forçoso transcrever, nem gloria pode resultar ao autor, nem instrucção propria a formar o gosto das leitores ainda moços que se dispozerem a imita-lo na poesia. Entretanto não serão inuteis para os que se dispozerem a imita-lo na piedade, e virtudes Christans.

ODE X.ª

A' PAIXÃO DE N. S. JESUS CHRISTO.

Treme Jerusalem: o Deus Supremo,
 Do seo brilhante throno,
Co' a cabeça acenou, e o Ceo tremendo
 Promete grande estrago.
Eu já vejo teos muros abatidos,
Tuas casas, teos templos saqueados.
 Aqui a Mãe perdida,
Palido o rosto, soltos os cabellos,
 Sente arrancar-se o Filho,
Que ella ao peito chegando em vão defende.
 As miseras entranhas
Dos velhos sacerdotes palpitando,
Fumegam junto ás victimas piedosas
 Que a Deus sacrificavam.
Cessai, cessai, infames sacrificios:
 Ouvi, ó Grecia; ó Roma,
De crimes horrorosos a pintura,
 Que Nero não forjára.
O' Filha de Siom, no pó te assenta,
Cobre de humilde cinza o teo culpado
 E fementido rosto.
Como ainda existiz, ó Sol, ó Terra!

De duros ferreos malhos
Sinto soar os repetidos golpes,
No Golgotha tremendo;
Rijos agudos cravos sem piedade
Rasgam crueis feridas: já semblante
Não tem, não tem belleza
Aquelle que domina sobre os astros,
Decujo aceno pende
Encadeada a ordem do Universo.
Quem fará no meo seio
De lagrimas brotar inesgotavel
Compassiva torrente? e noite, e dia,
De Judá sobre os crimes
Derramarei inconsolavel pranto.
Quaes esfaimados Lobos,
Quaes leões rugidores se aparelham
Sanguinosos verdugos,
E mil novas cruezas inventando,
De verde negro fel a féz offerecem
Ao Deus da Natureza.
Entre horrores, a Morte involve a face
Do proprio Autor da vida!
Escurece-te, ó Sol, no meio dia
A noite negra e fea
Do esquadrão das trevas rodeada,
Sob o manto nublado, o teo luzeiro
Abafe triunfante.
Esconde-te, Israel; mirrados corpos

Surgem das frias campas:
Treme o Orbe, de horror: fendem-se as pedras:
Do Templo o veo se rasga:
Em geral luto envolta a Natureza,
» Que fizeste, Israel? » te está bradando.
Jerusalem, que vejo!
Quam diferente estás d'aquelle antigo
Esplendor que luzia;
Quando sobre a montanha sublimado
Jehova legislava:
De trovões retinia o crebro estrondo,
Chamejavam relampagos, e em torno
Os ares encrespava
Denso fumo que o monte despedia.
Então a voz divina,
Entre o assombro da Terra, Ceos, e Abismo,
Com paternal carinho,
Os preceitos lembrava, que gravára
No peito dos humanos. Dobra o collo,
O collo empedernido,
O' suberba Siom. Já não divisas
O Santuario augusto:
As tuas ermas ruas não te mostram
Mais que o pó que dissipa
O vento furioso; e Tito acaba
De provar o teo crime ao Mundo inteiro.

DEPRECAÇÃO I.ª

A' VIRGEM MARIA NOSSA SENHORA.

Minha Mae, meo refugio, e minha guia,
Humilde imploro, a vossos pés prostrado,
Do meo Deus o perdão para mil crimes;
Valei a um desgraçado.

O' dia horrendo em que do Deus supremo
Eu o nome neguei, e resvalando
De peccado em peccado, ás brutas feras
Me fui assimilhando!

Ah! nunca mais o Sol seos raios vibre
Alegres neste dia; e de tristeza
Um lamento geral resoe em torno
De toda a redondeza.

Senhora, de quem sou um servo indino,
Comque palavras louvarei teo nome?
Tu foste a Aurora do formoso dia
Emque dos Ceos baixando,

A paz não duvidou seo niveo manto
Sobre a terra estender, puros deleites
Fazendo rebentar nos ferreos peitos
Dos miseros humanos.

Imagem bella do Supremo Nume,
Desenhada la desde a eternidade,
E digna de mandar os Ceos, e a Terra,
De que es a Soberana!

O' Mae do meo Senhor, embora irados
A carne, e o Mundo, e o barbaro inimigo
Que do Tartaro habita o lago immundo,
Contra mim se embraveçam.

Nada já temo: dentro no teo seio
Busquei seguro asilo. Tu que fazes,
Orgulhosa Suberba? E tu, fumante
Brutal sensualidade?

Tremei: que raia emfim doce esperança
De ver-vos sotopostas aos clamores
Da razão que prendieis, usurpando
Os seos nobres direitos.

Fatal peccado do primeiro humano,
Que de idade em idade dominaste,
Nem sempre has de acurvar a enferma raça
Do homem desgraçado.

Vem, Maria, vem ser o meo emparo
Minha libertadora, e minha gloria,
No meio dos peccados que me ofuscam
O Espirito abatido.

Qual cilicio apertado me comprimem,
Per toda parte, seos antigos laços:
Vem desprender-me da cadea infame,
Com que me tem ligado.

Vem salvar-me, ó Esposa do Deus vivo,
Pelo sangue do Deus, que sobre a Terra
Não duvidou morrer, para resgate
Do pecador ingrato.

DEPRECAÇÃO II.ª

A' MESMA SENHORA.

Esposa do Deus vivo, Templo augusto
Do Senhor que governa os Ceos e a Terra,
Escuta os meos gemidos, e do abismo
Do peccado a minha alma desenterra.

O' das Filhas dos homens a mais bella,
Em cujo seio, amigas se abracaram
A justiça, e a clemencia, e pelos homens
Com vinculo divino se ligaram.

Mae de meo Deus, refugio esperançoso
Do pecador afflito, vem depressa
Em meo socorro contra o vil imigo,
Que de bramir em roda nunca cessa.

Lembra-te que na cruz crúel, o sangue
Se verteu do tèo Filho angustiado,
Para as chagas lavar torpes, e impuras
Do pecador que a culpa tem manchado.

O' doce pensamento, que derramas,
Lisongeira esperança, no meo peito;
E a protecção benigna me asseguras
D'aquella aquem o Ceo vive sujeito.

A' IMMORTALIDADE

A' IMMORTALIDADE DA ALMA.

SONETO.

Sim eu sou immortal. Bramindo espume
A Maldade cruel, e desgrenhada;
Morda-se embora, pois não pode irada
Extinguir da razão o vivo lume.

Crêde, caros amigos, não consume
Do Tempo estragador a fouce ervada
Esta viva faisca, que abrasada
Cahiu do sopro do supremo Nume.

O Justo sobre a Terra, aos Ceos erguendo
Os algemados braços, e o tirano
Vicio no throno com o pé batendo,

Fazem fugir o refalsado Engano
Que em vão forceja, para ver gemendo
Da verdade o sisudo desengano.

NA PRESENÇA DE UMA GRANDE TROVADA.

SONETO.

Tremei humanos: toda a naturéza,
Do seo Deus ao aceno convocada,
Sobre negros trovões surge sentada,
Em cruel furia contra nos acesa.

Do rosto seo escondem a belleza,
Medonha escuridade acompanhada
De abrazadores raios, e pesada
Saraiva que no ar estava presa.

Agora perde a cor de mêdo cheio,
O Monarcha feliz, e poderoso,
Que o vil orgulho abriga no seo seio.

Tu descoras tambem, Atheo vaidoso,
E menos cego sem achar esteio,
A mão, que negas, bejas duvidoso.

POESIAS

PROFANAS.

POESIAS
PROFANAS.

CANTATA.

PIGMALIÃO.

JA da lucida Aurora scintilava
O tremulo fulgor, e a Noite fria
Nas mais remotas praias do Occidente,
Entre abismos gelados, se escondia.
Amor impaciente
Dos Filhos de Morpheo se acompanhava,
E de Pigmalião a altiva mente,
Com lisonjeiros sonhos, afagava.
Ora de Galathea,
A estatua airosa e bella,
Obra do seo cizel, obra divina,
Se lhe avivava na amorosa idea:
Ora cuidava vê-la
Pouco a pouco animar-se,
E a marmorea dureza transformar-se
Em suave, vital brandura, dina
D'aquella que em Cythera,
Sobre os Amores e o Prazer domina.

Sobresaltado freme;
E entre illusões espera
Galathea apertar nos ternos braços:
Mas subito desperta
Procura-a, não a vê; suspira, e geme.
Então, com rosto triste e carregado,
O corpo ergue cansado,
E mal firmando os passos,
Girando a vista incerta
Pela vasta officina, o busto encara
Da magestosa Juno,
Que junto colocára
Ao do implacavel, fero Deus Neptuno:
Lança mão do cizel; ergue o martelo;
Repoli-los intenta,
E o extremo ideal tocar do bello.
Mas o cizel da mão se lhe extravia;
Froxo o martelo assenta,
E na vivaz ardente fantazia
Só Galathea com prazer revia.
Acceso, arrebatado
De insolito furor quebra, esmigalha
O marmore inculpado
Dos bustos, que polia:
Arremeça per terra, e á tôa espalha
O martelo, e o cizel, com que trabalha.
Volve os olhos, repara
De Galathea amada

Na formosura rára,
E ferido de Amor, curva tremendo
Os joelhos, e já não lhe cabendo
Dentro d'alma encantada
O transporte que o agita, ardido brada:
« O' tu, que os Deuses do Olimpo
» Feres de inveja, e de espanto,
» Porque nunca poude tanto
» Todo o seo alto poder;
» He possivel que reunas
» Tanta graça, tal belleza,
» E te negue a Natureza
» Respirar, sentir, viver?
» Eis do genio o prodigio soberano:
» Nem poderá jamais o sp'rito humano,
» Depois de rematar esta obra prima,
» Conter força sobeja,
» Que poderosa seja,
» Para novos inventos, sem que o oprima,
» Tam grande esforço d'arte,
» E esmorecido desfaleça, e caia.
» Amor, ó Deus, sem quem tudo desmaia;
» Amor que me guiaste
» O sublime cizel nesta ardua empreza,
» Ah! desce, vêm; reparte
» Da minha vida parte
» Com aquella, que tu avantajaste
» A' Deusa da belleza:

» Supre assim o languor da natureza :
» Influe doce alento
» Na minha Galathea tam formosa :
» Influe lhe razão , e sentimento.
» O' Amor ! ó Deidade grandiosa !
» Anima-a do calor , em que abrazado
» Meo coração a teo poder se rende :
» Rouba a Jove esse facho sublimado
» Do qual a vida pende :
» Sacode , vibra a chamma ,
» Que os mortaes aviventa , anima , inflamma.
» O' Amor ! ó Deus grande ! per quem vive
» Quanto nos vastos mares
» Se volve , e quanto talha os leves ares ;
» Per quem tudo revive ,
» E cuja mão potente desencerra
» A vital força que fecunda a terra !
» Escuta a voz que o teo soccorro implora ,
» E a minha Galathea
» Possa eu ver sem demora
» Sentir o fogo , que em meo peito ondea.
» Deuses , se isto impedís , de novo digo
» Que Inveja negra e fea
» Em vossos corações achou abrigo.
» Mas que vejo ! ó justos ceos !
» Treme o marmore e respira ,
» E parece se retira
» Ao toque de minha mão !

» Rubro sangue as veas gira ,
» Já seo braço me rodea ,
» E da linda Galathea
» Já palpita o coração !
» Nos olhos lhe circula , eu não me engano ,
» O teo fogo , ó Amor ! hoje cessaste
» De ser um Deus tyrano :
» Hoje sobre os mais Deuses te elevaste.
» Que te direi , Amor ? . . . Olha. . . . repara ,
» Nas faces delicadas
» As graças animadas
» Ateando desejos , e compara
» Tuas acções com esta que fizeste :
» Ve bem como a ti mesmo te excedeste :
» Prazeres fervorosos ,
» Suspiros encendidos ,
» Transportes anciosos ,
» Mil ais interrompidos ,
» Afagos e deleites , como em bando ,
» Pela voluptuosa
» Cintura , mais que airosa ,
» Qual a hera se enrolam , misturando
» As engraçadas frentes ;
» E de mimos ardentes ,
» De delicias minha alma repassando.
» O' Galathea ! ó minha doce vida !
» Tu me faltavas só para endeusar-me ,
» E de immortaes prazeres inundar-me.

» Agora brame irada
» A natureza contra mim erguida!
» Não a receio, e nada
» Já me pode assustar, porque te vejo
» Responder a meo fervido desejo;
» Dar vida a novos seres,
» Crear o sentimento
» De mil novos prazeres:
» Eis, ó Deuses! sem duvida a ambrosia,
» O divinal sustento,
» A suave celeste melodia,
» Que embebe de alegria,
» E torna glorioso o Firmamento!»

Com este pensamento
Transportado contempla a Galathea
(Que, ou mova a medo os passos,
Ou revolva o semblante,
Ou já recurve os braços
Em torno ao seo amante,
A cada movimento,
A cada novo instante,
Sente uma nova idea,
Sente um novo prazer, que a senhorea).
Então outro prodigio Amor obrando,
A lingoagem dos sons vai-lhe inspirando,
E de repente usando
D'este dote sublime

A feliz Galathea assim se exprime :

« Este marmore que toco,
» Esta flor tam graciosa,
» Nem esta arvore frondosa,
» Nada d'isto, nada he eu :
» Mas, ó tu ! que ante mim vejo,
» Que todo o meo peito abalas,
» Que tam doce de amor falas.
» Ah ! tu sim, tambem es eu.
» Vem a mim querido objeto,
» Aperta-me nos teos braços ;
» Convence-me em ternos laços,
» Que eu e tu somos so eu. »

NOTA.

O verso do segundo recitativo :

Se volve, e quanto talha os leves ares,

estava no original assim :

Se volve, quanto habita os densos ares.

Alem d'esta, as principaes alterações, que fiz nesta bellissima composição, foram no ultimo recitativo, e na ultima aria. No recitativo os versos que alterei, e vam marcados com o signal ( ), estavam assim no original :

Que ou volva a medo os passos,
Ou gire o seo semblante,
Ou aredonde os braços
Em torno ao seo amante,
Em cada movimento,
Em cada novo instante, etc.

A ultima aria estava da maneira seguinte :

Este marmore que toco ,
Essa flor tam graciosa ,
Nem essa arvore frondosa ,
Nada d'isso , nada he eu.
Mas ó tu quem quer que és ,
Que todo o meo peito abalas ,
Que tam doce de amor falas ,
Ah ! tu sim , tu inda es eu.
Vem a mim querido objecto ,
Vem cercar-me com teos braços ,
E assim preza em doces laços
Couvencer-me que inda es eu.

As razões que me moveram a fazer as alterações que fiz , parecem-me assaz palpaveis ; e por isso me poupo ao trabalho de expô-las aqui. Com tudo como em poesia , considerações de gosto devem muitas vezes prevalecer sobre considerações philosophicas ou gramaticaes, por isso assentei de conservar nesta nota a lição propriamente do autor.

ODE.

AO HOMEM SELVAGEM.

Strophe 1.ª

O' HOMEM, que fizeste ? tudo bráda ;
Tua antiga grandeza
De todo se eclipsou ; a paz dourada,
A liberdade com ferros se vê preza,
E a palida tristeza
Em teo rosto esparzida desfigura
Do Deus, que te creou, a imagem pura.

Antistrophe 1.ª

Na Cithara, que empunho, as mãos grosseiras
Não poz Cantor profano ;
Emprestou-m'a a Verdade, que as primeiras
Canções n'ella entoára ; e o vil Engano,
O erro deshumano,
Sua face escondeu espavorido,
Cuidando ser do mundo em fim banido.

Epode 1.º

Dos Ceos desce brilhando
A altiva Independencia, a cujo lado
Ergue a razão o sceptro sublimado,
Eu a oiço dictando
Versos jamais ouvidos: Reis da Terra,
Tremei á vista do que ali se encerra.

Strophe 2.ª

Que montão de cadeas vejo alçadas
Com o nome brilhante
De leis, ao bem dos homens consagradas!
A Natureza simples e constante,
Com penna de diamante,
Em breves regras escreveu no peito
Dos humanos as leis, que lhes tem feito.

Antistrophe 2.ª

O teo firme alicerce eu não pretendo,
Sociedade santa,
Indiscreto abalar: sobre o tremendo
Altar do calvo Tempo, se levanta
Uma voz que me espanta,
E aponta o denso véo da Antiguidade,
Que á luz esconde a tua longa edade.

Epode 2.º

Da dor o austero braço
Sinto no afflicto peito carregar-me,
E as tremulas entranhas apertar-me.
O' ceos! que immenso espaço
Nos sepára d'aquelles doces annos
Da vida primitiva dos humanos!

Strophe 3.ª

Salve dia feliz, que o loiro Apollo
Risonho alumiava,
Quando da Natureza sobre o collo
Sem temor a Innocencia repousava,
E os hombros não curvava
Do despota ao aceno enfurecido,
Que inda a Terra não tinha conhecido.

Antistrophe 3.ª

Dos férvidos Ethontes debruçado
Nos ares se sostinha,
E contra o Tempo de furor armado,
Este dia alongar por gloria tinha;
Quando nuvem mesquinha
De desordens seos raios eclipsando,
A Noite foi do Averno a fronte alçando.

Epode 3.º

Sahiu do centro escuro
Da Terra a desgrenhada Enfermidade,
E os braços com que, unida á Crueldade,
Se aperta em laço duro,
Estendendo, as campinas vai talando,
E os miseros humanos lacerando.

Strophe 4.ª

Que augusta imagem de esplendor subido
Ante mim se figura!
Nu; mas de graça e de valor vestido
O homem natural não teme a dura
Fea mão da Ventura:
No rosto a Liberdade traz pintada
De seos serios prazeres rodeada.

Antistrophe 4.ª

Desponta, cego Amor, as settas tuas:
O palido Ciume,
Filho da Ira, com as vozes suas
N'um peito livre não accende o lume.
Em vão bramindo espume,
Que elle indo apoz a doce Natureza
Da Fantazia os erros nada preza.

Epode 4.°

Severo volteando
As azas denegridas, não lhe pinta
O nublado futuro em negra tinta
De males mil o bando,
Que, de Espectros cingindo a vil figura,
Do sabio tornam a morada dura.

Strophe 5.ª

Eu vejo o molle somno susurrando
Dos olhos pendurar-se
Do frôxo Caraiba que, encostando
Os membros sobre a relva, sem turbar-se,
O Sol vê levantar-se,
E nas ondas, de Thetis entre os braços,
Entregar-se de Amor aos doces laços.

Antistrophe 5.ª

O' Razão, onde habitas? . . . . na morada
Do crime furiosa,
Polida, mas cruel, paramentada
Com as roupas do Vicio; ou na ditosa
Cabana virtuosa
Do selvagem grosseiro?.... Dize..... aonde?
Eu te chamo, ó philosopho! responde.

Epode 5.º

Qual o astro do dia,
Que nas altas montanhas se demora,
Depois que a luz brilhante e creadora,
Nos vales já sombria,
Apenas aparece; assim me prende
O Homem natural, e o Estro accende.

Strophe 6.ª

De tresdobrado bronze tinha o peito
Aquelle impio tyrano,
Que primeiro, enrugando o torvo aspeito,
Do *meo* e *teo* o grito deshumano
Fez soar em seo damno:
Tremeu a socegada Natureza,
Ao ver d'este mortal a louca empreza.

Antistrophe 6.ª

Negros vapores pelo ar se viram
Longo tempo cruzando,
Té que bramando mil trovões se ouviram
As nuvens entre raios decepando,
Do seio seo lançando
Os crueis Erros, e a torrente impía
Dos Vicios, que combatem, noite e dia.

Epode 6.°

Cobriram-se as Virtudes
Com as vestes da Noite; e o lindo canto
Das Musas se trocou em triste pranto.
E desde então só rudes
Engenhos cantam o feliz malvado,
Que nos roubou o primitivo estado.

NOTA.

Este Ode aonde brilha um estro superior ao que se destingue nas mais bellas composições d'este genero escriptas na lingoa portugueza, e talvez mesmo que em todas as lingoas vivas, foi composta no anno de 1784, tendo o autor apenas 21 annos de edade; por occasião de uma disputa que, em conversação amigavel, casualmente se levantou entre mim e elle, acerca das vantagens da vida social. A leitura do celebre discurso de João-Jaques Rousseau, sobre a origem da desigualdade entre os homens, foi a occasião que motivou a nossa pequena controversia. Para termina-la convidei eu o meo amigo a seguir friamente os meos raciocinios na analyse d'aquelle eloquente discurso, procurando fazer lhe sentir a falta de logica que em quasi todo elle se observa, quando reflectidamente se examina. Não era por certo facil trazer a este ponto um mancebo de imaginação ardente, em especial tratando-se de analysar com frieza uma composição que, de-

vendo ser toda razão, he toda fogo, como quasi todos os escriptos que sairam da penna d'aquelle homem extraordinario. Como quer que fosse, sempre conviemos por fim em que o pensamento de Rousseau seria bello para se desenvolver em uma composição poetica; e para que a nossa lembrança não ficasse inutil ajustamos que o autor, cuja brilhante fantasia prometia eleva-lo ao primeiro logar entre os poetas lyricos portugueses, composesse uma Ode Pindarica, na qual exposesse com toda a pompa, e magnificencia poetica, o paradoxo de João-Jaques Rousseau, em tanto que eu indicaria, em uma Ode Horaciana, a verdadeira origem, e as mais immediatas vantagens do estado social. Ajuntarei aqui a minha composição, bem que muito inferior á do meo amigo, para que o publico veja o resultado de uma conversação entre dois mancebos que ainda então estavam pouco mais do que no meio da carreira de seos estudos elementares. Apresento ao publico este parto da minha mocidade de tanto melhor grado, quanto elle apar da obra do meo admiravel amigo, servirá para faze-la mais realçar, bem como as sombras na pintura servem para fazer sobresahir as figuras traçadas pela mão do pintor. Eis aqui pois o que eu escrevi n'aquelle momento.

ODE

SOBRE O AMOR,

Considerado como principio e esteio da ordem social.

Não foram, caro SOUZA, as Lyras de oiro
De Orpheo, e de Amphion, que os Leões bravos,
E os indomitos Tigres amansando,
As cidades fundaram.

Embora finjam mentirosos vates,
Que as torcidas raizes desprendendo
As arvores annosas, que os penedos,
Apoz elles correram.

Tu, só tu, puro Amor, despir podeste
Da estupida bruteza a humana especie;
So tu soubeste unir em firmes laços
Os dispersos humanos.

Sem ti insociaveis viviriam,
Nas escarpadas serras, embrenhados;
Ou nos sombrios verde-negros bosques,
Em pasmada tristeza.

As fugitivas horas passariam,
Em languido lethargo submergidos,
Té que o pungente estimulo da fome
Lhes espantasse o somno.

Os singelos prazeres da amisade,
Prazeres suavissimos, so dados
Aos peitos generosos, e sensiveis,
Provar não poderiam.

As sciencias, as artes sepultadas,
No seio da Ignorancia inda jazéram;
Que inerte, e frouxo a nada se atrevéra
Um peito enregelado.

As bellas Marcias, as gentis Lycores,
Em vão dos vivos olhos fusiláram
Accesos raios, com que audaz fulminas
Rebeldes esquivanças.

Suas vermelhas engraçadas bocas,
Em vão, meigos sorrisos soltariam,
Tingindo as juvenís mímosas faces
De pudibundas rosas.

Anhelantes suspiros, brandas queixas,
Ternos agrados, carinhosos gestos,
Nada mover os peitos poderia
Dos animados troncos.

Dos Risos, e das Graças rodeada,
Venus com farta mão não derramára
Em seos rusticos leitos brandas flores,
Flores que tu só colhes.

O gosto de abraçar a cara Esposa,
De se ver renascer nos doces filhos,
De educar cidadãos, nutrir virtudes,
Coitados! não sentiram.

Víra-se em breve, co'o volver dos annos,
Hermo de novo, o povoado mundo,
Té que do seio da fecunda terra
Outros homens brotassem.

Ah! crê-me, SOUZA, Amór, Amor, somente
A vasta Natureza vivifica:
Amor nossos prazeres todos géra,
Nossos males adoça.

O soldado animoso, que se arroja
Com brio denodado a expôr a vida,
Em defensa da Patria ameaçada
De inimigas phalanges;

Depois de haver sofrido longas marchas
Per aridos sertões, per frias serras,
Arrastrando cansado os cavos bronzes
Nas pesadas carretas;

Depois de ouvir nas horridas batalhas,
Troando o furiosa artilheria,
Pelos ares silvar os ferreos globos
Que a morte envolta levam;

Depois de ver os rápidos ginetes
Atropelando os fulminados corpos
Dos cahidos guerreiros, que em vão pedem
Vingança, ou Piedade,

Entre os braços da timida donzela,
Que Amor lhe prometera, prompto esquece
As passadas fadigas, os horrores
Da guerra sanguinosa.

O misero cultor, que industrioso
Do fertil seio da benigna terra
Faz abrolhar os preciosos frutos,
Que a vida nos sustentam,

Ou já sofra no frigido Janeiro,
Em quanto o arado rege, os finos sopros,
Com que lhe tolhe os calejados dedos
O gelado *Nordeste*;

Ou já suporte no calmoso Estio
Do abrazado *Suão* o ardente bafo,
Cuidoso, o loiro trigo debulhando
Nas pulvereas eiras;

Apenas desenvolve o denso manto
Sobre a face da Terra a noite amiga,
Se o repouso procura aos lassos membros
Na rustica morada,

Vendo a fiel consorte, que saudosa
Ao encontro lhe sahe, e o caro filho,
Que largando da Mae o doce peito,
Lhe estende os tenros braços,

Em ternura suavissima desfeito,
Que o casto amor no coração lhe entorna,
Contente já de sua humilde sorte
Bendiz a Providencia.

Assim, ó SOUZA, na fiel balança,
Onde a Razão os bens, e os males pesa,
Se vê que, sem Amor, a vida humana
Seria insuportavel.

ODES ANACREONTICAS.

ODE I.ª

Omnia vincit Amor.

JUNTOS os Deuses no suberbo Olimpo
Viram brincando o fero Deus Menino,
Que, com travessa mão, dextro desfere
Mil vencedoras settas.

Os chocalheiros Risos o rodeam,
Os meigos Gestos, os Suspiros ternos,
Os mimosos Afagos fervorosos
Em torno lhe revoam.

Riram-se os Deuses, e Cupido irado
Em batalhões reparte o lindo bando,
Que promptos, e ordenados já encurvam
Os seos temiveis arcos.

Um aceno de Amor abate os Deuses:
Correm vencidos em tropel confuso
Apoz as lindas Graças, que fugindo
Seguram a victoria.

O vencedor ufano, então vaidoso,
Com risonho desdem zombando, empunha
De Neptuno, e Plutão, de Marte, e Jove
Os sceptros radiantes.

Maligno e vingativo, largo espaço,
Na mão sustenta do Universo as redeas:
Amor os Montes, os Palacios, tudo
Amor então respira.

ODE II.ª

Oh! quanto es bella
Vermelha rosa,
Tu me retratas
Nize formosa.

Lindo botão
Vejo a teo lado,
Qual junto a Venus
O Filho alado.

Elle de Nize
Me pinta a cor,
E o seo amavel
Terno pudor.

Verdes espinhos,
Para defeza,
Te pôz em torno
A Natureza.

Tal a Razão,
Sempre adoravel,
De Nize cerca
O peito afavel:

N'elle se enlaça,
Bem como a hera,
E seos desejos
Rege severa.

Quando no meigo
Seio de Flora
O orvalho atrahes
Da roxa Aurora,

Sobre as mais flores
Beleza ostentas:
D'ellas o sceptro
Ter representas.

Ah! quantas vezes
Da especie humana
Julguei ser Nize
A Soberana.

Tam gentil rosto
Jamais a Terra
Viu; n'elle a força
D'Amor se encerra.

O' Flor mimosa,
Quero colher-te,
E no meo peito
Sempre trazer-te.

Mas ah! depressa
Tu murcharás,
E imagens tristes
Me lembrarás.

Já de horror sinto
Torvar-se o sp'rito,
E o coração
Bater-me afflito.

A minha Nize
Tambem da Morte
Hade sentir
O duro Corte!

Fazei-a, ó Ceos,
Ou menos bella,
Ou nunca a Morte
Possa vencêlla!

ODE III.ª

Não temas Nize,
Entra sem susto,
No Templo augusto
Do Deus de Amor.

Entrà : verás
Ligeiro bando
De mil Amores,
Ledos voando.

Não te intimides
De vê-lo armado
D'arco, e d'aljava
Pendente ao lado.

Amor não tem
Alma tam dura,
Que não respeite
A Formosura.

Quando tivesse
Peito de féra,
Teo lindo rosto
Brando o fizéra.

Venus deseja
Filha chamar-te,
Paphos e Gnido
Quer adorar-te.

O vil ciume,
Negro furor,
Para assaltar-te,
Não têm valor.

Antes rendidos
Te adorarão;
Sua Rainha
Te chamarão.

Ternas finezas,
Doces abraços,
De Nize bella
Serão os laços.

CARTA

AOS MEOS AMIGOS,

Consultando-os sobre o emprego mais proprio de meos talentos.

QUAES os raios de Phebo luminosos,
Quando assoma no Oriente o seo semblante,
Se arrojam sobre a Terra fervorosos,

E crescendo em vigor, d'instante a instante,
Despenham-se per toda a Redondeza,
Banindo as Trevas que se põem diante;

Assim, fervendo com igual presteza,
Mil ideas á vaga Fantasia
Se apresentam vestidas de belleza.

Ora Apollo me ordena, que a Alegria
Pinte movendo os torneados braços,
Entre os risos, e a doce melodia.

Ora de Amor os delicados laços
Aperto, pelas Musas ajudado;
Ora os afrouxo, e rompo em mil pedaços.

Se estendo os olhos pelo triste fado
Que os humanos persegue, a luz brilhante
Da moral accender-se vejo ao lado.

O'

O' virtude sublime! o teo amante
Nome repito, e logo as Musas descem
A accompanhar-me em lyra de diamante.

Principio a cantar-te, e se me offrecem
Cruentos erros, que em tropel se apinham,
E a luz que tinha quasi me escurecem.

Impavido os arrosto, e ja não tinham
Alçada a frente altiva; quiz piza-los;
E não sei que temores me detinham.

As paxões em furor, para ajuda-los
Vejo revoltas; mas vencendo o medo,
Com mais força, jurei de maltrata-los.

Desde então Melpomenè, que um rochedo
No Pindo habita, e que meo peito accende,
Ao ouvido me diz isto, em segredo:

Calça o cothurno; que temor te prende?
Con pincel atrevido, o triste damno
Das paxões pinta, e com meo fogo as rende.

Mas Thalia travêssa, que o tyrano
Vicio escarneça, disse; e logo o riso
Vi raiar em seo rosto, doce e humano.

Com magestoso andar, chea de siso,
Calliope formosa me ordenava
Que, altivo, imite o Mantuano Anfriso.

Mostra-me ao longe a luminosa aljava,
Que dos claros Varões esconde o nome,
A Deusa que os Sallustios inspirava.

Vós, a quem a mania não consome,
Caros amigos, de deixar á edade
Vindoira escriptos vãos, que o tempo come:

Vós que o peito cerrastes á vaidade;
E se escreveres, serão só escriptos
Dictados pelo bem da Humanidade:

Socorrei-me em tam asperos conflitos;
Pois onde mora a candida virtude,
Tambem habitam os sublimes ditos.

Esse oiteiro sombrio, ingreme, e rude,
Onde as sciencias o seo throno ergueram,
Subir, ao vosso lado, nunca pude:

Medî as minhas forças; pois cederam
Em vós do sp'rito seo tamanha parte
As soberanas Musas, que vos deram
Sublime engenho, fino gosto, e arte.

ELEGIA

A' AMISADE,

Dirigida ao Doutor Francisco-José de Almeida, n'ella designado pelo nome de Fileno.

QUANTO he doce existir! Quanta doçura
Em ti encerras, preciosa vida,
Inda mesmo em momentos de amargura!

Sagrados Deuses, e hei de ver perdida
Esta fonte de bens e de prazeres,
Entre as garras da morte enfurecida?....

Não vos invejo, soberanos Seres,
Os bens que possuis; so vos invejo
O não teres receio de os perderes.

Ternos Pastores do aprazivel Tejo,
Alegrai-vos comigo: horas amaveis,
Parai; obedecei ao meo desejo.

Da candida amisade as mãos afaveis
Sinto amimar-me; et já na erguida frente
Ella me imprime beijos adoraveis.

Tu me afagas, ó Deusa!... Ceos!... Que enchente
De graças lhe atavia o meigo rosto,
E da boca lhe sahe tam docemente!

Sim : Amigos achei ; fuja o desgosto
Sobre as azas do Tempo fugitivo ,
E na terra não torne a achar mais posto.

O Fado , n'outro tempo , injusto , e esquivo
Fez-me beber no calix da desgraça
Mil desprazeres de amargor activo.

Esgotei, he verdade, a horrivel tassa :
Mas ao tragar do fel, terna amisade
Achei ; ter já não temo à sorte escassa.

Dos beiços teos pendendo , a suavidade
Meos trabalhos adoça ; não te excede
Dos favos de Hybla a doce amenidade.

Junto a ti não receo fome ou sede ;
Pois , com armas singelas a Virtude
De encárar-me ferozes , as impede.

Nos altos tectos , no penhasco rude ,
Se a meo lado te encontro , da tristeza
Recear o semblante nunca pude.

Meo querido Fileno , a Natureza
Esmerou-se em formar-te ; no teo peito
Unindo dotes de immortal belleza.

A ternura beijou teo brando aspeito ;
E dos seos labios o signal gravado
Infunde puro amor, puro respeito.

De ti para mim vôa o delicado
Sentimento , com sua mão mimosa
Polindo um coração por ti formado.

Seo tacto he tam macio como a rosa
De transparente orvalho rosciada,
Quando a bafeja Filis amorosa.

Amisade fiel tam desejada,
Tu não existes só na fantasia;
Tu não es uma fabula sonhada.

Enchei-vos, rios, montes, dealegria;
Sentî um pouco do prazer, que abala
Minhas entranhas n'este claro dia.

Loucos Amantes, vosso peito estala
Nos braços do ciume roedor;
E em vós a paxão cega he só quem fala.

Se assim mesmo prezais esse furor,
Que a razão desaprova, sêde embora
Escravos do tyrano Deus de Amor.

Fileno, a tua voz encantadora
Faze soar, verei baxar a ouvir-te
A Razão, que tua alma tanto adora.

A sublime Razão que fez sentir-te
O veneno cruel, que Amor encobre
Nas settas com que já soube ferir-te.

Ah! trinta vezes seos prazeres dobre
Esse louco rapaz; terna Amisade!
Eu não o temo; o braço teo me cobre.

Das almas puras pura Divindade,
Escuta-me benigna: dize, a Morte
Não poupará Fileno? ... Ceos! piedade!

Dize-me, acaso a desabrida sorte,
Antes que eu desça á fria sepultura
Desferirá contra elle o final corte?

E como poderei sua figura
Ver em medonho feretro estendida,
Tinta da côr da pallida amargura!

Seos olhos.... seo esp'rito.... O' desabrida
Imagem, de mim foge: que eu não posso
Suportar tam pungente, atroz ferida.

Deusa que imperas sobre o peito nosso,
Ouve os meos rogos: assim cante a Terra
Sempre louvores ao imperio vosso.

Os meos gemidos no teo seio enterra:
Escuta, ó Deusa: no fatal momento,
Que em si do meo Fileno a morte encerra,
Faze que eu tambem lance o ultimo alento.

SONETOS.

SONETO I.°

OITO annos apenas eu contava,
Quando á furia do mar abandonnando
A vida, em fragil lenho, e demandando
Novos climas, da Patria me ausentava.

Desde então á tristeza começava
O tenro peito a ir acostumando;
E mais tyrana sorte adivinhando
Em lagrimas o Pae, e a Mae deixava.

Entre ferros, pobreza, enfermidade
Eu vejo, ó Ceos! que dor! que iniqua sorte!
O começo da mais risonha edade.

A' velhice cruel, (ó dura Morte!)
Que faz temer tam triste mocidade,
Para poupar-me, descarrega o córte.

SONETO II.º

NAS loiras tranças da gentil Tircéa
Os Amores, per gosto se prenderam,
E em seos formosos olhos se esconderam
As tres Graças, e a mesma Cytheréa.

Ò terno pejo as faces lhe rodéa,
E as côres, com que as pinta, se escolheram
No seio da ternura: já cederam
Vulcano e Marte á chamma que ella atéa.

Dos rubros labios pende a formosura,
Que estendendo o seo braço delicado
O collo lhe formou de neve pura.

Este lindo semblante o Deus vendado
Beija mil vezes, e com elle jura
Ter dos Ceos, e da Terra triunfado.

SONETO III.º

Que sonho tam feliz! . . . Em molle leito
Os membros, caro Anfriso repousava;
Quando, as azas batendo, se encostava
Um filho de Morpheo sobre o meo peito.

Meneando um pincel com ledo aspeito,
Nos braços da Amisade me pintava,
Que risonha o seo templo me mostrava
Aonde os Deuses entram com respeito.

Junto á porta se via a compassiva
Ternura, que o teo nome repetindo,
Parecia ficar por isso altiva.

Mal me viu foi o ermo Templo abrindo,
E da Deusa no Trono a imagem viva
De nossos corações vi reluzindo.

SONETO IV.º

Feito de improviso junto á sepultura de D. Ignez de Castro.

Os Amores em chusma se ajuntaram
A formar esta lugubre escultura :
Mas ao traça-la , cheos de ternura ,
Os meigos olhos com as mãos taparam.

O Genio da Tristeza , que invocaram ,
Lhes aplica o Cizel á pedra dura ,
E a triste magestosa sepultura
De Ignez e Pedro juntos acabaram.

Para admirar esta obra , la de Gnido ,
Talhando os ares , vem ligeiramente ,
Vaidoso e ufano , o fero Deus Cupido :

Mas ao vê-la desmaia ; e de repente ,
De compaxão insolita movido ,
O rosto vira , e o banha em pranto ardente.

SONETO V.º

Ouvindo o pranto dos fieis Amores,
Que o seo chefe procuram, traspassada
De susto a linda Venus, desgrenhada
Corre a buscar o Filho entre os pastores.

Já pergunta por elle ás tenras flores:
Já aos ventos, e em lagrimas banhada,
Que lh'o tragam depressa, afflicta brada;
Prometendo mil premios, mil favores.

A um lado e outro, sem cessar voltando
Os olhos, onde a magoa reluzia,
Vê de Fileno, acaso, o gesto brando.

O Filho cuida vêr: e já corria
A dar-lhe um beijo; eis pára, e suspirando
Recua; porque aljava lhe não via.

SONETO VI.º

Maltratar a Tithon Amor jurava ;
Pois junto á bella Aurora adormecido ,
Ser mais feliz que o proprio Rei de Gnido ,
Em sonhos engolfado imaginava.

Vai de Nize valer-se , que adorava ;
Nos braços a segura enternecido ,
E com sereno vôo despedido ,
Ao lado de Tithon a recostava.

Acorda o branco Velho , e mansamente ,
Os olhos esfregando , busca a Esposa ;
Mas vendo Nize , estranho fogo sente.

Em vão quer abraça-la : a mão ciosa
De Cupido lh'a rouba ; e descontente
A vida desde então lhe he só penosa.

SONETO VII.º

Aos Annos de uma Menina.

Não creas, gentil Marcia, na pintura,
Com que malignos Genios figuráram
O veloz Tempo, quando a mão lhe armaram
De cruenta, implacavel, foice dura.

Inimigo fatal da formosura,
Com fantasticas cores, o pintáram;
E nem ser elle, ao menos acenáram,
Quem desenvolve as graças da figura.

Qual cerrado botão de fresca rosa,
Que o ligeiro volver de um novo dia
Abre, e transforma em flor a mais mimosa:

Tal, a infantil belleza, inerte e fria,
De anno em anno se torna mais formosa,
E novo brilho, novas graças cria.

AS AVES,

Noite Philosophica.

AGORA que os humanos repousando
Seos lassos membros, um silencio triste
Parece *adormecer* a Natureza; »
Quando apenas da Filha de Latona
Os descorados raios se divizam,
E de nocturnas tremolas Estrelas
Brilha o clarão *escasso* e fugitivo; »
Desce do cume do sagrado Olimpo,
O' Filha da Razão a mais amada,
Messageira da candida Verdade,
Sisuda Reflexão, que magestosa
Calcas o collo do suberbo Engano:
Escuta um genio que, de ti pendente,
As obras quer pintar da Divindade.
Sobre as azas brilhantes sopesado,
Com que sustentas firme os que te invocam,
Seguro voarei, acompanhando
Do ar os innocentes moradores.
Que scena tam sublime se me off'rece!
Nunca, ó dura Familia dos humanos,

Celebrarei teo nome em prosa ou verso: »
Vicios, cruezas, vergonhosos erros
Compoem a tua desgraçada historia:
Nos ermos bosques, *nos penhascos broncos* »
Procurarei solicito alguns visos *
Das singelas feições da Natureza, *
Que estudado artificio, insano orgulho *
Não poude ainda destruir de todo. *

O' Tompson, ó Virgilio! Quem a lyra
Me poz ao lado, que soou no *Tibre*,
E nas ribeiras do avarento *Támesis?*
Eu lanço d'ella mão: tambem *no Tejo* »
Ressoarão as suas aureas cordas. *

Erguei, Tagides bellas, sobre as ondas
O delicado rosto; dai-me ouvidos,
E vereis como as graças da Poesia
Adornam, aviventam frios rasgos,
Com que um genio immortal, lá dentre os gelos
Da guerreira Suecia, desenhava
As varias ordens de emplumadas Aves.

Qual dextro General, que vendo a guerra
Assanhar as serpentes sibilantes,
Da carrancuda fronte em mil fileiras
Sabio divide a militar cohorte;
Assim a Mae fecunda e providente,
Que vigorosa e meiga comunica
A tudo o ser e a vida, combatendo
Em campo aberto a confusão escura,

Em seis diversos batalhões reparte
O lisonjeiro matizado bando
Das voadoras aves. Qual batendo
As desenvoltas azas lhe deslumbra
Os olhos assombrados : qual cantando
Faz o terrivel tresdobrado açoite
Cahir das mãos da perfida inimiga :
Qual outro encurva as retorcidas unhas ,
E com gest o feróz,acceso em ira
Lhe arranca a vida em negro sangue envolta.
Já vejo triunfantes sobre as nuvens
Soltar ligeiras destemido vôo
As carniceiras aves bellicosas ,
Que só vivem de roubos sanguinarios.
Diferente figura lhes pintára
Das mais , que vivem sobre os mansos ares ,
O supremo Senhor que tudo rege ;
Quando , cheo de luz e magestade ,
Fazia retumbar , do informe Nada
No perguiçoso reino , a creadora
Omnipotente voz. Dura materia
Da sua frente desce dividida
Em forma orizontal , Rostro lhe chamam :
Ora quasi ao nascer logo começa
A curvar-se feroz : ora já perto
Da *aguda* ponta se endurece , e torce :
A parte superior a um lado e outro
Se estende , e cobre a que debaxo fica.

As vezes inimigo dente alveja ,
E ameaça do ar os moradores.
Tudo n'ellas retrata o turvo aspeito
Da faminta , cruel ferocidade.
Foi ella quem , movendo as mãos de ferro ,
As unhas lhe arqueou , soltou lhe os dedos ,
Que uma leve membrana prende em outros :
Pequenas prominencias , que os afeam ,
Uniu a estes , e de força rára
Os membros todos lhe *dotou* raivosa. »
O' tu , que cercas o terreno espaço ,
Que , com os outros seres reputados *
Por elementos primitivos , gozas
Da gloria de formar a Natureza ;
Que as vezes *susurrando* mollemente »
Retratas de Cupido o somno *brando ;* »
Que outras vezes zunindo furioso ,
Os mares revolvendo , Os Ceos insultas , *
Deserto não serás. Ligeiras aves
Vam seos ninhos deixar , e remontar-se
Sobre a massa pesada que lhe off'reces.
Amor as tinha unido , este Deus cego
Que estende o seo poder do Bruto ao Homem ,
Animando o Universo frio , e inerte
Per toda parte com seo vivo influxo.
Apenas a benigna Primavera »
Sua face risonha sobre a Terra »
Principia a mostrar ; movendo as azas

O carrancudo Abutre, e expondo ao vento
A despida cabeça, a um lado e outro
Volve a cruenta bipartida lingoa;
E sobre alcantilada nua rocha,
Onde as ondas quebrando *iradas fremem*, »
Ou ja sobre o mais alto erguido cume *
De pedregosas, ingremes montanhas, *
Em vão dos bravos ventos açoitadas, *
Seo ninho vai formar; em quanto gira
O ousado Falção, tambem no bico,
Que em torno cerca já gastada pelle,
Os aprestes trazendo que lhe aponta
Amor, da Natureza doce esteio.
  Em que te occupas, diligente *Lanio,*
Quando já de mil flores coroada
A estação dos Amores se adianta?
Já te vejo rasgar os leves ares,
E sentindo aquecer o rubro sangue
Cedes tambem de Amor ao vivo impulso.
Sim, es tu..... não me engano..... a Natureza
No teo rostro caracter *mui distincto* »
Estampou, com mão firme *e vigorosa*, »
Fazendo-o menos curvo, e interrompendo »
A constante, subtil, polida margem
Com mui visivel falha; e vigorando-o
Com assassino duplicado dente:
Não te demores, aproveita os dias,
Em que ferve o prazer, e Venus bella

D'entre as vagas do mar, onde acolhida
No seio de Amphitrite repousava,
Ergue a frente cercada de deleites.
Olha como respira docemente,
E nas azas dos Zefiros levada
Seo halito fecundo se insinua
Nas entranhas da Terra amortecida:
Como, depois do Inverno triste e languido,
Remoça o orbe vigoroso e ledo.
Já nos campos, nas asperas Florestas
Ao ninho esperançoso te convidam
As arvores, no verde altivo cume
Afiançando providente abrigo.
  Não eram estes os cuidados ternos,
Que na amorosa, errada fantazia
Imaginavas nescia, ó Nictimene.
Suberbo throno a perfida Fortuna
Parecia guardar-te; eis de repente »
Da Noite sob o manto escuro e denso
Envolta foges, agoirando males,
E te esquivas á luz do sol brilhante. »
Nas frouxas garras do lascivo Incesto,
Perdeste a delicada antiga forma. »
A occulta mão, que o crime enfrea e pune, *
De escuras pennas revestiu-te o corpo: »
Na cabeça disforme la te rasga »
Os olhos que, por grandes, mais te afeam,
Nem se erguem sobre o curvo rostro as plumas,»

Que airosas n'outras aves o rematam : »
Frouxas e reclinadas a guarnecem , »
Afrontando as obtusas corneas ventas ,
E entre todas te fazem conhecida.
De Creta sobre as praias lastimosas ,
Aonde pela vez primeira o canto ,
Horrivel que entoaste , foi ouvido ;
Desgrenhando as madeixas de oiro fino ,
Longos annos gemendo memoraram
Teos erros , e teo fado miserando ,
As compassivas Ninfas , e as Napeas. »
Mal podem consolar-te ufanas plumas , »
Que recurvadas na cabeça imitam »
Da tortuosa orelha o fino talhe :
Embora a teo querer obedientes »
Ora se abaxem , ora se levantem : »
Não cabe em vãos ornatos da desgraça *
Mitigar o pungente acerbo golpe : *
Que te vale ter sido consagrada
A' casta Deusa que ao saber preside ;
Se te deslumbra os olhos vergonhosos
A luz clara do dia , e torpe objecto »
Exposta jazes á picante mofa
Dos passaros mais debeis , e mesquinhos ? »
Tal he per toda parte o teo destino ,
Quer nos campos da Ausonia , negras azas
Agites , ou nos rijos pés despidos »
De plumage te firmes : quer ostentes »

Alvo corpo nas frigidas montanhas, »
Onde o baxo Laponio contrafeito, »
Miseravel sustenta errante vida. »
Embora vingues dilatados mares,
E de Hudson nas róchas procellosas
Assentes o teo ninho, ou la nas terras,
Onde o seo throno nebuloso o Inverno
Firmou sobre montões de fria neve;
E esteril gelo; terras desditosas,
Que um capitam, brioso alucinado, *
O ousado Magalhães ao Mundo antigo »
Patentes fez, tentando nova estrada »
Que per ignotos rumos conduzisse *
Os emulos da Patria a disputar-lhe *
O dominio, e riquezas do Oriente: *
Vingança torpe de renome indigna! *
Debalde buscas solitario asilo *
Em ermas plagas, em gelados climas: *
Sitio não há, aonde os refulgentes *
Raios do claro sol te não deslumbrem, *
E em que a vil cobardia não te force *
A suportar ludibrioso escarneo »
Das aves que, feroz e atraiçoada, »
Surprendes, e que barbara laceras, »
Quando da Noite o soporoso bafo *
As convida a gozar placido somno. *
Nem tua crua indole se abranda »
Nos climas do Brazil, onde Amor vive

De exquisitos deleites, de finezas, »
E de ternas meiguices rodeado: »
Paiz aonde as Musas, que risonhas, *
Carinhosas o berço me embalaram, *
Outra Hippocrene rebentar fariam,
Outro Parnaso excelso e sublimado
Aos Ceos levantariam, se ao ruido
De pesados grilhões jamais podessem
As filhas da Memoria acostumar-se. »
Alí a terra com perenne vida
Do seio liberal desaferrolha
Riquezas mil, que o Lusitano avaro
Ou mal conhece, ou mal aproveitando,
Esconde com ciume ao Mundo inteiro (1).
Alí, ó dor!.... ó minha Patria amada!
A Ignorancia firmou seo rude assento, »
E com halito inerte tudo damna, »
Os erros difundindo, e da verdade
O clarão ofuscando luminoso.
Alí servil temor, e abatimento
Os corações briosos amortece,

(1) Esta obra foi escrita mais de vinte annos antes de S. M. passar a este paiz, e de estabelecer n'elle o mais *liberal* dos governos. Actualmente viajam no seo interior *Mineralogistas* e *Botanicos* Francezes, Alemães, e Bavaros: e viajariam os de outra qualquer Nação, se o pretendessem.

E em quanto a Natureza desenhava
De outro Eden as campinas deleitosas,
A estupida Ambição com mão mesquinha »
Transtornou seo magnifico projecto, »
E so parece aparelhar abrigo
A's aves, que do dia se arreceam,
E procuram da Noite a sombra triste.
Por isso, ó Nictimene, te acolheste
Do Brazil aos rochedos e ás Florestas,
Aonde o Indio em seo falar singelo
Jacorutú chamou-te, e te conhece
Não só pelas feições, com que na Europa
O Bufo das mais Aves se apartára;
Mas pela varia cor de branco e fusco,
E de amarelo que te tinge as pennas.
A despeito de tam gentil plumage,
As aves que te temem, quando assoma
No longinquo orizonte o prafeado, »
Sereno rosto de Diana casta, »
De ti zombam, mal Phebo d'entre os braços »
De Thetis se levanta radioso. »

Mas não foste tu só, que o Fado austero
Assim tratou: Princeza desgraçada,
Bem sabido he o caso lastimoso
De Ascálafo loquaz, quando do Erebo
Agastada a Rainha quiz punil-o
Da funesta imprudencia em que cahira.
Já pela mão de Ceres conduzidos

Abandonavam as incultas brenhas »
Os homens d'antes barbaros e rudes, »
E qual de abelhas diligente enxame,
Com discreto trabalho melhoravam »
Os fructos que bravios dava a terra, »
E as ricas fontes da abundancia abriam. »
Já das artes em fim a que mais vale,
Aquella que fixou e que sustenta
O social Estado, começava
A libertar os homens da bruteza,
Que nas asperas serras os detinha; »
Quando das chammas do sulphureo Etna,
Em voragens envolto de atro fumo,
Rompeu, e viu o dia o Deus do Averno.
Amor, que então nas apraziveis praias
Da Sicilia aportára, mal o avista
Maligno se sorrî, e com destreza »
No arco embebe envenenada setta, »
Com que lhe vare o duro indocil peito. »
Mal o tiro desfere, e vê turbado »
O implacavel Plutão, que ancioso exhala »
Um profundo suspiro; a mão erguendo, »
Com o dedo lhe aponta astucioso »
Proserpina de Ceres filha amada,
Que festiva traçava, e graciosa »
Mil innocentes jogos com as Nimphas, »
Suas ledas, amaveis companheiras: »
Vê-la, abraça-la, e com despejo insano »

Rouba-la, foram actos de um momento, »
Para o Deus que domina o Estigo Lago.
Mas já soam os miseros lamentos, »
Os suspiros, as lagrimas queixosas »
Da magoada Ceres que buscava, »
Atonita e convulsa, a cara Filha. »
Debalde pressurosa os desabridos »
Climas percorre aonde o frio Norte »
No gelo enrija as ponteagudas azas: »
Debalde a esses passa, aonde Cook »
Ousado quanto humano, com mão firme »
Fixou do Mundo a derradeira meta: »
Debalde a sua amavel Proserpina »
Chama, vertendo amargurado pranto: »
Nenhuma voz responde a seos clamores: *
Nenhum vestigio encontra, que avivente »
Em sua alma a esperança amortecida. »
De novo entre gemidos volta aos Campos,
Onde Arethusa, em fonte transformada,
Per desvios conduz as claras agoas,
Como se inda fugisse á petulancia, »
Com que Alfeo abraça-la pretendia. »
Os olhos, onde as lagrimas pulavam, »
Lançando acaso á limpida corrente, »
Vê ainda boiando sobre as ondas »
O cinto virginal de Proserpina;
E como se a perdera nesse instante,
Volvendo ao Ceo o rosto magoado, »

Fere co' as tenras mãos o niveo peito, »
E solta aos ares insofridos brados. »
Já quasi maldizia a terra ingrata,
Em que tanto pezar a sossobrava;
Quando Alfeo, d'entre as agoas levantando
A limosa cabeça, lhe dizia:
Modera, ó Deusa, a tua dor; e sabe
Que no Tartareo Reino o sceptro empunha
Do teo materno Amor o doce objecto:
Eu a vi, de Plutão entre os nervosos »
Negros braços, entrar no seio escuro »
Da terra, que se abríra; e conduzida »
Ser por elle aos Abysmos. Só de Jove »
A voz omnipotente pode agora
Arranca-la do Reino de Summano.
Disse; e a Deusa subindo ao alto Empíreo,
A Jupiter expõe o infame roubo, »
Com lagrimas de dôr pungente e viva. »
Condoido o Pae terno lhe promete »
Que a filha lhe será restituida; »
Se, com fructos do Averno, suavisado »
Ainda não tiver a fome ou sede. »
Lei dura! mas do Fado irrevogavel *
No livro dos Destinos decretada. *
Afoita Ceres desce ao Lago Estigio: »
Mas pode acaso afiançar prudente »
Quem a força conhece, e o vivo impulso »
Dos apetites no femineo sexo, »

Que de um formoso fructo os atractivos »
Não ham de escurecer, por um momento, »
De acerbas magoas a impressão penosa? »
Proserpina gentil, sem que a pungente »
Materna saudade lhe empecesse, »
Ou de Plutão a barbara bruteza »
De invencivel horror a penetrasse, »
Tinha provado, nos jardins que cercam »
Do austero Dite o magestoso Paço, »
Succosos bagos de Romam viçosa, »
Que a rubra cor da vivida Granada »
Pelas fendas da casca aos olhos mostra. »
Ascalafo sómente a tinha visto
Saborear o delicado pomo; »
Ascalafo, que filho era de Orphene,
Entre as Nymphas do Averno a mais formosa.
Tal da Ethiopia nas adustas Cortes, »
Entre as Esposas dos brutaes Monarchas, »
Por linda se avantaja a que reune
A' negra cor do Ebano lustroso »
Olhos, aonde o fogo de Amor brilha, »
E dentes que na alvura sobrepujam
O polido marfim; assim de Ascalafo
No Averno a Mae gentil se avantajava »
A's outras Nymphas de infernal belleza, »
E Plutão junto d'ella, muitas vezes,
Das fadigas do throno se esquecia.
Até ao vê-la o duro Rhadamanto

Se diz que os feros olhos ameigava : »
Mas era vãa , travessa , e sem disvelo
Tinha educado o filho , que imprudente
O segredo fatal revela , quando »
Já entre os meigos braços a Mae terna »
Reconduzia a suspirada Filha. »
Indignou-se do Erebo a Sob'rana ,
E nas agoas do torvo Phlegethonte
Ensopando flexivel , tenro hysopo ,
Lhe aspergiu a cabeça que disforme , »
E emplumada ficou : a um lado , e outro »
Seis recurvadas pennas se levantam , »
A's humanas orelhas parecidas ; »
Quiz falar , e do rostro adunco rompem
Somente tristes agoireiros pios ,
Que frequente com rouca voz repete : »
Vai os braços mover , e sobre os ares »
O levantam pintadas longas azas »
De pardo-escuro , e ruivo colorido :
Em vez de pés , so dedos guarnecidos
Acha de agudas encurvadas unhas :
Desde então as nocturnas sombras ama ;
E do Averno fugindo sobre a Terra
O vôo dirigiu , onde lhe chamam
Mocho , presago de funestos males.
Ora habita edificios carcomidos ,
Ora cavernas de medonhas rochas ,
Ou cavos troncos de arvores antigas :

Sempre nos montes vive, e perguiçoso,
O unico signal que testemunha
Sua antiga grandeza, he a vaidade »
Com que em ninhos alheios deposita »
Os proprios ovos, para ver sem custo »
Prosperar a voraz infausta prole. (1) »

Apezar da perguiça, que lhe acanha
Os brios, muitas vezes por morada
Escolhe as terras, onde Marte ostenta
Já fereza selvatica indomavel, »
Já discreto valor, e arte engenhosa; »
E na Patria aparece dos Gustavos,
Ou lá no Canadá quasi deserto: »
Nem duvida assentar nocturno pouso »
Na fertil regadia Carolina,
Onde a face do homem brilha ufana

(1) He abuso inveterado entre os Portuguezes, assim Europeos como Americanos, dar a crear seos filhos a Escravas ou Amas mercenarias: não tanto pelo desejo de libertarem as proprias mulheres do incomodo de amamentarem os filhos, como pela fatuidade de ostentarem educação diferente da do povo baxo e miseravel. E he esta preocupação tanto mais forte, quanto menos tempo ha que as Familias, que a adoptam, sahiram d'aquella classe, com a qual a sua actual riqueza as leva a pretender não confundir-se: ou da qual só se distinguem pelos bens que possuem.

Com as feições da nobre independencia. »
Viver não lhe apraz menos, nas Antilhas;
Mas como se intentara disfarçar-se
Em acanhado corpo, se assimilha »
Ao Cuco detestado dos Esposos,
Bem que este facilmente se distingua;
Porque menos disforme move as lisas »
De variada cor lustrosas pennas. »
Aos lados da cabeça uma só pluma »
Se lhe divisa, a qual mui mal imita »
O talhe auricular. Contam que fora »
Da Etruria n'outro tempo Rei potente, »
Dotado de belleza sobre-humana, »
De engraçados, afaveis, meigos gestos, »
Que com força invencivel atrahia »
Os corações mais rigidos e austeros. »
Sempre imbelle, jamais brandira lança, »
Ou escudo embraçou, cingiu espada; »
So de Cupido na amorosa guerra »
Continuo se mostrou firme, e incançavel. »
Alpinello era o nome do Monarcha,
Da poderosa Venus protegido, *
Que devoto podera ornar seos Templos *
Com mil padrões de insolitos prodigios. *
Oprimido dos annos, e coberto *
Dos louros triunfaes do Deus de Gnido, *
A' Deusa pede com instantes rogos, *
Que lhe conserve o ser, e a forma mude *

Em ave graciosa, cujo canto, *
Seo nome e seos triunfos recordando, *
A fama perpetue das ditosas *
Continuas oblações, que lhe ofertára. *
Ouviu a Deusa a suplica devota, *
E em premio de seo merito o transforma «
Naquella ave maligna, conhecida »
Pelo nome de *Cuco,* que inda agora »
As vivas fantazias atormenta »
De ciosos, amantes indiscretos, »
Pintando n'ellas mil visões funestas »
De torpes scenas, perfidos enganos. »
Assim vagando, de um em outro clima, »
Chegou té ás austraes miseras terras, »
Firme morada em todas assentando. »
No fecundo Brazil, onde seo corpo »
Apoucado se mostra, o nome troca »
Em Caburé; mas, mais formoso ostenta »
Grandes, redondos, amarellos olhos, »
Onde brilha central negra pupilla: »
A seo arbitrio abaxa, ou ergue as plumas »
Que, em lateral postura, a frente adornam, »
Quaes agudas, polidas, moveis pontas. »
Facilmente domestico, e tranquilo »
Nas casas vive, aonde encontra abrigo.
Assim de Kolbe ao Cuco se assimilha,
Que habita o proceloso promontorio »
Onde Eólo suberbo se enfurece; »

E aonde Adamastor, com voz horrenda, »
Que pareceu sahir do mar profundo, »
Ameaçava o destemido Gama, »
Quando nas Indianas ricas praias »
Ia plantar as Lusitanas Quinas. »

Sublime genio, que na mente fertil *
Do Sulmonense Vate despertaste *
O fogo animador, comque retrata *
Da Natureza as obras e as mudanças; *
D'esse lume celeste na minha alma *
Sacode uma faisca, que avivando *
A já cansada frôxa fantazia, *
N'ella suscite imagens vigorosas, *
E nobres expressões apropriadas *
Para cantar os casos lastimosos, *
Os crimes descrever, e a iniquidade *
D'esses homens que o Mundo chamou grandes, *
E grandes em maldades foram dignos *
De que o supremo Jove, em justa pena *
De suas horrorosas crueldades, *
Os convertesse em carniceiras aves, *
(N'essas aves sombrias que so amam *
A escuridão das pavorosas trevas, *
E que, apenas desponta no oriente *
O claro Sol benigno derramando *
Sobre a face da Terra a luz brilhante, *
Ao seo aureo clarão promptas se occultam, *
Como temendo que as feições disformes, *

Que

Que o Ceo aos crimes seos apropriára, ✶
Patentes façam as paxões horriveis, ✶
Que em seos peitos ferozes inda abrigam:) ✶
E que expostos aos olhos dos humanos ✶
Os torne detestavel, digno objecto ✶
Da execração, e do geral desprezo. ✶
  Posto que similhantes na figura »
As descriptas té aqui; nenhuma off'rece »
Na alisada cabeça leves pennas
De forma auricular, e com diversos
Desenhos as distingue variamente
A rica inexhaurivel Natureza; »
Alvo corpo lhes deu, e as brancas azas: »
Com fuscas, separadas, curvas malhas, »
A's vezes, adornou ao duro Harfango, »
Que mais grave e avultado do que o Bufo, »
Distinto d'esse fez, não sem motivo. »
  Tu o sabes, ó Dania, pois trocado
Viste na forma d'esta feroz Ave, »
Esse brutal Monarcha deshumano, »
Que de sangue te encheu, te encheu de horrores: »
O infame Christierno, que de Nero »
Teve a maldade, e mereceu o nome. »
Agora so habita, e so levanta, »
Pesado e carrancudo, o triste vôo »
Nos paizes, aonde o frio intenso »
O natural instincto lhe entorpece, »
E aonde sombrio e carregado, ✶

Oprimido parece da lembrança *
Das passadas perfidias e cruezas. *
Nos climas boreaes do novo Mundo »
Tambem tomou assento; mas so ousa »
Raramente pousar no chão ditoso »
Que de Franklin o genio sobre-humano
Salvou das iras do celeste raio,
E dos furores do Britano altivo.
  Mais livre e menos fera, em toda a Europa
A Coruja revôa, apresentando
Quaes os dentes da serra cortadora
As pennas principaes, com que parece
Remar, quando divide os densos ares,
E n'elles bate as perguiçosas azas. »
Fusca, desagradavel cor lhe afea »
O corpo de mil plumas estofado. »
Em vão nos encovados olhos brilha »
O iris negro; n'elles se divisa
Da oleosa avelam a cor sombria. »
Em espessos silvados se agasalha, »
Ou nas copadas arvores, e d'ellas »
Nas abertas musgosas cavidades, »
Durante o dia, frôxa se recolhe, »
Mal entra o Sol nos invernosos signos. »
Entre os gemidos funebres, que exhalas, »
O' triste Noitibó, lá se distinguem »
Os rangedores gritos, que do centro »
Dos Cemeterios lugubres espalhas,

Pavoroso temor, gelado susto »
Derramando nos peitos indiscretos »
Dos ignorantes, crédulos humanos, »
A quem a fé estupida inda oprime *
De fatidicos, vãos, negros agoiros: *
Agoiros que de Roma presidiram *
A' baxa fundação, e que no tempo *
De sua colossal grandeza ainda *
As guerreiras emprezas dirigiam, *
Mas que hoje os mesmos Scipiões e Emilios, *
Respeito e pasmo do Universo absorto, *
So de riso ou de dó dignos fariam: *
Tanto pode do tempo a dura lima, *
E da Razão a placida cultura! *
O teo dorso amarello, aonde ondeam *
Pardas escuras manchas de ordinario »
De brancos lindos pontos salpicadas, »
Gentilmente realça, contrastando »
Com a alvura do corpo, e com o rostro, »
Que negro he só na ponta, aguda e curva, »
Com que feres e matas os coitados »
Miseros passarinhos innocentes, »
E com que fazes implacavel guerra »
Aos damninhos, subtis, timidos Ratos. »
Foi n'esta Ave mesquinha pregoeira »
De funereos desastres, que o Destino »
Transformou esse hypocrita cruento, »
Dissimulado perfido Philipe, »

Que atropelando as Leis da Natureza, *
Insultando a Razão e a Dívindade, *
De fogueiras cobriu, cobriu de luto *
A dèsgraçada Hespanha: que falsario *
Acusador e algoz do proprio Filho, *
Para a Esposa roubar-lhe, á morte o entrega, *
Simulando da Fé zelo exaltado *
Que em sua alma perversa jamais coube: (1) *
Feroz, ambicioso, insaciavel, *
Que roubando, sem pejo, sem disfarce, *
Os direitos dos Povos que oprìmia, *
Dilacerou cruel o manso Belga, *
E sugeitou com barbara perfidia *
A ferreo jugo o Lusitano Reino. *

---

(1) Se Philipe II.º de Hespanha occasionou, ou não, a morte de seo filho, o desgraçado Princepe D. Carlos, he ponto Historico ainda controvertido, e que pelas dificuldades que os Escriptores Hespanoes deviam encontrar em produzir as provas que o verificassem, e até pelo temor de o fazerem, he de esperar que fique para sempre duvidoso. Não obstante porém que a divulgação de uma tal voz, e de uma tam horrivel imputação, combinada com o caracter bem conhecido de Philipe II.º, façam assaz verosimil a sua realidade; eu não tenho em vista n'este logar corroborar os fundamentos da credibilidade d'este facto; limito-me a fazer sensivel o horror que uma tal acção

Tambem tu, ó Rainha deshumana,
Que em Philipe terias digno Esposo;
Que impia precipitaste nos abismos *
Do Averno, um apoz outro, os proprios Filhos; *
Tu que a noite medonha aparelhaste,
Em que Atropos, das Furias rodeada,
Armou do Fanatismo as mãos cruentas,
E de sangue banhou a França inteira:
O' Medicis, indigna de tal nome,
Inda mortes e horrores respiravas,
Quando os Ceos indignados te mudaram
Na mesma Ave nocturna, em que já fora
Mudado o Filho horrendo de Agripina.
Teo torto rostro, recurvadas unhas; »
Teo grito apupador e dissonante, »

---

deve naturalmente inspirar. Poetas não são Historiadores, aproveitam-se da Historia, alteram-na, e até fabulam para introduzir em seos poemas as ideas que podem dar-lhes realce, avivando nos corações de seos leitores o amor da virtude, o horror do crime, e em geral todos os sentimentos nobres e generosos. Se esta permissão he dada a todos os Poetas, como poderá negar-se a um Portuguez amante de sua Patria, e pessoalmente obrigado aos seos Soberanos; quando procura augmentar o horror contra um Principe estranho, que oprimu essa Patria, e usurpou os direitos d'esses Soberanos?

Teos azulados olhos não consentem , »
Nem a terceira remadora penna , »
A qual ás outras todas se avantaja , »
Que com outra alguma ave te confundas. »
Entre os Argivos *Glaux* foste chamada : »
Menos exactos, deram-te os Romanos
De *Noctua* o nome improprio , nome vago :
Coruja apupadora antes chamar-te »
Quizera , ou derivar de teos apupos »
Um nome imitador , e apelidar-te
Chat-huant , á maneira dos Francezes.
Oxalá que eu podesse apropriar-te
De *Tuidará* o nome , que designa
O Noitibó , na armoniosa lingoa
Do perguiçoso , afavel Brasileiro.
Com diversas feições, diverso nome
O Noitibó , e o *Chat-huant* habitam ,
Não só na desabrida Scandinavia ,
Mas nos climas aonde o Sol dardeja
Com mais calor os encendidos raios.
Com tudo de Cayana , per tal modo ,
No terreno fecundo e apaúlado ,
O *Chat-huant* varia , que parece
Nova especie formar , offerecendo
A' vista estranhas , variadas cores :
O bico côr de carne , as unhas negras ,
Os olhos amarelos , e a plumage
Ruiva , e mui subtilmente atravessada

De escuras riscas, que no dorso e peito,
E no ventre, lustrosas se divisam.
  Tambem move amarelos feos olhos
A *Ulula,* que só vive nos rochedos,
Entre ruinas, e asperas pedreiras, »
Ou ingremes, pendentes penedias, »
E sempre melancolica e sombria,
Nas solitarias brenhas busca azilo. »
Seo corpo, que per cima he branco e fusco, »
Os traços apresenta que figuram »
Ligeiras, ondulantes, vivas chammas. »
Distingue-se tambem, porque na cauda
As pennas, que a guarnecem, e qual leme
O vôo lhe dirigem, matizadas »
São de rectas, subtís, candidas riscas; »
Estas tambem a cauda aformoseam »
Da *Extrix* do Canadá, mas mais delgadas, »
Froxamente alvejando, la se avistam »
Sobre a ponta, nas pennas entremedias.
Sua erguida cabeça, negra no alto, »
De alvos pequenos pontos he manchada, »
Imitando do corpo as brancas malhas, »
Que sobre a parda côr nitidas brilham. »
Na parte anterior seo rostro alveja, »
Em tanto que nos olhos lhe scintila »
O amarelado íris reluzente, »
Que do doirado goivo a côr imita, »
De florentes Jardins cheiroso ornato. »

E como es facilmente conhecida »
Zueta, ou antes passarinho *Mocho!* »
Qual outra ave apresenta a nossos olhos »
Cinco distinctos laivos que branquejam »
Em regulares filas alinhados? »
Teo encurvado bico he amarelo »
Na ponta, mas escuro sobre a base: »
Teo corpo iguala apenas em grandeza »
O do canóro sibilante Melro. »
D'esta arte, a rica e sabia Natureza »
Em continua cádea os seres liga, »
Que no Globo espalhou; mas que dispostos »
Aos olhos do Zoologo discreto, »
Em ordem regular, per diferenças »
Tam tenues se distinguem, que parece, »
Que ella quiz, graduando subtilmente »
As transições de uns seres para os outros, »
Per insensiveis passos, n'um so todo »
Immensos *todos* reunir distinctos. (1) »

---

(1) O pensamento, que desenvolvi nestes dez versos, acha-se no original expressado da maneira seguinte:

He assim que a sublime Natureza,
Com laço inteligente os corpos une,
Que no Globo espalhou, desde os maiores
Até os mais escassos, e mesquinhos.
Per mil modos os une, e prende todos:
Até leves *nuanças* forma e assombra,

Assim de Hudson se vê na funda e vasta »
Bahia, revoar a ave que imita
O Gavião no bico, e audaz empolga
Em pleno dia a desgraçada preza:
Distingue-se mui pouco, na cabeça, »
E nos pés, da lucifuga Coruja. »
Caperacok he o nome que lhe deram, »
De raizes Britanicas formado: *
A varia cor das pennas a distingue;
Negras no alto são da erguida fronte, »
De candidos salpicos misturadas; »

Com que feições diversas misturando,
Finge unir n'um so ser diversos seres.

Determinei-me a substituir aquelles a estes versos, alem de diversas considerações faceis de perceber, a quem sabe avaliar a armonia da versificação, e tem verdadeiro conhecimento da lingoa Portugueza; por não me animar a introduizir n'esta o termo francez *nuança*, de que aliás muito carecemos. Entre tanto para que o exemplo de um homem de tanto espirito, saber e gosto, como o autor d'esta singular composição, não falte a algum bom engenho portuguez dotado da resolução que eu não tenho, transcrevi a passagem que por timido alterei. N'ella e na que lhe substituí, persuado-me que se encontra quanto basta para fundar sobre este ponto a deliberação de qualquer Escritor discreto, que se sinta com forças de formar autoridade.

« As que dos cotos pendem sobre as azas, »
De riscas transversaes são adornadas, »
Já brancas, já escuras; mas entre ellas »
As trez, que ao corpo mais visinhas ficam, »
« So de candidas orlas são bordadas. »
Longas escuras manchas se divisam, »
A parte inferior atravessando »
Da garganta, e ornando o ventre, os lados, »
O musculoso peito, e as leves pernas. »
Entre as compridas pennas, que lhe formam »
As azas, a primeira he toda escura »
Sem orla, ou branca malha, que a belleza
Lhe realce: tambem nisto imitando »
As ferozes carnivoras Corujas. »
Nas tortas aguçadas unhas segue
Das outras aves de rapina a forma.
N'esta feição, ou antes ofensiva »
Arma, nenhuma outra a Natureza »
Distinguiu com figura menos curva »
Do que o sordido Abutre, que do Tigre »
A força em proporção, e a sanha iguala. »
De pennas a cabeça despojada, »
De dura nua pelle guarnecida, »
Na parte anterior os olhos mostra »
A' flor da face vivos scintilando. »
A lingua ao comprimento dividida »
Per um direito rego, e levantada »
De um lado e de outro lado, na dureza »

As rijas cartilagens igualando, »
De uma calha a figura representa, »
Per onde a agoa no ventre se lhe entorna. »
O collo tem despido, e mal apenas »
De macia penuge se guarnece, »
Per entre a qual de quando em quando erguidas »
Raras grosseiras cerdas se apresentam: »
Inclinada postura sempre toma
Carregado e sombrio; bem mostrando »
N'este ingrato pendor a indole fera »
De seo cruento genio, e duro instincto. »
  Menos ferino, ou antes menos forte, »
Lançando aos ares lamentosos gritos, »
Ante meos olhos vejo o Perenôptero, »
Habitador dos levantados montes, »
Que ousado atravessou o grande Annibal, »
Quando o tremendo voto executando, *
A que Amilcar seo Pae o persuadira, *
Entrou na amena Italia, e ante as hostes »
Dos Penos fez tremer o Capitolio. »
Tambem na Grecia vive, onde as sciencias »
N'outro tempo existíram de mãos dadas »
Com leis, que a liberdade asseguravam, »
E onde agora a Ignorancia só domina, »
Do Despotismo Filha, Irmãa, e Esposa. *
N'esta terra infeliz, onde calcadas *
São as cinzas de Phocion, e Aristides *
Aos pés de vis Eunuchos, e de rudes *

Orgulhosos Baxás, a quem distingue *
A cauda triplicada, insignia propria *
De brutaes, ignorantes Potentados; *
N'esta terra, que as lagrimas promove *
Dos homens entendidos, solta o vôo *
Depois de repetidos vãos esforços
O pesado choroso Perenóptero. »
As pennas principaes, que ao ar o elevam, »
Na extrema margem são de branco tintas,
Excepto quatro ou duas, que se assentam,
Como primeiras, sobre as mais que as seguem,
E que uma mesma côr constantes guardam.
Das asquerosas ventas lhe dimana
Continuo mal cheiroso humor nojento;
E quando sobre os rudes pés se firma, »
As azas frôxo mal fechadas deixa; »
O que os outros Abutres, de ordinario, »
E carniceiras aves tambem fazem; »
Signal da laxidão, que lhes repassa
O peito vil, aonde se reunem
Cobardia e cruel ferocidade.
  Eis a forma horrorosa e desprezivel »
Que, em castigo de teos nefandos crimes, »
Os sempre justos Ceos te destinaram, »
O' Triumviro infame, que escondendo
A tua natural indole féra »
De baxo de estudadas aparencias »
De modestas virtudes, que não tinhas, »

Com aleivosa boca profanando
De cidadão Romano o nome e a gloria,
Os grilhões apertaste á tua Patria, »
E os filhos dos Valerios, e dos Gracchos »
Submeteste a teo jugo vergonhoso. »
Em vão das castas Musas procuraste ✶
O abrigo protector; em vão fizeste ✶
Que nas suaves Citharas soassem ✶
Dos cantores de Mantua, e de Venusa, ✶
Em lisonjeiros sons, teos mentirosos ✶
Falsidicos louvores: não poderam ✶
Suas vozes sonoras libertar-te »
Da ignominia indelevel, do ferrete »
Eterno, a que severa te condemna, »
Por tuas proscripções impias e obscenas, »
A Razão, cujas vozes reforçadas »
De geração em geração transmitem »
Teo nome com horror, ao Mundo inteiro: »
Em vão a dignidade veneranda
De Tribuno, e de Consul ostentavas,
Fingindo respeitar o que outro tempo ✶
Do orbe inteiro respeitado fôra: ✶
Em vão com reflectida, e simulada »
Moderação, prudente os pareceres »
Escutavas de Agrippa e de Mecenas, »
Para saber se o sceptro deporias,
Ou se da Patria o bem inda exigia »
Que em tuas debeis mãos o retivesses. »

Per entre o véo, que astuto pretendias »
Lançar á usurpação que exercitavas, »
Reverberava o plano ambicioso, »
Com que o grande edificio da Romana, »
Antiga liberdade demolindo, »
Meditavas cobrir de frias cinzas
Dos Brutos, e Catões os quentes restos.
Inda quando os teos dias so manchasse
O crime de chamar de Roma ao throno
O feroz, refolhado, torpe filho
Da enganadora Lívia, e ter formado
D'esta arte o anel primeiro da medonha
Detestavel cadea de Tyranos,
Que o Mundo per mil modos flagelaram;
Em quanto despreziveis, e odiosos *
Do mesmo Mundo aos olhos se faziam: *
Este so crime te fizera digno
De seres transformado em feo Abutre.
Inda na mão a penna sustentavas »
Com que havias no docil pergaminho »
Escripto o fatal nome do cruento »
Estupido Tiberio, quando a Deusa »
Que de Jove nascera e de Minerva;
A Deusa, que dictou as leis sublimes
De Lycurgo immortal, e longo tempo
Do Capitolio ao Fado presidira,
As unhas te aguçou, e accesa em ira
Denegridas as fêz e recurvadas;

O iris te pintou nos feros olhos
Com amarella cor avermelhada :
A cerulea cabeça , e o collo apenas »
De alva penuge te cubriu , e poz-te , »
Per baixo de pequenas brancas pennas »
Uniforme coleira pouco airosa. »
Falar quizeste , e os beiços alongados
Em negro adunco rostro se tornaram ,
Que só na torta ponta um pouco alveja.
No peito te imprimiu escura mancha ,
Que parece imitar no seo contorno »
De um coração a forma , e que somente »
Em sua cor retrata , escura e triste , »
De teos conselhos o fatal negrume.
Negou-te emfim nas azas , e no corpo
As proporções de um talhe airoso e nobre :
E rasgando-te a mascara de todo ,
Manifestou teos baxos sentimentos ,
Dotando-te de instincto sanguinario , »
Que disfarçar não podes , e te obriga »
A faminto buscar per toda parte
Cadaveres immundos , e corruptos
Que te aplaquem a fome insaciavel
De carnagem e sangue , que animára
Teo peito imbelle em quanto vivo foste.
Mas jà vejo no lucido orizonte ,
Per entre as brancas nuvens , apontando
O amoroso clarão da rôxa Aurora :

Já oiço o doce armonioso Canto *
Dos ledos passarinhos, que anunciam *
A magestosa aparição de Phebo: *
Já o Deus que visiveis faz as cores, *
As trevas afugenta, dardejando *
Do fulgurante rosto a luz que infunde *
Nos corações humanos alegria: *
Suspende, ó Musa, o doloroso Canto, *
Que, nos lugubres tons da Eolia lyra, *
Benigna me inspiraste: as aureas cordas *
Da Cithara divina aos tons alegres *
Acomoda de novo: aos indignados *
De trovejante voz duros accentos *
Succedam amorosas meigas notas *
De suave expressão: as lindas aves, *
Cujas vozes escuto, estam pedindo *
Cantos, onde os Prazeres, onde as Graças *
Risonhas resplandeçam, e onde o premio *
Das Virtudes se veja retratado *
Com aprazíveis cores, que despertem, *
E arreiguem n'alma os puros sentimentos *
Da compassiva, meiga humanidade, *
E da amavel geral beneficencia. *
Por um pouco, esqueçamos os horrores *
De cruezas, perfidias, e impiedades, *
Com que monstros, não homens, deshonraram, *
E affligiram a triste humana Raça. *
Dos bons as acções nobres recordando *

As

As tintas e os pinceis aparelhemos *
Para quadros traçar, que ao Homem fraco *
Animem na carreira da virtude, *
E que esperar lhe façam mais ditosos, *
Mais prosperos, alegres, mansos dias. *

NOTA.

Esta singular composição, cujo arido assumpto (ao menos encarado no systema da Natureza do celebre Linneo) parecia inteiramente fora do alcance da poesia, foi emprehendida pelo Autor na sua primeira mocidade. N'aquelle primeiro impulso, foi levada pouco mais ou menos á metade de sua extensão, relativamente ao ponto em que elle a deixou. A sua mudança de estado o determinou a pôr de parte todas as obras de Poesia profana, que havia emprehendido; e esta cahiu por tanto em perfeito esquecimento, com algumas outras. Passados alguns annos, tornou elle com tudo, a instancias minhas, a lançar de novo mão d'este trabalho, e o conduziu até a metamorphose de Octaviano em Perenóptero. Como este segundo impulso teve a sua origem na condescendencia, e não em a voz do genio que primeiro lhe sugerira o desejo de dar uma descripção das Aves em verso; o seo resultado não foi tam feliz como o do primeiro, e facilmente perdeu o Autor segunda vez a vontade de acabar a obra. D'aqui resultou que não cogitando mais de polir o que tinha feito, deixou elle este seo

trabalho em um estado de imperfeição que o fazia pouco digno de sahir á luz publica. Com tudo, eram tantos os rasgos de genio; tantas as belezas poeticas, e tantas as dificuldades vencidas; que eu julguei dever, senão acabar, ao menos corrigir e aperfeiçoar, quanto em mim coubesse, este producto verdadeiramente original de um genio poetico, para honra do Autoer, da lingua Portugueza: e por tanto, usando do direito que o mesmo Autor me dera sobre as suas obras, poucos dias antes de seo falecimento, passei a cortar todas as passagens que me pareceram menos proprias, ou mais arredadas da beleza de outras: introduzi alguns pensamentos novos; e dei a muitos dos antigos diversa forma, e mais amplo desenvolvimento. Não podendo porém desconhecer a inferioridade de meos talentos, relativamente aos do Autor; e não sendo de justiça que as minhas imperfeições e defeitos lhe sejam em tempo algum atribuidos, assentei distinguir os meos versos, dos seos, notando com o asterisco (*) todos os que, não somente são meos, mas exprimem pensamentos meos; e de marcar com o signal (») todos os que, sendo per mim compostos ou emendados, exprimem pensamentos que o Autor havia diversamente expressado. Introduzi a segunda invocação que começa:

Sublime genio que, na mente fertil
Do Sulmonense Vate, despertaste, etc.

para marcar precisamente o ponto em que me vi obrigado a tratar quasi de novo a materia, sem desaproveitar com tudo os pensamentos, e até alguns exce-

lentes versos de meo Amigo; e rematei o Poema com um fecho que me permitisse enxerir no corpo do mesmo poema a descripção de todas as aves que foram omitidas; se per ventura este meo trabalho fosse bem recebido do Publico, e eu tivesse occasião de imprimi-lo segunda vez.

Lembrado mesmo de que talvez algumas horas de descanço me permitissem intentar a descripção poetica das outras ordens, em que Linneo dividiu as aves, deixei entrever no fecho com que terminei esta primeira noite, o desejo de assim o executar. Entre tanto, nem a minha edade, nem o estado da minha saude me permitem que eu contraia com o Publico um empenho que não tenho certeza, nem mesmo notavel probabilidade, de poder executar.

CARTA

DIRIGIDA A MEO AMIGO JOÃO DE DEUS PIRES FERREIRA,

Em que lhe descrevo a minha Viagem per mar até Genova.

MEO PIRES,

DESPONTAVA o dia em que a meos olhos, não sem saudade, havia por alguns mezes desaparecer Lisboa,

Que merece bem o nome
De Bysancio occidental;
Onde o saber pouco val,
Têm valor so prata e oiro,
Branco assucar, rijo coiro;
He melhor *ter,* que virtude:
Pelo menos assim pensa
Gente douta, e povo rude.

Dir-me-ha que de Londres, Amsterdam, Berlin, Vienna, se pode dizer que *sicut et nos manquejam de um olho;* não duvido: de Pariz por ora nada digo; espero as leis civis para ajuizar se fizeram n'ellas o que devem.

He então que a minha Musa,
De cantar mais anciosa,
Ferirá de novo as cordas
De sua lyra saudosa.

Entretanto vamos ao ponto, que he a descripção da minha viagem até Genova. Per onde começarei?

Cansada a mimosa Aurora,
Para o leito se acolhia,
Em quanto Apollo açoitava
Os messageiros do dia.

Em vão Pyrois retorcia
As orelhas fumegantes,
E com rinchos dissonantes
Ethonte o ar aturdia;

Porque Apollo enfurecido
Mais e mais os fustigava,
Vibrando a torta manopla
Com horroroso estampido:

Vinte vezes foi ouvida,
Qual o vento, sibilar,
E nas ancas revoltosas
Dos ginetes estalar,
Por tal modo

que amanheceu emfim de todo. Confesse que he uma das manhãas longas que se tem visto raiar

sobre o Orizonte: mas emfim amanheceu. Era de esperar que, depois de tanto trabalho de Apollo, a manhãa fosse clara e brilhante: não succedeu assim;

Porque densa escura névoa,
Per entre o freo, escumavam
Os cavallos furiosos,
Dos açoites que aturavam.

Se lhe não agrada esta theoria, para explicar a origem das névoas; saiba que em Poesia ainda se não deu melhor; e se não he certa, ao menos he assaz intelligivel para mostrar que a manhãa foi nebulosa. Irra! que manhãa! eu mesmo ja não sei como hei de chegar ao meio dia, a não ser de pulo. Saltemos pois:

Zuniu nos ares
O meio dia;
Batel ligeiro
Já conduzia
O Palinuro
De aspecto duro,
Que promettera
Ser nosso Guia.
Corpo pequeno,
Rosto tostado,
Magro, escarnado,
De frôxas rugas

Entretecido;
De cãas ornado,
O mal burnido
Cabellò preto:
Eis o retrato
D'este bisneto
Do Gran' Neptuno.
Dizem que Juno
Já pretendera
Faze-lo esposo
De uma Sirea,
Que mal o viu,
De medo chea,
A cor perdeu,
E entre gemidos
Em fim morreu.
Jaz sepultada
No fundo mar
Perto do estreito
De Gibraltar.

Mal garimpou sobre o Navio, deu tres passeios, mediu o Ceo com os olhos, e de commum acordo,

As velas se desfraldaram;
Dinamarqueža bandeira
Pelos ares ondeava,
Com aparencia guerreira:

Mas, ó caso nunca visto !
O' maravilha estupenda !

Não se assuste : he pouco mais de nada : o Hiate do Piloto da Barra tinha protestado naquelle dia desarvorar; e sem ondas, nem vento que tanto pudesse, desarvorou com effeito ; e foi-se embora, deixando o bom Piloto

Que passeia, a um lado e outro
Volve os olhos pensativo ;
E ora frôxo, ora mais vivo,
Tudo quer, tudo rejeita.
A buzina pede e emboca,
Gritos asperos soltando,
A's inhospitas moletas
Piedade suplicando.

Quiz consola-lo ; mas debalde lhe dizia que elle ia ver as columnas de Hercules, a victoriosa rocha donde, balas ardentes, disparadas a tempo, lançaram per terra projectos concebidos sobre numerosas esquadras, e desatinaram Generaes esperançosos : debalde lhe descrevia a alongada costa de Hespanha, o nunca assaz temido Golfo de Lyão, o prazer que teria de avistar-se face a face com a Serenissima Republica de Genova, que sem duvida lhe forneceria todos os soccorros, que elle tivesse meios para pagar :

Tudo em vão lhe pintaria;
Pois n'aquelle duro instante,
Terno Esposo, Pae amante,
Da Consorte só ouvia
Os gemidos, e a saudade
Dos filhinhos que deixava,
E tam mimosos creava.

D'isto conclue Vm.ce muito bem, que o dito Piloto era casado, e tinha filhos. Apezar do que, sería obrigado a navegar té Genova, se não fosse

Barco atrevido
Que ouve o clamor,
E condoido
Gira ao redor,
Offerecendo
No alagadiço,
Salgado bojo,
Doce hospedage.
Então descendo,
« Aqui me alojo »
Disse, e entoando
« Boa viagem »,
Clamaram todos,
Dinamarquezes
E Genovezes,
« Boa viagem. »
Por largo tempo
Os tons diversos

No ar dispersos
Se revezaram,
E retumbaram,
Amedrontando
De vagos peixes
Immenso bando.

Vendo-me so, e sem haver quem fizesse retinir aos meos ouvidos

Da Lusitana lingua o tom canoro,

Resolvi-me restituir aos amigos, pelo modo possivel, o tempo que lhes roubava da minha companhia, de que tantas vezes pareciam fazer caso. Vieram me entam á lembrança os nomes de Bachaumont, e Chapelle:

Dois famosos bebedores
Que, intentando tornar fixas
Do rosto as vermelhas cores,
Da *Champanha* bellicosa,
Do *Bordeos*, e da viçosa
Sãa *Borgonha* visitaram
As adegas afamadas.
Ah! quantas vezes,
Sem se assustarem
De mil revezes
Que a historia aponta,
Guerra emprehenderam
Contra esquadrões,

Em ala postos,
De garrafões
A que arrancaram
Rolhas teimosas,
E despejaram
Nas sequiosas
Goelas vorazes;
Sem, um momento,
Ouvido a pazes
Quererem dar.
Depois, tocando
Na docil lyra,
E descantando
Suas victorias,
Nos descreveram
Quanto beberam.
A viajar,
O Tejo e Nilo
Talvez bebessem,
Se em vinho os rios
Se convertessem:
Pois ha quem diga
Que transportados
Em alegria,
E coroados
De verdes parras,
A Baccho um dia
Quasi estiveram

Para volar
Que o mesmo mar
Enxugariam;
Se as suas agoas
Baccho pudesse
Vinho tornar.

Isto me resolveu a imita-los, não em beber, mas em referir a minha viagem. Bom será com tudo dizer, para não denegrir a reputação d'estes Senhores, mais do que merecem, que elles não eram bebados, mas amadores de bom vinho. Se não entende bem a differença que há entre estas duas coisas, consulte a sociedade dos bebedores, que diffundida per todo o Portugal, tem o Gran'Mestre em Coimbra.

Em espirito de vinho
Conserva os estatutos,
Que o licor, ó coisa rara!
Respeita e mantem enxutos.

Ensopando a branca penna
No Carcavelos brilhante,
E no Porto fumegante
O Gran'Mestre os escreveu.

Montesquieu e Plutarcho
Longos annos revolveu,
Antes qu'esta obra findasse,
A maior que o mundo deu!

Das Bacchantes toda a historia
Em tres regras decifrando,
Em outras tres, mil diversas
Novas coisas desenhando.

Encerra em pequeno espaço,
Quanto, na paz e na guerra,
O Magistrado, e o Soldado
Necessita sobre a terra.

Muito tinha a dizèr sobre esta obra admiravel, se não fosse a vozeria da equipage, que me obriga a largar mão da penna para attender a um individuo, que nos põe a todos de mao humor, e a mim em susto.

Um Tritão todo coberto
De marisco e verde limo,
Traz somente descuberto
O nariz agudo, e frio.

Pelas ventas vem soprando
Vento *Leste* enregelado,
E dobra, de instante a instante,
Seo furor endiabrado.

Treme o mar encapellado,
O baixél torcido geme,
Mal segura o indocil leme
O mancebo debruçado.

Que hade ser de mim, meo Pires? em que lingua hei de falar a este Tritão para abrandar a sua colera? Portuguez, Italiano, Latim, Francez, Inglez, he de que eu sei alguma coisa: mas quem pode adivinhar a lingua dos Tritões? Experimentemos; vou falar-lhe em todas ellas, talvez que entenda alguma:

Basta já, Senhor Tritão,
(*Não entende.*)
Per pietá, Tritone amato,
(*Menos.*)
Triton, I can no more,
(*Tempo perdido.*)
Prudence, Seigneur Triton,
(*Peior.*)
O' Triton, esto pacato
Corde, animo, naso e ore.

Com effeito á esta ultima lingua fez um leve aceno; e he indubitavel, que até os Tritões veneram a antiguidade; mas ou seja perrice, ou tenção antecipada, cada vez se accende mais em ira:

Eis que as bochexas engrossa;
Ai de mim, onde esconder-me!
Parece querer no abismo,
De um só sopro, soverter-me.

Boa vontade tinha de lhe pintar aqui uma tempestade; não faltará occasião: entretanto imagine

serras, montanhas, ondas, mares, Ceos, abismos, Boreas, Austro, Leste, Oeste, e toda a caterva dos ventos; ajunte-lhes quatro adjectivos, e tres verbos para os unir, e terá uma tempestade completa. O peior he que não se aplaca a que me persegue: vou de novo suplicar o Tritão na lingua que parece entender... Bravo! começa a adoçar-se; aplacou-se de todo; vai-se embora,

Depois de roncar seis vezes
Com medonho horrendo ronco,
E de sorver outras tantas,
Por ser um Tritão mui porco,
O limoso verde monco;
Escorregando,
Contradansando
Ligeiramente,
No fundo mar
Em lisa gruta
Foi se abrigar.

Bravo! bravissimo!

Baxa do Olympo
Terna alegria,
Meigo sorriso:
De companhia
A's lindas Graças
De braços dados
Picantes ditos
Venham ligados.

Entre tanto começa a aparecer o Estreito : delicioso espectaculo ! encantadores momentos! o vento tempestuoso tornou-se em um zephiro agitado : o mar embravecido apenas se move assaz para impellir o navio. Quanto he bello contemplar o Autor da natureza, (se este nome adoravel pode repetir-se entre as frivolas pinturas da minha penna) dando leis ao Oceano para estreitar-se de repente , e correr ameaçando em vão as costas de Barbaria e Hespanha , ao longo das quaes lhe manda que se estenda lambendo-as , e deixando aos homens habitações , que cultivem e fecundem com facil trabalho :

Meo Senhor e meo Deus ,
Como ao longe se estende sobre a terra
De vosso nome a gloria !
Disseste, e logo rebentou, no seio
Do informe nada, creadora força.
Onde estavas , ó homem !
Quando a luz entre as trevas resurgia ,
E qual suberbo Esposo ,
No leito nupcial erguendo a frente
Banhada em mil prazeres ,
Assim raiava, de esplendor cercado,
O sol, para emprender sua carreira ?
Com gigantesco passo
Desde um polo a outro polo se abalança
Da terra que alumia

Ás

As geladas entranhas animando
Com celeste calor, prenhe de vida.
Em que mata embrenhado
Orgulhoso gemias, quando tudo
Ao aceno cedia
Do Soberano Ser, que tudo impera?
De lucidas estrelas se adornava
O firmamento altivo,
De verdes plantas se vestia a terra,
E sobre os eixos seos se equilibravam
Os mundos que lançára,
Com mão omnipotente, sobre os ares.
Meo Senhor e meo Deus,
Ah! cante a minha voz, antes que eu morra,
Um hymno de louvor ao vosso nome,
Ao vosso nome santo!

Não cuide porém, querido Amigo, que ficamos no Estreito, e que o Navio, n'elle grudado, finda de repente a sua derrota: vou já dar ordens para caminhar avante.

Holá Piloto!
Já, já soltar
As velas todas;
No mesmo instante
De Gibraltar
A dura rocha
Quero avistar.

Obediente Piloto ! eis Gibraltar, sitio de marcial fortaleza, e de poetico furor :

Salve suberbo rochedo,
Tropheo do valor Britano,
Onde as forças se quebraram
De todo o poder Hispano.
Elliot, eu te saudo;
O teo nome não esquece,
Não cuides que o homem desce
Todo inteiro á sepultura.

Defronte assoma sobranceiro ao Mar o celebre castello de Ceuta, que me faz correr pelas veas enthusiasmo patriotico; lembra-me João primeiro, e a sua familia heroica.

Aqui, ó Musa ! prepara
Novas cordas, novo canto;
Escutai cheos de espanto,
Mortaes, meos sublimes versos.

Estava quasi emprehendendo uma Ode; mas quando me lembra que estas emprezas militares dos Lusitanos tinham por origem, ou pretexto, persuadir os Mouros, com a espada na mão, para abraçar uma Religião adoravel que ensinava a morrer pelos Moiros para os converter, não a matalos; esfria-se me todo o enthusiasmo. Passemos pois adiante, se o consentir

Calma ociosa
Que, esperguiçando-se,
Vai estirando-se
Per entre as velas.

Triste figura tem o tal sugeito do sexo feminino chamado calma:

Quasi sempre bocejando,
Se abre um olho, fecha o outro,
Pela boca respirando
Pestilente ingrato alento.

Tem por noivo o inerte somno,
Que a dormitar a acompanha,
Com tregeitos se arreganha,
Quando fino quer falar-lhe.

Vive roncando,
De noite e dia,
Adormentando
Tudo á porfia.

Dos pés lhe sobem,
Quaes trepadeiras,
Mil dormideiras
Em torno ao corpo.

Sorve em uma hora,
Com grande asseio,
Quintal e meio
De opio Indiano.

Frôxo se estende
A dormitar,
Vinte e tres horas,
Sem acordar.

Que esposo tam comodo! Quantas mulheres da nossa terra desejariam um marido que dormisse vinte e tres horas per dia; Deus me livre d'ellas; temo as mais que peste, fome, e guerra:

Qual soldado em dura guerra,
De feridas retalhado,
Como morto abandonado
Sobre o chão de imiga terra.

Se depois no pobre albergue,
Chega em paz a agazalhar-se,
Sente o sangue congelar-se,
Ouvindo o som dos tambores:

Assim eu que em mil batalhas
De amor cego fui ferido;
Ai de mim! e das feridas
Vivo mal convalecido.

Tremo e perco a cor do rosto,
Ao lembrar-me do inimigo,
Que me fez per tantas vezes
Desprezar mortal perigo.

Disse pouco, inda a belleza
Mais feroz he do que Marte,
Apezar do ferro e fogo
Que o seguem per toda parte.

Se o Soldado graça implora,
E se rende prisioneiro,
Marte abranda o ardor primeiro,
Perde a raiva que o devora.

Não assim n'esse combate
Que o homem chamou Amor,
Seduzido da doçura
De um veneno enganador.

Se curva os frôxos joelhos
O cativo miseravel,
Cada vez mais se lhe torna
Seo destino insuportavel.

Só se alegra a vencedora,
Rasgando a torpe ferida,
N'ella mais, e mais cravando
Da flecha a ponta embebida;

E triumfa quando em gritos,
Vê fugir espavorida
A melindrosa innocencia
Que val mais que a mesma vida.

Mas ai de mim! quem me acode? Ah! que aparece de novo o diabolico Tritão; maldito! em tam

pouco tempo vir desde o cabo de S. Vicente até ao golfo de Malaga; e para maior desventura não vem só, com elle vem um Exercito de Tritões!

Uns a cavallo,
Outros nadando,
Vem manejando
Armas que callo;

E callo com razão por serem de um uso raro, e dificil, e algum tanto sordidas. Não me obrigue a dizer-lhe que são odres,

Onde cerrados,
Os ventos rugem,
E tudo estrugem
Assim liados;

Que será abrindo-se, e concedendo-se sahida franca? Ah! que se abriram tres de repente; para que logar hei-de fugir? vejo o Navio, os Ceos, e as ondas;

Já de assustado
Todo estremeço,
E desfaleço
Quasi sem tino.
Tritão mofino,
Vai-te em ma hora;
Ah! não te encare
A meiga Aurora

Com brando rosto,
Quando mimosa
Occupa o posto
Do loiro Phebo.
Fervente cebo
Te abraze a gruta
Onde recolhes
A mal enxuta
Face musgosa.
Nunca te encontre
Doris formosa,
E perra um dia
De furor cega,
Na costa fria
Da Noroega,
Sem té escutar,
Te mande altiva
Que vas morar:
Onde não vejas
Nadante Nympha,
Que as tuas lagrimas
Possa enxugar.

Já nenhum odre vejo por abrir; ai de mim! pobre de mim! coitado de mim! Eu bem queria ir por algum outro mar que não fosse este mar Mediterraneo, infestado per tantos naufragios; pelo qual ha mais de mil annos, nenhum homem de juizo

devia navegar; pois não ha n'elle um só porto a que os habitantes da Europa não possam ir per terra, se exceptuarmos algumas Ilhas, que podiam muito bem ficar desertas. Triste mania he esta de andar pelo mar!

Dos ventos toda a força unida bate
Na solitaria vela que guarnece
O misero baixel; duro combate,
Em tanto, o mar bramando lhe offerece.

De instante a instante, as ondas agitadas,
Umas sobre outras, com furor rebentam,
E quaes medonhas bombas, remessadas
Per inimiga mão, tudo amedrentam,
Assim quebrando no Navio estalam,
E os Nautas todos com temor se calam.

Chama-se isto o principio de uma tempestade: se tiver outra para contar-lhe, receberá o meio; e na terceira o fim: inveja quem quizer o destino dos que vingam o Cabo de Bôa-Esperança, para ir trocar patacas por pagodes, e amontoar fortuna e bens; eu por mim, de boa vontade lhes deixo toda

A preciosa canella
Da mal segura Colombo;
De Bengala a rica, e bella
Musselina tam gabada.

He melhor viver sem nada,
Que abrir-se perfido rombo
Na vistosa caravella
Que surca as ondas ousada,
E que do mar a braveza,
Faz com furia deshumana,
Ir dar com dono e riqueza
La no Reino de Pantana.

Esta desgraça he o que eu tremo que nos aconteça com a tempestade horrivel que sobrevem no golfo de Valença. He tanto mais lastimosa, quanto forma um durissimo contraste com a idea que eu faço do clima doce e ameno d'esta região, do carácter e ventura de seos habitadores, e dos ferteis campos que elles cultivam. Apezar d'isto,

Quaes montanhas escarpadas
Erguem-se os mares raivosos,
Sopram ventos ás rajadas,
Sempre e sempre mais irosos.

Sobre as nuvens quasi sobe
O navio mal seguro;
Desce logo de repente
Te do abismo ao centro escuro:

Balançea a um lado e outro,
Per mil partes estalando;
Rouca a voz, já mal se entende
O Piloto commandando.

Suor frio banha o rosto
Não sómente ao passageiro;
Corre até pelo semblante
Do robusto marinheiro.

Cambalea o corpo todo,
Falta o pé escorregando;
Já parece que nas vêas
Vai-se o sangue congelando.

Agora he muito serio; a tormenta ameaça sossobrar-nos, e já se trata de fazer actos de contrição. Direi eu hoje um adeus eterno aos meos amigos? Será de veras

Que, sem piedade,
Intente a morte
Tragar-me agora?
Nenhuma edade
Contra ella he forte;
Fere e devora,
Em um momento,
O macilento
Velho teimoso,
E o corpulento
Mancebo airoso
Que em verdes annos
Se confiava,
E so de enganos
Se apascentava.

Paciencia ! morrerei , e ficarei sumido no abismo , sem haver mão que possa ir lavrar um epitaphio sobre a minha sepultura. Mas debalde eu vejo o susto pintado sobre o rosto de um antigo Piloto d'estes mares ; debalde as trevas da noite acrescentam um horror de morte ao espectaculo temeroso que os ventos e as ondas apresentam ; debalde tudo me faz estremecer ; ainda a esperança me não fugiu de todo , ainda me está dizendo ,

Muito em segredo :
« Não tenha medo. »
Inda verei
Os meos amigos ,
Estes perigos
Lhes contarei ,
E a catadura
Horrenda , e dura
Da morte fera
Lhes pintarei.

Se eu ao menos soubesse nadar, per ventura me furtaria á morte que me está imminente. Como he louco e barbaro o systema de educação que os Europeos tem adoptado ! Tomaram dos Gregos e dos Romanos o que estes tinham de peior ; aprenderam a fazer-se pedantes, e esqueceram-se de fazer-se homens. A adolescencia, edade preciosa, gasta-se em grangear vicios , e decorar coisas muitas vezes

inuteis. Depois de muita fadiga, um rapaz Europeo finda a sua educação nos Collegios e nas Universidades, quando tem adquerido um corpo effeminado, ou doente, e um espirito vaidoso, frivolo, recheado maís de nomes que de coisas, e tam extraviado do caminho das sciencias, que ordinariamente nunca mais atina com elle. Como estou serio! como estám sisudas todas as minhas ideas! e que excellente coisa seria o èstar para morrer, se se quizesse compôr um bom tratado de politica ou de moral! Até já não sei falar em verso, e se a tempestade não amaina, ficarei fazendo eternamente prosa. Que me diz ao tempo, meo Amigo? lá estalou, e fez-se pedaços a verga do mastro grande.

Ah! se Homero navegasse,
E de Ulysses a jornada,
Pelos mares contrastada,
Curioso acompanhasse;
Se o navio ameaçasse
Nos rochedos sossobrar,
E toda a pobre equipagem
Entre as ondas sepultar:
Pode ser que não contasse
Do astuto Grego a viagem,
Ou que ao menos, ao canta-la,
Muitas vezes gaguejasse.
As Musas pintam a Morte,
Mas tremem só de avista-la;

E la no Pindo,
Castello forte
Tem levantado,
Onde subindo
Nada receam
Do vento irado.

Já se ouve menos motim, e dizem que o vento quer serenar; boa noticia que aparece com o romper do dia. Serenou com effeito, e nunca mais a proposito se aplicaram aquelles magestosos versos de Camões:

« Depois da procellosa tempestade,
« Nocturna sombra, e sibilante vento,
« Traz a manhãa serena claridade,
« Esperança de porto e salvamento. »

Que prazer! que alegria brilha em todos os rostos! não conhece o prazer aquelle que nunca esteve a pique de naufragar, ou que per algum outro modo não viu a morte acenar-lhe de perto. Com tudo, variou em um momento!

Viva aquelle que acrescenta
Novos riscos de morrer,
Porque tambem multiplica
Novas causas de prazer.
Já não quero maldizer
O mortal aventureiro

Que sobre as ondas primeiro
Arriscou tudo perder.

Para que he maldize-lo, pois lhe devo estes instantes de alegria? Quero antes largar a penna, e ir considerar os ultimos enfadamentos do mar, quando começa a desagastar-se. Ainda faz bulha; mas a sua ira já não mette medo: parece mais bazofia do que ira, e faz me lembrar uma bella passagem de Virgilio;

Qual a languida setta,
Da mão velha e cansada
De Priamo em furor arremessada,
Nem levemente enceta
As armas do inimigo embravecido;
Antes, mal fere o ar, cai já sem força:
Tal inda o mar se esforça,
E lança algum bramido;
Mas sem vigor, e lento
As ondas ergue e abate
Em o mesmo momento,
E no Navio bate,
Já quasi sem alento.

Desafio agora todos os Tritões, todos os ventos do Mundo; não os temo, porque depois de escapar d'esta tormenta, não ha modo de conseguir que eu pereça naufragando.

Invulneravel
Sobre elemento
Tam implacavel,
Que privilegio!
Não concedido
Nem ao Collegio
Dos Eleitores
Que em Ratisbona
Imperadores
Vam corôar.

Se D. Quixote pilhasse este privilegio, vê-lo hiamos talvez arremessar sobre as ondas o seo Rocinante, e com a lança em reste ir atacar tubarões e baleas, e pôr em convulsão todo o Reino de Amphitrite. Em Hespanha nasceu a imaginação feliz que desenhou este homem extraordinario, e com elle a engraçada familia dos Pansas.

Não conheço quem legasse
Tal porção de Attico sal,
E aos vindoiros preparasse
Um prazer que tanto val.

Se, no afinamento alegre em que estou, podesse haver á mão o Cervantes, e lê-lo;

Soltas risadas,
Com todo o peito
As gargalhadas

Eu largaria,
E a gente toda
Convidaria
A pôr-se em roda
Para escutar.
So de o pensar,
Já estou rindo
Sem descansar.
Mas onde estamos?
Qual he a Costa
Que navegamos?
Espere um pouco;
Vou perguntar:

Estamos defronte da Catalunha,

Provincia indomita,
Triste presagio,
Que algum adagio
Promette á Hespanha!

Declaro, para que este quarteto seja entendido, que *adagio* aqui significa o contrario de *allegro*; e se assim mesmo me não entenderem,

Bem pouco importa.
Fico saltando,
Sempre brincando
Co' as loiras filhas
Do claro Apollo

Que

Que desde o berço
No meigo collo
Já me afagavam,
E me ensinavam
Altos segredos
Com que, algum dia,
Troncos, rochedos
Abalaria.

Como risonhas
Me vêm buscar!
Deixam o Pindo
Por me afagar.

Eis Terpsicore!
Um belisção
Pretendo dar-lhe
Na linda mão.
Foi muito forte;
Ficou queixosa,
E de mimosa
Se fez mais bella.

Euterpe a lyra
Tras sobraçada,
Pede que seja
Per mim tocada:

Ah! vai-te Euterpe,
Não posso agora:
Sem alto estilo
E voz sonora,

O grande Pindaro
Quem imitasse,
Melhor seria
Que se lançasse
No fundo mar;
Onde um concerto
Co'os surdos peixes
Fosse entoar.
  Vem cá Thalia:
De fina graça
Vem salpicar
Os lindos versos
Que vou cantar.
  Mas caprichoso,
Já não te quero:
Rosto severo
Pareces ter:
Queres discursos
Longos fazer?
De fel amargo
Meo peito encher?
Foge depressa,
Desaparece,
Engana a quem
Mal te conhece.
  E tu Calliope
Impertinente,
Mandas que intente

Uma Epopêa ?
Galante idêa !
Que me faria
Perder de todo
Minha alegria.
  Como he possivel,
O' Melpomene,
Que o mar serene,
E o vento abrande,
E nem assim
Teo rosto acene
Algum prazer ?
Sempre a verter
Pranto de dor,
E de furor
Scenas traçando,
Punhaes e mortes,
Vives, sonhando.
  Hoje á porfia
Todas danadas,
Para enfadar-me,
Vindes ligadas.
Deixai-me embora,
E do Parnasso
No monte escasso
Ide habitar.
  Sois nove doidas,
O' nove Irmãas !

Envergonhai-vos;
Já tendes cãas.

Foram se embora, deixaram-me todas, e muito a proposito; porque entramos no golfo de Lyão que banha as costas de França; e em materias de França, *chiton*. Estas Musas são faladoras, e se ficassem, podiam inspirar-me alguns versos *Catonicos:* o que seria coiza mui arriscada. He melhor pacificamente

Entrar em Genova,
Onde engolfado,
Vivo no Estado
Das *Senhorias.*

Daqui vagaram
Per toda a Europa,
E vento em popa
Tudo innundaram.

De Hispanos *Doms*
Giram cercadas,
Que lhes preparam
Ricas pousadas.

Palacios, casas,
Hospicios tem,
Onde endoidecem
Gentes de bem.

Té no Mondego,
Na vãa Cidade,
Possuem grossa
Famosa herdade.

Feliz o dia
Em que a nobreza
Do *tu* Romano
Hade, outra vez,
Da *Senhoria,*
Do *Dom* Hispano,
A vãa grandeza
Ver a seos pés.

Quem achar que reprehender n'estes ultimos versos não tem razão; porque eu falo n'este ponto, não como politico, mas como Orador e Poeta, que se zanga muitas vezes de sacrificar energicos pensamentos á prolixa etiqueta dos tratamentos. Em todo caso, ainda quando por encurtar a lingua e obsequiar os oradores, se tirassem os *Doms* ás meninas de Lisboa; as *Senhorias* aos Cavalheiros de Provincia, e aos Juizes de fora; as *Excellencias* ás Morgadas do Minho e Tralosmontes, e ás mulheres dos Negociantes do Porto; não vejo que d'isto se seguisse grande mal, nem que as Leis do Reino fossem por isso menos bem observadas. Agora he bem justo que eu leia o que tenho escrito. Li e confesso que não sei como he possivel achar uma ca-

beça assaz disparatada para combinar, entre coisas serias, tantas coisas frivolas. Descubro porém uma idêa que he de molde para a nossa terra, e que pode sugerir a alguns dos sabios que n'ella habitam um *in folio* similhante a outros que compoem a nossa literatura. Falo do meo Dialogo com o Tritão, que lembra tam naturalmente uma obra que tivesse por titulo: *De Antiquitate à Tritonibus venerata*, obra immortal só pelo titulo, e que aperfeiçoaria o edificio de nossa immensa, e quasi sempre, inutil Literatura Lusitana. Se algum Padre *Caetano* lhe ajuntar a genealogia dos Tritões, ficará uma obra completa, e digna ao depois de ser comentada per todos os que fazem prologos em linguage de *seiscentos*, ou mesmo de *quinhentos*, e nunca na que convem para o nosso seculo. Estava quasi traçando alguns capitulos para esta obra; mas começo a cansar, e he melhor guarda-los para outra carta na qual sei, meo querido Amigo, que hade ler, sempre com gosto particular, o protesto ardente e sincero com que sou

O SEO CALDAS.

FIM.

INDICE.

INDICE

DOS ASSUMPTOS

CONTIDOS N'ESTES DOIS TOMOS.

TOMO I.º

PSALMO XII.

XIII.

XIV.

XV.

XVI.

XVII.

XVIII.

XIX.

PSALMO XX.

PSALMO XXXVI.

PSALMO XLIV.

XLV.

XLVI.

XLVII.

XLVIII.

XLIX.

L.

LI.

PSALMO LXIX.

LXX.

LXXI.

LXXII.

LXXIII.

LXXIV.

LXXV.

CIV.

POESIAS PROFANAS.

CANTATA.

ODE.

SONETOS. Pag.

FIM.

ERRATA.

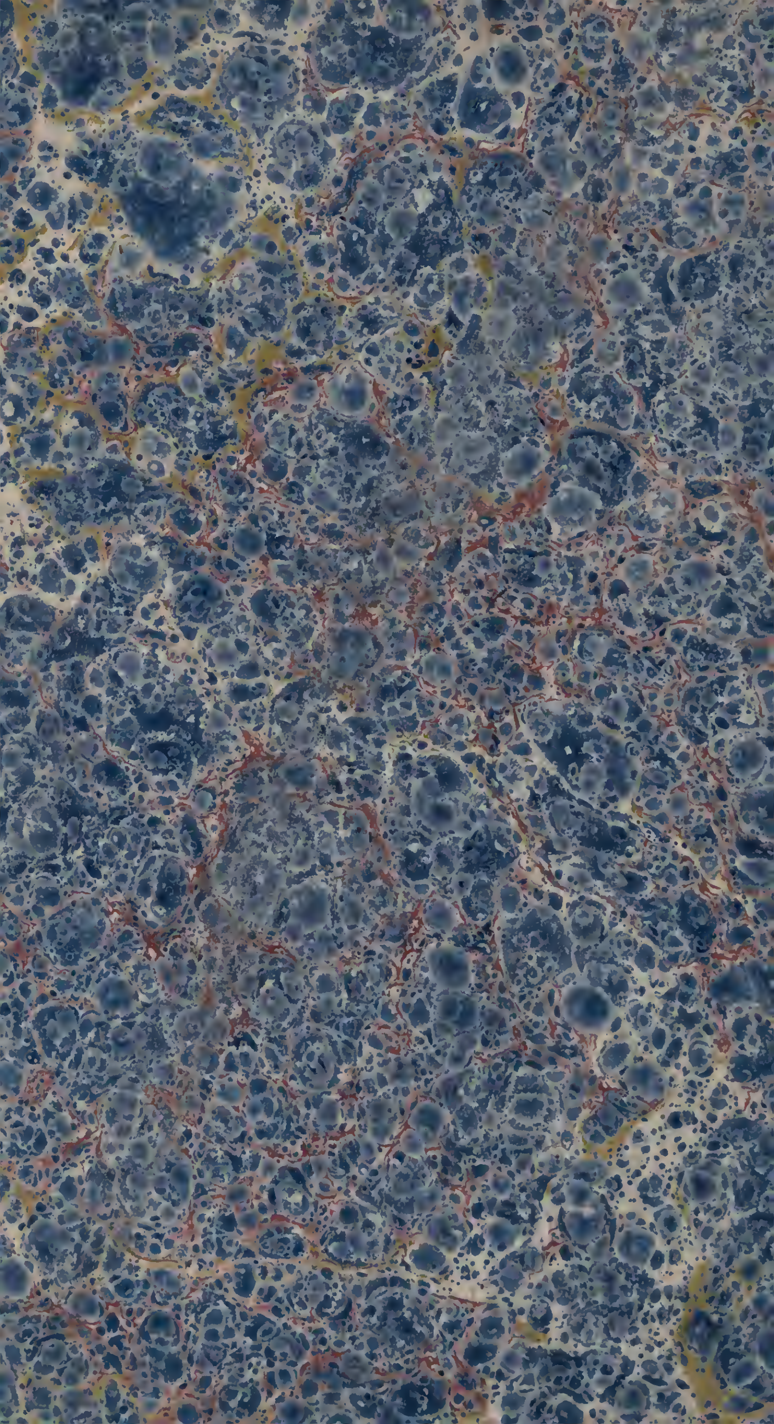
TOMO I.º

Pag.	*lin.*	ERROS.	EMENDAS.
xxi.	25.	perceitos.	preceitos
12.	3.	des	dos
13.	17.	Obrêr	Obrar
15.	8.	por	per
—	26.	confianca.	confiança
16.	9.	exprobeis.	exprobreis
21.	18.	agrandando.	agradando
61.	18.	splende	esplende
75.	21.	qui	chi
82.	6.	seme.	se me
88.	3.	Traducçao	Traducção
94.	24.	pejoe.	pejo e
96.	17.	Gabouse.	Gabou-se
98.	2.	veso.	vejo
104.	3.	et.	e
106.	15.	disarçados.	disfarçados
115.	11.	temeo.	temeu
194.	10.	qu aes.	quaes
229.	18.	escohidos.	escolhidos
239.	8.	O mal fiz	O mal eu fiz
—	*ibid.*	para.	por
261.	12.	banirá.	banira
369.	17.	dic	diz :
410.	7.	O Sion	O' Sion

TOMO II.

1.	18.	termoe.	termo e
5.	4.	molher.	mulher
24.	11.	emque.	em que
44.	25.	não-torne.	não torne
77.	18.	da Decalogo.	do Decalogo
85.	17.	vero.	vêr o
96.	3,	acende.	accende
105.	18.	das leitores.	dos leitores
107.	8.	Decujo.	De cujo
—	19.	offerecem.	off'recem
114.	2.	TROVADA.	TROVOADA
131.	9.	Este.	Esta
149.	7.	dealegria.	de alegria

FIM.



PQ Pereira de Souza Caladas,
2019 Antonio
P38A17 Obras poeticas
1821
v.2

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

